

Ano 84 Nº 752 3º trimestre de 2016  
ISSN: 2358-1697



Revista  
de  
**Química Industrial**

Edição Eletrônica 10 do Nº 752

# Química:

## Tecnologia, Desafios e Perspectivas na Amazônia





ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE QUÍMICA **2016**



Simpósio Nacional  
de Biocombustíveis

**A biodiversidade na produção  
de biocombustíveis**

Teresina - Piauí  
27 a 29 de abril de 2016  
Trabalhos: 7 de março



Simpósio  
Brasileiro de  
Educação  
Química

**IMPEQUI**

**Base curricular nacional para  
a Química na educação básica**

Manaus - Amazonas  
10 a 12 de agosto de 2016  
Trabalhos: 15 de junho



Encontro Nacional  
de Tecnologia Química

**Tecnologias limpas: Um desafio  
econômico e ambiental**

Goiânia - Goiás  
19 a 21 de setembro de 2016  
Trabalhos: 21 de julho



**CBO**  
Congresso Brasileiro  
de Química

**Química: Tecnologia, desafios  
e perspectivas na Amazônia**

Belém - Pará  
7 a 11 de novembro de 2016  
Trabalhos: 2 de agosto

Informações: [www.abq.org.br](http://www.abq.org.br)



# Editorial

Este número da RQI traz consigo a segunda edição do Caderno de Química Verde, cuja receptividade de sua edição inicial foi excelente. Ou seja, os leitores encontrarão ali informações importantes para os que atuam nesta área da Química, um dos eixos temáticos mais caros à ABQ. Para descobrir as potencialidades do Caderno de Química Verde, basta ir às páginas centrais deste número da RQI.

Mantendo a tradição de destacar os eventos promovidos pela ABQ, passamos em revista a 14ª edição do Simpósio Brasileiro de Educação Química, ocorrido em Manaus em agosto passado, e a 9ª edição do Encontro Nacional de Tecnologia Química, que teve lugar em Goiânia, sede do 55º CBQ em 2015, em setembro. Um ponto comum segundo os participantes foi o alto padrão dos dois eventos, atestado, por exemplo, pelo nível das palestras e das mesas-redondas. O mesmo espírito entusiasta que moveu esses eventos está presente no maior evento que a ABQ promove anualmente, o Congresso Brasileiro de Química, cuja 56ª edição ocorrerá em Belém, depois de 10 anos. Uma programação cuidadosamente planejada, em local adequadíssimo, e o charme da região amazônica envolverão os participantes. O tema deste CBQ, “Química: Tecnologia, Desafios e Perspectivas na Amazônia”, é explorado na matéria de capa deste número, sendo entrevistada a Profa. Dra. Eloisa Helena Andrade, pesquisadora renomada da Coordenação de Botânica do Museu Paraense Emílio Goeldi e com forte atuação na área de produtos naturais. Essa entrevista é complementada por um apanhado histórico, feito pelo Editor, da importância dos produtos da Amazônia nas exposições internacionais de que o Brasil participou no início do século XX.

A ABQ é a responsável pela disseminação em âmbito nacional do Brazil International Chemical Sciences Chapter, divisão científica internacional da Sociedade Americana de Química (American Chemical Society – ACS) sediada no Brasil. A principal missão do ACS Brazil Chapter é estreitar relações entre as comunidades científicas brasileira e americana, criando mais oportunidades para colaborações e trabalho de equipe entre grupos de pesquisa dos dois países. Além disso, o ACS Brazil Chapter busca melhorar a comunicação entre a ACS e seus sócios no Brasil. O Chapter esteve presente no 15º Encontro Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa em Materiais (SBPMat), ocorrido em Campinas em setembro passado. Este número apresenta uma breve resenha deste evento.

Quatro artigos figuram nesta edição da RQI, abordando temas variados: biodiesel, processamento de resíduos de óleo e produtos naturais, aliás, assuntos bem enquadrados no tema do 56º CBQ. O esforço pela indexação da RQI continua a fim de atender a todos os indicadores que habilitam ao seu credenciamento em bases de dados. O acesso às edições digitalizadas da RQI a partir de 1960 e constantes em seu portal ([www.abq.org.br/rqi](http://www.abq.org.br/rqi)) continua sua trajetória ascendente, tendo recebido comentários até do exterior. A versão completa das normas de submissão de artigos em vigor está no portal da revista.

Como de costume, este número da RQI põe o leitor por dentro do que acontece no mundo da Química. Um conteúdo rico e diversificado que prenderá a atenção e motivará o interesse pelas atividades desenvolvidas pela ABQ. Acompanhe conosco os passos que a RQI vem dando, renovando seu compromisso firmado em seu primeiro editorial em fevereiro de 1932, de ser um veículo a serviço da Química, de difusão de informações que signifiquem uma melhor formação dos profissionais e uma melhor qualidade de vida à sociedade brasileira. RQI: o passado e o presente da química aplicada no Brasil passa por aqui!

**Júlio Carlos Afonso**  
Editor

# EXPEDIENTE

## RQI – Revista de Química Industrial

([www.abq.org.br/rqi](http://www.abq.org.br/rqi))

Órgão oficial da Associação Brasileira de Química para divulgar os eventos que promove; publicar matérias relevantes na área de química, como entrevistas com eminentes personalidades da ciência e tecnologia em geral, artigos técnicos, técnico-científicos e científicos relacionados à área industrial, P&D (inclusive em escala de laboratório) e desenvolvimento de técnicas analíticas, bem como resenhas de livros e outras publicações. A convite do Editor, a RQI publica artigos de opinião de pessoas convidadas.

Indexada no Chemical Abstracts. Indexada no Qualis da CAPES nas áreas de Ciências Agrárias I (B5), Ciências Ambientais (B4), Engenharias II (B4), Engenharias III (B5), Geociências (B5), Interdisciplinar (B4) e Química (B5). Para fins de citação, a abreviatura da revista a ser usada é *Rev. Quim. Ind.*

### Fundador

Jayme da Nóbrega Santa Rosa (1903-1998)

### Editor

Julio Carlos Afonso (UFRJ)  
e-mail: [editordarqi@abq.org.br](mailto:editordarqi@abq.org.br)

### Editor Associado

Airton Marques da Silva (UECE)

### Conselho Editorial

Alvaro Chrispino (CEFET-RJ)

Cláudio José de Araújo Mota (UFRJ)

David Tabak (FIOCRUZ)

Eduardo Falabella Sousa-Aguiar (CENPES e UFRJ)

Geraldo André Fontoura (Bayer e UFF)

Gil Anderi da Silva (USP)

Magda Beretta (UFBA)

Maria de Fátima Vitória de Moura (UFRN)

Newton Mario Battastini (SINDIQUIM - RS)

Peter Rudolf Seidl (UFRJ)

Sergio Roberto Bulcão Bringel (INPA e CRQ-XIV)

Silvana Carvalho de Souza Calado (UFPE)

Viridiana Santana Ferreira-Leitão (INT)

### Capa, arte e diagramação

Adriana Lopes - [asl.eventos@globocom](mailto:asl.eventos@globocom)

### Impressão

Gráfica Nova Brasileira - [guilhermeventurelli@gmail.com](mailto:guilhermeventurelli@gmail.com)

### Associação Brasileira de Química

([www.abq.org.br](http://www.abq.org.br))

Utilidade Pública Federal:

Decreto nº 33.254 de 08/07/1953

Av. Presidente Vargas, 633 sala 2208

20071-004 – Rio de Janeiro – RJ

Tel/fax: 21 2224-4480

e-mail: [rqi@abq.org.br](mailto:rqi@abq.org.br)

© É permitida a reprodução dos artigos e reportagens desde que citada a fonte. Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores. Normas para envio de artigos: ver na página 78 e no portal [www.abq.org.br/rqi](http://www.abq.org.br/rqi).



ISSN: 2358-1697

Revista de Química Industrial

Ano 84 Nº 752 3º trimestre de 2016

Edição Eletrônica 10

## SUMÁRIO

### 1 Editorial

### 2 Sumário e expediente

### 3 Aconteceu Simpósio Brasileiro de Educação Química

### 9 Capa Química: Tecnologia, Desafios e Perspectivas na Amazônia

### 16 Aconteceu Chapter presente em evento da SBPMat

### 16.1 Caderno de Química Verde

### 17 Artigo de Opinião Produtos da Amazônia em Exposição na Europa

### 20 Acontecendo Congresso Brasileiro de Química

### 23 Aconteceu 9º Encontro Nacional de Tecnologia Química

### 27 Aconteceu na RQI

### 30 Agenda

### 31 Índice de Artigos

# Simpósio Brasileiro de Educação Química Manaus - 2016

**Aginaldo Arroio**

*Diretor de Educação da ABQ e Presidente do 14º SIMPEQUI  
Faculdade de Educação - USP*



Manaus, 10 de agosto de 2016: tem início o 14º Simpósio Brasileiro de Educação Química – SIMPEQUI, evento organizado e realizado pela Associação Brasileira de Química, desde 2003. Esta é a primeira vez que o evento ocorreu na capital do Estado do Amazonas e a segunda vez na região norte do Brasil, contando com o apoio da ABQ – Regional Amazônia Ocidental, do Conselho Regional de Química-XIV Região (Roraima, Amazonas, Rondônia e Acre), Universidade do Estado do Amazonas, Universidade Federal do Amazonas e as agências de fomento CAPES e CNPq. O palco deste SIMPEQUI foi o Centro de Eventos do Da Vinci Hotel & Conventions, localizado na Rua Belo Horizonte, 240, Adrianópolis.

No dia 10, primeiro dia do evento, aconteceu o curso “Aprendizagem Baseada em Casos Investigativos”, ministrado pela Profa. Dra. Salete

Linhares Queiroz (IQSC-USP). O curso teve como objetivo fornecer aos participantes subsídios para elaboração e aplicação de casos investigativos no ensino de química, assim como para analisar suas funções e adequação a diferentes realidades educacionais. Durante as 4 horas do curso foi possível apresentar as origens do método de estudo de casos, sua popularização e a produção de casos e estratégias para uso no ensino de química. Articulando o método de estudo de casos e de aprendizagem baseada em problemas estabelecendo as características comuns e diferenciadoras das duas propostas. E também as possibilidades de utilização do método de estudo de casos na promoção da argumentação no ensino de química. A professora Salete é especialista em Ensino de Química e tem uma vasta produção científica evidenciado em seu currículo Lattes com



**Diretoria da ABQ-AO apresentada ao público por Celso Fernandes: 2º a esq., Presidente, Sergio Bringel; 4º a esq., Vice-Presidente, Gilson Mascarenhas; em pé, Diretor-Tesoureiro, Pedro Campelo; Diretora-Secretária, Ana Carolina Duarte**

livros e artigos publicados em periódicos indexados no Brasil e no exterior.

Na sessão solene de abertura aconteceu um espetáculo de cores revelando a exuberância da região amazônica com uma apresentação cultural deslumbrante do grupo do boi Tribo de Veras Companhia de Dança, vindo diretamente de Parintins. Com um corpo de bailarinos, músicos, e cantores vestidos com suas cores vermelho e azul, deram um show narrando as histórias e lendas da região.

Após o show, formada a mesa diretora, estavam o Presidente da ABQ e o Presidente do Evento, Professores Roberio Oliveira e Agnaldo Arroio, o Presidente do CRQ-IV Região, Prof. Gilson da Costa Mascarenhas, o representante da UFAM, Prof. Tulio de Orleans Gadelha Costa e o Presidente da ABQ Amazônia Ocidental, Prof. Sergio Roberto Bringel. Foi apresentada a 1ª Diretoria da ABQ-AO.

A palestra de abertura sobre “Políticas curriculares e a disciplina escolar Química”, foi proferida pela Profa. Dra. Maria Inês Petrucci Santos



**Apresentação do Grupo de Boi que levou aos participantes a magia da Amazônia terminando por transformar o auditório em um grande palco de dança**

Rosa, da Faculdade de Educação da UNICAMP. A professora acaba de retornar de seu estágio de pós-doutoramento realizado na Universidade de Brighton na Inglaterra com o professor Ivor Goodson, referência internacional sobre currículos. Na palestra a professora discorreu sobre as questões relacionadas ao currículo desde a legislação até suas implicações na sala de aula e como se relaciona com a prática docente de professores novatos e experientes.

O currículo de química é um dos temas que a professora Maria Inês tem desenvolvido suas pesquisas, de acordo com os artigos publicados em periódicos indexados conforme seu currículo Lattes.

A Profa. Dra. Daisy de Brito Rezende, do Instituto de Química da Universidade de São Paulo, foi responsável por trazer uma experiência internacional de pesquisa realizada sobre currículo e profissão docente realizada na República Democrática do Timor Leste, como tema “O currículo e a formação de professores: Uma experiência timorense”. A professora apresentou os resultados de seu trabalho sobre as representações sociais de grupos de professores de química em situações de desigualdade social extrema, possibilitando comparações entre as realidades timorenses e brasileiras, bem como a colaboração dos especialistas brasileiros na reconstrução desta nação lusófona na elaboração de currículos, formação de professores e produção de materiais.

O Prof. Dr. Marcelo Leandro Eichler, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, proferiu a palestra “Propostas curriculares inovadoras”, reportando sua experiência e pesquisa sobre a implementação de proposta de reforma curricular inovando quanto às condições de trabalho dos professores na região sul do país.

As contribuições do professor em compartilhar tais experiências mostram a relevância do evento em difundir as experiências realizadas em território nacional no que tange ao ensino de química, pela diversidade de contextos e situações. Discutiu

FOTO: Agnaldo Arroio



**Profa. Maria Inês Rosa**

sobre a importância de políticas públicas permanentes como política de estado para a realização de um projeto educacional que promova condições adequadas para o trabalho do professor na realização dos currículos nas escolas.

Como podemos destacar, os palestrantes que participaram do evento este ano são pesquisadores reconhecidos na área de Educação Química com ampla produção científica, referências sobre suas temáticas de pesquisa tanto no Brasil quanto no exterior, contribuindo para a elevada qualidade científica no SIMPEQUI. Notamos ainda que as intervenções e interações dos participantes durante as palestras evidenciaram tal reconhecimento, pois sempre se referiam aos participantes como os autores dos livros e artigos científicos utilizados em seus cursos de formação inicial, continuada e pesquisas realizadas em suas instituições.

**Prof. Marcelo Eichler**



FOTO: Agnaldo Arroio



**Jorge Cardoso Messeder, Robério Oliveira e Rosa Oliveira Marins Azevedo**

Além das palestras no programa deste ano ainda ocorreram duas sessões de debate, o primeiro deles sobre “Articulações do currículo da formação de professores e o currículo da escola”, com as apresentações dos professores Prof. Dr. Jorge Cardoso Messeder (IFRJ / ABQ) e Profa. Dra. Rosa Oliveira Marins Azevedo (IFAM, de Manaus). E o segundo sobre “Integridade e ética na pesquisa: da produção a difusão do conhecimento”, com as apresentações do Prof. Dr. Airton Marques da Silva (UECE / UFC / ABQ) e do Prof. Dr. Jesus de Nazaré Cardoso Brabo (UFPA, campus Belém / ABQ-PA).

Ainda na programação deste ano ocorreram dois painéis para discussão sobre “Experiências do fazer docente em diferentes contextos na Região Amazônica”, com a apresentação da Profa. Thelma de Oliveira Prado e da Profa. Darlinda Dias Monteiro, ambas da Secretaria Estadual de Educação do Amazonas, e ainda “Base curricular nacional comum e suas implicações”, com a apresentação da Profa. MSc. Ana Lúcia Barros de Andrade, da Secretaria Municipal de Educação de Manaus, do Prof. Dr. Maurício Brito da Silva, da Secretaria Estadual de Educação do Amazonas, e da Profa. Vera Lúcia Lima da Silva, do CONSED.

Também aconteceu uma atividade denominada “Momento com Autor” no qual os participantes puderam conversar com os autores de livros sobre Educação Química conhecendo melhor as obras, bem como adquiri-las com direito a

autógrafo.

Neste ano tivemos a participação da Profa. Dra. Salete Linhares Queiroz (IQSC-USP), que apresentou seu último livro sobre estudo de casos para o ensino de ciências; da Prof. Dra. Solange Wagner Locatelli (UFABC), que apresentou seu livro sobre metacognição e o ensino de química; da Profa. Dra. Daisy de Brito Rezende (IQ-USP), apresentando um livro de coletânea de pesquisas no ensino de química; do Prof. Dr. Otávio Santos (IFPE), apresentando um livro sobre resolução de exercícios de química; e do Prof. Dr. Marcelo Eichler (UFRGS), que divulgou seu último jogo digital que será lançado em breve (foto abaixo).

FOTO: Arquivo ABQ



FOTO: Agnaldo Arroio

Nas sessões de comunicação oral foram apresentados trabalhos do Ceará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Amazonas sobre “Aulas de laboratório de química: Concepção de alunos do terceiro ano de uma escola de ensino profissional do município de Tauá-CE”, por Leonardo Felix Santiago da UFC; “Abordagem CTSA entre proteína e culto ao corpo: Uma proposta de aula para ensino médio”, por Tatiana Alves Toledo, do IFSudMG; “A Química Em Tudo”: Ação de divulgação científica em escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro”, por Joaquim Fernando Mendes da Silva, da UFRJ; “Produção de alimentos saudáveis e medicamentos fitoterápicos por meio de horta orgânica”, por Edson Henrique Pereira de Arruda; do IFMT; e “A influência dos recursos tecnológicos no ensino da química em duas



escolas públicas na cidade de Manaus”, por Hildarlene Anne dos Santos Serrão, da FAMETRO.



**Comunicação oral: Jorge Messeder e Hildarlene Serrão, da FAMETRO**

No mesmo dia, na segunda sessão de comunicação oral, tivemos trabalhos do Maranhão, Amazonas, Amapá e Pará sobre: “Teatro amador: Metodologia interdisciplinar para o ensino de Química”, por Barbara Lethicya Silva Sousa, do IFMA; “A cultura medicinal de plantas no município de Maués elucidando o estudo de funções orgânicas no curso de agropecuária–IFAM/CMA”, por Patrícia Freitas Moraes, do IFAM-Campus Maués; “Estágio supervisionado em química: reflexões sobre as diferentes práticas docentes a partir de um documentário”, por Edimara Moreira Braga, do IFAP; “Uma proposta alternativa para o ensino de vidrarias de laboratório: Dominó das vidrarias”, por Mario Queiroz Pereira da UFPA; “A aprendizagem baseada na resolução de problemas de questões abertas: Um relato de experiência sobre o experimento “Barco a Vapor”, por Ataiany dos Santos Veloso Marques, da UEA.

No segundo dia foram apresentados trabalhos do Rio de Janeiro, São Paulo, Roraima e Paraná na sessão de comunicações orais: “Ética e cidadania na educação por meio da utilização de jogos no ensino de química”, por Shirley Lima de Azevedo Neta, do IFRJ; “Tarefas contextualizadas mobilizam relações conceituais espontaneamente? O caso de sujeitos experientes”, por Solange Wagner Locatelli, da UFABC; “Química ambiental: Uma abordagem sobre a atmosfera, água e solo por meio de vídeos produzidos por alunos do segundo ano do ensino médio integrado ao técnico em agropecuária”, por Ricardo Penha Moreno, da UERR; e “O uso de dispositivos móveis como ferramenta didática no ensino de química: Um estudo de caso com estudantes de licenciatura em ciências da natureza”, por Maria das Graças Cleophas, da UNILA-PR.

Na última sessão de comunicação oral, os trabalhos apresentados provinham de Minas Gerais, Maranhão, Rio de Janeiro, Ceará e Amazonas: “Os botões de Napoleão e as 17 moléculas que mudaram a história: Uma proposta para o Ensino de Química”, por Rodrigo Régis Campos Silva, do CEFET-MG;

**Comunicação oral: Leonardo Felix Santiago, da UFC**



“Sabão ecológico: proposta científica e sustentável para as aulas práticas de química orgânica”, por Bárbara Lethicya Silva Sousa do IFMA; “Meninas na Química – Como instigar meninas do Ensino Médio a optar por carreiras científicas”, por Joaquim Fernando Mendes da Silva, da UFRJ; “Ensino a distância: Análise da percepção dos discentes da universidade aberta do Brasil de Jaguaribe-CE”, por Maria Eugenia Silva Vargas, da UFC Virtual; e “Levantamento do perfil do bolsista de química do PIBID UFAM”; por Marcella Cortes da Silva; da UFAM.

Houve também apresentação de trabalhos no formato de pôster em sessões coordenadas, onde os participantes puderam discutir sobre os projetos

desenvolvidos de ensino e de pesquisa das mais diferentes regiões do país.

Em 2017, o 15º Simpósio Brasileiro de Educação Química acontecerá novamente em Manaus de 9 a 11 de agosto, com a temática “*Saberes tradicionais e científicos: diálogos na Educação Química*” no mesmo Centro de Eventos do Da Vinci Hotel & Conventions.

Para obter informações sobre a programação do SIMPEQUI e as inscrições visite [www.abq.org.br/simpequi](http://www.abq.org.br/simpequi)

Participe das discussões e novidades sobre Educação Química nas redes sociais, Facebook do grupo: SIMPEQUI :

<https://www.facebook.com/groups/364089053764826/>.



**SESSÕES DE  
PÔSTERES**



Este é o tema do 56º Congresso Brasileiro de Química. Extremamente vasto, vem, entretanto, chamando a atenção de pesquisadores do mundo todo desde os tempos do Brasil Colônia. Sua exploração, em bases sustentáveis, é um desafio que exige muita pesquisa e desenvolvimento, na compreensão da grandeza e diversidade características da Região Amazônica, em que a Química desempenha um papel da maior relevância. Para que os leitores da RQI possam ter uma ideia do significado e do potencial das riquezas amazônicas, nada melhor do que convidar um pesquisador grandemente engajado nessa área. A Profa. Dra. Eloisa Helena de Aguiar Andrade aceitou gentilmente nosso convite. Ela é pesquisadora Adjunto I da Coordenação de Botânica do Museu Paraense Emílio Goeldi e Professora Adjunto III do Departamento de Engenharia Química e de Alimentos do Centro de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Federal do Pará. É docente dos programas de pós-graduação em Química (UFPA) e pós-graduação em Biodiversidade e Biotecnologia da Rede Bionorte (Rede de Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal).

Atualmente é Coordenadora do Polo do Estado do Pará, do Programa de Pós Graduação em Biodiversidade e Biotecnologia (PPGBIONORTE-PA) da Rede Bionorte. Possui forte atuação na área de produtos naturais.



**RQI: Face à extraordinária riqueza natural que representa a Região Amazônica, quais são as oportunidades que considera as mais relevantes na atualidade para a área de pesquisa e desenvolvimento em Química?**

**Eloisa Helena:** Segundo Cláudio Maretti, líder da Iniciativa Amazônia Viva da WWF, a Amazônia é o bioma número um em biodiversidade no mundo, portanto a riqueza natural da Amazônia é inquestionável, mas para a produção de novos insumos, tendo por base esses recursos, é necessário estender o conhecimento científico de espécies com potencial econômico, visando subsidiar o setor público e privado na execução de projetos com impacto tecnológico sustentável voltado para o crescimento, por exemplo, da agroindústria regional, mas associado ao crescente processo de inclusão social, e a um processo permanente de conservação e preservação do ecossistema regional.

Portanto, para garantir que o processo atual de desenvolvimento, seja na Química ou qualquer outra área, é necessário o conhecimento do cenário geral dos recursos naturais da Amazônia. Dessa forma podemos proporcionar um modelo com menos

gravidade dos impactos ambientais contribuindo efetivamente para o desenvolvimento sustentável, tendo como condição essencial, uma forma de desenvolvimento que satisfaça as necessidades do presente sem comprometer as necessidades das futuras gerações.

Nosso grupo de Pesquisa “Plantas Aromáticas e Oleaginosas da Amazônia”, que tem a participação de pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG), entre outras, acumula conhecimentos sobre diversos ecossistemas amazônicos, e mostra a importância de estender o inventário sobre a flora da Amazônia. Por exemplo, espécies aromáticas com ocorrência em ecossistemas tão diversificados como os da Amazônia (matas de terra firme, de várzea, de igapó, além das áreas de cerrado, campos naturais e vegetação litorânea) estão sob permanente pressão ambiental em face da ação do homem na exploração dos recursos florestais, ainda bastante predatória. Além dos desmatamentos e queimadas exigidos pelo próprio desenvolvimento. A taxa de extinção das espécies aromáticas que ocorrem em áreas de

pressão ambiental é crescente, haja vista a dificuldade de hoje com a coleta de plantas de um mesmo ambiente.

A flora aromática da Amazônia apresenta-se, neste cenário, como uma fonte renovável apropriada à produção de essências aromáticas e como alternativa econômica para o desenvolvimento sustentável, com real perspectiva na geração de riqueza para a região (ao lado, na foto, alguns livros publicados envolvendo a química de plantas aromáticas (no Lab. Adolpho Ducke).



**RQI: A exploração das riquezas amazônicas sempre evoca o problema da degradação ambiental dessa vastíssima região da América do Sul. Como é possível conciliar a exploração dos recursos naturais e a preservação do ambiente amazônico?**

**Eloisa Helena:** A partir de 2003, o Governo Federal adotou a criação de Unidades de Conservação (UC) como estratégia para inibir o avanço do desmatamento e auxiliar a regularização fundiária em regiões críticas da Amazônia. Antes desse período, as Unidades de Conservação eram principalmente criadas em áreas remotas. Apesar da elaboração do plano de manejo ser obrigatória em um prazo máximo de cinco anos após o decreto de criação da UC, a maioria desses da Amazônia Legal ainda não foi iniciada ou não está concluída.

O Pará possui cerca de 83 Unidades de Conservação. Sendo dezenove estaduais, distribuídas no território de 32 municípios, abrangendo 16,94% da área total do estado, o que ainda é muito pouco.

Nosso grupo de pesquisa tem realizado expedições em algumas áreas protegidas como, por exemplo, Parque Estadual Serra dos Martírios-Andorinhas, localizado no sudeste do Pará, fronteira com o Tocantins, que encontra-se numa região montanhosa, zona de transição entre os biomas Floresta Amazônica e Cerrado, repletos de uma diversidade de ecossistemas, biodiversidade, belezas cênicas, cachoeiras, sítios arqueológicos, cavernas, grutas, registros rupestres, trilhas e mirante para contemplação de parte do Parque e vista do Rio Araguaia.

Outra área protegida que tem prosperado é a Floresta Nacional do Tapajós, uma importante unidade de conservação da natureza localizada no Oeste do Pará. Associações intercomunitárias criaram e reconheceram sua cooperativa como entidade comercial representativa das comunidades da Flona. Parte dessa população, tradicionais e



**Ecossistema - Unidades de Conservação**

indígenas, realiza manejo florestal sustentável em uma área especialmente reservada para esse fim, com menos de 5% da área total da unidade. Esse manejo é referência de sucesso no Brasil e América Latina.

**RQI: O Museu Paraense Emílio Goeldi é reconhecido internacionalmente como referência para a Amazônia Brasileira. Que papel uma instituição como o MPEG pode desempenhar em favor de uma exploração sustentável da riqueza amazônica? Quais são as atividades que ele hoje desenvolve?**

**Eloisa Helena:** Ainda no século XIX, o diretor do então Instituto Museu Paraense, o pesquisador Emílio Goeldi, tentou adquirir junto ao governo do Pará e do Brasil, uma área de preservação destinada à pesquisa. Essa iniciativa parecia um devaneio naquele momento, pois muitos acreditavam que os recursos da floresta eram intermináveis. Mas o visionarismo de Goeldi possibilitou mostrar a importância de se trabalhar com pesquisa em áreas protegidas, no caso FLONAs, que têm como um de

seus objetivos a exploração sustentável dos recursos naturais.

Em 1990, quando o Museu Paraense Emílio Goeldi colocou uma equipe em campo à procura de uma área ideal para este fim ficou clara a importância de se implantar com certa brevidade uma estação de pesquisa para garantir o conhecimento da sociobiodiversidade da Amazônia.

Foi escolhida uma área na mais antiga unidade de conservação do governo federal, Floresta Nacional de Caxiuanã. A 400 km de Belém, foi escolhida a área para sediar a Estação Científica Ferreira Penna (ECFPn). Parte da floresta foi cedida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA) e o Governo Britânico apoiou a construção de uma das melhores bases científicas instaladas em áreas florestais. A Estação foi inaugurada em outubro de 1993.



**Estação Científica Ferreira Penna**



A ECFPn destina-se à execução de programas de pesquisa e ações de desenvolvimento comunitário nas diversas áreas do conhecimento. Recebendo cientistas de instituições nacionais e estrangeiras. Seus 33.000 hectares de área situada ao norte da Flona de Caxiuanã estão envolvidos por uma extensa zona florestal que garante as condições ideais a sua conservação, desde que as alternativas de exploração da Flona sejam todas voltadas para um manejo sustentado. A Estação visa apoiar pesquisas científicas sobre a sociobiodiversidade da Amazônia, além de atividades de educação ambiental. Também são realizados eventos como treinamentos, visitas orientadas, cursos de campo para alunos de graduação e pós-graduação e treinamentos de extensão rural para moradores de Caxiuanã.

Grandes projetos de pesquisas, envolvendo fauna, flora e dados abióticos estão sendo executados na Flona de Caxiuanã: TEAM (Tropical Ecology, Assessment and Monitoring Initiative), PPBio (Programa de Pesquisa em Biodiversidade – PPBio), ESECAFLOR/ LBA (Experimento em Grande Escala da Biosfera – Atmosfera na Amazônia), entre outros.

A Flona de Caxiuanã vem sendo estudada de forma intensiva pelo Museu Goeldi e Instituições parceiras que agregam pesquisadores brasileiros e de diversos países. A ECFPn é a base que abriga centenas de cientistas que vem pesquisando na região por mais de duas décadas. É provável que a Flona de Caxiuanã seja, entre todas as Flonas brasileiras, a mais estudada. O resultado deste esforço foi publicado, principalmente em seis livros cujos títulos são: Caxiuanã (1997); 2. Caxiuanã: Ciências e desenvolvimento sustentável na Amazônia (1999); 3. Caxiuanã: populações tradicionais, meio físico e diversidade biológica (2002); 4. Natureza, homem e manejo de recursos naturais da região de Caxiuanã, Melgaço, Pará (2002); 5. Caxiuanã: desafios para a conservação de uma floresta nacional na

Amazônia (2009); 6. Caxiuana: Paraíso ainda preservado (2013). Inúmeros artigos têm sido publicados em periódicos científicos, no Brasil e no exterior, além das teses, dissertações e trabalhos de conclusão de cursos. Ainda assim, todo o esforço de pesquisa de 23 anos não conseguiu esquadrihar mais do que 10% da área da Flona de Caxiuana. Conhecer a sociobiodiversidade contida em 320 mil hectares é um grande desafio para os próximos anos.

Nesse contexto foram realizados diversos trabalhos envolvendo a caracterização química de compostos voláteis obtidos de óleos essenciais e aromas por hidrodestilação e destilação/extração simultânea de espécies aromáticas de Lauraceae, Piperaceae, Annonaceae, entre outras.

Portanto, o Museu vem desempenhando um papel estratégico para o desenvolvimento sustentável e conhecimento ampliado da Amazônia.

O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) é uma unidade de pesquisa vinculada ao Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação (MCTI). Desde a sua fundação (em 1866), suas atividades concentram-se na pesquisa científica dos sistemas naturais e socioculturais da Amazônia, bem como na divulgação de conhecimentos e acervos relacionados à região. As coleções científicas ocupam lugar central nas atividades institucionais.

Dentre as coleções temos o Herbário, que é uma fonte de consulta imprescindível não só para estudos botânicos básicos (Taxonomia, Filogenia, Anatomia e Palinologia), como também para complementar pesquisas em áreas como Ecologia Vegetal, Botânica Econômica, Fitoquímica, Farmacologia e Agronomia. Esse Herbário mantém intercâmbio com renomadas instituições do Brasil e do exterior, como INPA, Embrapa Amazônia Oriental (IAN), CENARGEN, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Instituto de Botânica de São Paulo, USP, Museu Nacional, The New York Botanical Garden, Missouri Botanical Garden, Royal Botanic Gardens, Musée Nationale d'Histoire Naturelle (Paris), entre outras.

No Museu Goeldi temos cursos de Pós-Graduação: mestrado e doutorado em Biodiversidade e Evolução, concebido pelo Museu Goeldi; mestrado e doutorado em Zoologia e em Ciências Sociais, em parceria com a Universidade Federal do Pará (UFPA); mestrado em Botânica Tropical, juntamente com a Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA); e mestrado em Ciências Ambientais, em parceria com a Embrapa Amazônia Oriental e UFPA, além do Programa de Pós-Graduação da Bionorte (Rede de Biodiversidade e Biotecnologia da Amazônia Legal), do qual sou a coordenadora do Pólo-Pará.

Atualmente, o Museu Goeldi concentra suas atividades em três bases físicas:

1) *Parque Zoobotânico*: localizado no centro urbano da cidade de Belém, capital do estado do Pará, com área de 5,2 hectares. Foi fundado em 1895, sendo o mais antigo do Brasil no seu gênero. Além de abrigar uma significativa mostra da fauna e flora amazônicas, o Parque concentra as atividades educativas e de divulgação e abriga alguns setores do Museu Goeldi. Recebe anualmente cerca de 200 mil visitantes.



2) *Campus de Pesquisa*: inaugurado em 1980, abriga as atividades científicas das coordenações de Botânica, Zoologia, Ciências Humanas, Ciências da Terra e Ecologia; atividades técnicas das coordenações de Informação e Documentação e Planejamento, além dos laboratórios institucionais. Localiza-se em área de 12 hectares, na avenida Perimetral da Ciências, bairro da terra firme, em Belém, próximo a outras instituições de ensino e pesquisa. Dentro da Coordenação de Botânica do MPEG temos o Laboratório Adolpho Ducke (LAD), construído com recursos do Overseas Development Administration, ODA, do Governo Britânico, inaugurado em 30 de agosto de 1991, tendo como idealizador Dr. José Guilherme Maia, diretor do MPEG na época. O laboratório, atualmente sob minha coordenação (Eloisa Andrade), é equipado com estrutura para a realização de extrações e análises qualitativas e quantitativas de óleos essenciais e aromas. O LAD tem contribuído fortemente para o aumento do conhecimento da flora aromática da Amazônia com a publicação de livros

(*Plantas Aromáticas na Amazônia...e seus Óleos Essenciais*; *Aromas de Flores na Amazônia*; *Variabilidade Química em Óleos Essenciais de Espécies de Piper da Amazônia*; *Plantas Aromáticas do Ver-o-Peso*), capítulos de livros, artigos científicos em periódicos nacionais e internacionais versando sobre dados botânicos de plantas aromáticas, composição química dos voláteis, atividades biológicas e tecnologias de cultivo e de processamento de seus óleos essenciais e aromas, além da formação de recursos humanos (alunos de graduação e pós-graduação: farmácia, química, engenharia química, química industrial, ciências farmacêuticas, biotecnologia, botânica e etc. Estas pesquisas resultaram nos estabelecimentos de uma Base de Dados de Óleos Essenciais (OLEOTECA) e uma Coleção de Plantas Aromáticas. Na oleoteca encontram-se registradas mais de 5000 ampolas de óleos essenciais correspondentes a 393 espécies de plantas aromáticas da Amazônia, fornecendo valiosas informações acerca do potencial econômico destas espécies.



3) *Estação Científica Ferreira Penna (ECFPn)*: Inaugurada em 1993, na Floresta Nacional de Caxiuanã, município de Melgaço (PA). A área foi cedida pelo IBAMA e a base foi construída com recursos da Overseas Development Administration (ODA, atual DFID Reino Unido). Este ano comemoramos 150 anos do Museu Goeldi, que foi um divisor de águas na história da Amazônia.

Belém, 6 de outubro de 1866. Um século e meio depois, a instituição científica mais antiga da Amazônia possui 4,5 milhões de itens tombados em 18 coleções nas áreas de etnografia, arqueologia, linguística, minerais e fósseis, e biológicas. Um acervo deste tamanho faz do Goeldi o segundo maior museu de história natural do Brasil. Mais que um instituto de pesquisa, é também um espaço de lazer e educação. A participação de pesquisadores em editais e a captação de recursos da Finep para a manutenção e modernização dos laboratórios e instalações ajudam o Goeldi a ampliar o





Coordenação de Botânica

conhecimento sobre a Amazônia.

**RQI: Acredita que existem ainda muitos mistérios e surpresas a serem descobertos na Região Amazônica?**

**Eloisa Helena:** A imensa e ainda inexplorada região amazônica, com certeza esconde muitas surpresas relativas a diversos seguimentos. O fato de sermos privilegiados com relação à diversidade ambiental, sendo que muitos de nós, ou melhor, a maioria desconhece a importância que a Floresta Amazônica nos reserva, e provavelmente nem somos capazes de interpretar e compreender tudo que nos cerca.

Com relação aos produtos naturais extraídos das plantas, as instituições amazônicas estão empenhadas na exploração da potencialidade de produtos bioativos nas diversas áreas do conhecimento. Desde os primórdios, as diferentes civilizações já utilizavam os produtos naturais para a cura de enfermidades e alimentação. Atualmente, cerca de 60% dos agentes antitumorais e antibióticos disponíveis no mercado ou em estágios de avaliação clínica são de origem natural. Na última década, cerca de 500 entidades químicas novas foram aprovadas pelas instituições reguladoras de todo o mundo. Destas, em torno de 50% são de origem natural. Considerando que o Brasil, principalmente a Amazônia, detém a maior parte da biodiversidade mundial, podemos nos beneficiar deste patrimônio natural se esforços forem envidados para a pesquisa

na descoberta de novos potenciais nas linhas farmacêuticas, alimentícias, cosméticas e etc. desta biodiversidade. Nessas ações estratégicas podemos citar como destaque, além do Museu Emílio Goeldi, outras importantes instituições da Amazônia que estão contribuindo para tais descobertas como Instituto Evandro Chagas (IEC), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA), entre outras.

**RQI: Que mensagem final gostaria de deixar para os leitores da Revista de Química Industrial?**

**Eloisa Helena:** A Floresta Amazônica disponibiliza a maior biodiversidade do planeta, mas somente através do uso sustentável e de uma boa política de preservação poderemos contribuir no equilíbrio ecológico do mundo, e dessa forma auxiliar no desenvolvimento econômico, social e científico do Brasil.

**Notas do Editor:**

O Currículo Lattes da Profa. Dra. Eloisa Helena pode ser acessado pelo endereço

<http://lattes.cnpq.br/3827055876022373>.

Os leitores poderão entrar em contato por meio do e-mail [eloisa@museu-goeldi.br](mailto:eloisa@museu-goeldi.br).

O portal da Rede Bionorte é

<http://www.bionorte.org.br/bionorte.htm>.



Trilha em Caxiuanã

## Chapter se faz presente em evento da Sociedade Brasileira de Pesquisa em Materiais (SBPMat)

De 25 a 29 de setembro ocorreu em Campinas, São Paulo, a 15ª edição do Encontro Anual da SBPMat, evento que teve o apoio do Chapter, (ACS Brazil International Chemical Sciences), contando com cerca de 1800 participantes.

A Profa. Cátia Ornelas, do Instituto de Química da UNICAMP e Diretora do Chapter, participou desse encontro, não apenas como conferencista convidada, mas também como representante do Chapter. Os logotipos da ACS, do CAS e do Chapter estavam nos livros de programa do encontro assim como em posição de destaque no painel que enfeitava a sala reservada a conferências plenárias (foto abaixo).



Com a ajuda de Denise Ferreira, do CAS, foram concedidos cinco prêmios de 500 reais para as melhores apresentações de alunos. Os premiados receberam

certificados seguindo o padrão ACS. Na cerimônia de encerramento, Cátia Ornelas fez a entrega dos prêmios, falando ainda sobre a ACS e o



Chapter para a plateia. A sala estava lotada para a cerimônia de encerramento.



Segundo Cátia, a interação com a SBPMat foi muito positiva, principalmente com a Prof. Ana Flávia Nogueira, *chair* do evento, e com o Prof. Osvaldo Oliveira, atual presidente da SBPMat. Foi uma ótima oportunidade de divulgação do Chapter e de interação com uma das sociedades científicas nacionais.



O Prof. Paul Weiss (foto acima), editor da ACS Nano, também teve uma ótima audiência na sua conferência plenária e na sessão *meet with the editors*, onde ele apresentou o ACS Nano. Ele demonstrou seu contentamento por saber que o Chapter da ACS realiza atividades aqui no Brasil.

# CADERNO DE QUÍMICA VERDE

Ano 1 - Nº 2 - 3º trimestre de 2016

## Editorial

O Caderno de Química Verde tem por finalidade divulgar o papel dos processos químicos na produção dos materiais responsáveis por um padrão de vida confortável e seguro, mostrando como a química pode aumentar a sustentabilidade de vários aspectos da vida moderna. A sua primeira edição abordou o esporte, destacando a importância dos materiais utilizados na fabricação dos equipamentos, uniformes e instalações assim como os procedimentos utilizados para controlar o uso de substâncias que afetam o desempenho dos atletas. No caso dos uniformes, em particular, estes materiais estão em contato com partes sensíveis do corpo dos atletas exigindo propriedades bem mais rigorosas do que bolas ou pistas, por exemplo.

O crescente rigor com produtos químicos que fazem parte das cadeias de transformação de peças de vestuário que são oferecidos ao consumidor por grandes redes de lojas ou de vendas on-line faz parte de uma tendência de evitar o uso de substâncias nocivas à saúde ou ao meio ambiente em processos de fabricação. Restrições a estas substâncias se estendem igualmente a outras peças de vestuário e de uso doméstico como artigos de cama, mesa e banho assim como tecidos usados em estofados, cortinas e tapetes.

A indústria têxtil é muito sensível a estas questões e vem se precavendo há algum tempo. Há inclusive listas de produtos que estão sendo progressivamente banidas dos processos de fabricação de roupas e sapatos. A substituição destes produtos já faz parte de compromissos de grandes empresas com seus acionistas e clientes. No Brasil, que ao lado dos EUA e da China, tem uma indústria têxtil integrada, a Associação Brasileira da Indústria Têxtil trabalha junto à Abiquim e ABNT na elaboração de normas para coibir o uso de substâncias tóxicas.

Existe atualmente um potencial muito grande para a aplicação da Química Verde ao setor têxtil. Algumas das fibras sintéticas de largo emprego são fabricadas a partir de produtos tóxicos e os processos de seu tratamento frequentemente requerem grandes volumes de água e energia, gerando efluentes de difícil tratamento.

A presente edição tem como tema central a Química Verde na Indústria Têxtil. O Depoimento destaca o papel da FAPESP no lançamento das sementes de Química Verde no Estado de São Paulo, a Seção de Eventos aborda o Global Innovation Initiative sobre Demonstrações de Química Verde para Locais Remotos promovido pelo Brazil International Chapter da American Chemical Society. e faz um registro, dos resultados do VI Encontro da Escola Brasileira de Química Verde, realizado recentemente no CTBE/CNPEM em Campinas, SP, e entre as Cápsulas estão comentários sobre o verde das piscinas olímpicas e a remoção de inibidores de enzimas de soluções de açúcares.

**Peter Seidl**  
Editor

## Neste Caderno

16-2



Prof. Brito Cruz,  
Diretor Científico da FAPESP,  
fala sobre o setor de  
Química Verde

16-3 QUÍMICA VERDE nas Empresas

Notícia da  
indústria têxtil

16-4



A indústria têxtil e de confecção  
em artigo de Adriana Goulart,  
Ana Karolina Muniz  
e Peter Rudolf Seidl

16-12 QUÍMICA VERDE em Cápsulas

Olimpíada mais verde  
Obtenção de etanol mais verde

16-12 QUÍMICA VERDE Eventos

6º EEBQV  
2016 Global Innovation Imperative

# Interesse da FAPESP pela Química Verde

O Diretor Científico da Fundação de Apoio a Pesquisas do Estado de São Paulo (FAPESP), Prof. Dr. Carlos Henrique de Brito Cruz, recebe o Caderno de Química Verde e fala sobre as atividades da Fundação na área

## **Evanildo da Silveira**

*Jornalista Convidado*

**Evanildo: A que se deve a recente interesse da FAPESP em promover projetos na área de química verde?**

**Brito:** Está relacionado com a capacidade da comunidade científica do estado de São Paulo em conduzir pesquisas de desenvolvimento do bioetanol e de outros setores relacionados às crescentes preocupações ligadas à sustentabilidade e às oportunidades estratégicas provenientes dos inúmeros recursos naturais disponíveis no Brasil. Estes fatores, juntamente com os interesses da FAPESP em financiar e apoiar programas como o Bioen, são responsáveis pelo aumento considerável da quantidade de projetos de pesquisa em química verde.

**Evanildo: Quais são os principais conceitos da química verde aplicados no Brasil?**

**Brito:** Acho que esse termo tem sido usado de maneira abrangente no país. Uma das principais aplicações envolve a utilização de matérias-primas renováveis para substituir o petróleo em várias cadeias de produção, como a fabricação de biodiesel a partir do óleo de soja ou o plástico e o bioetanol oriundos da cana-de-açúcar ou glicerol. Também estão sendo desenvolvidos processos

biotecnológicos (usam enzimas ou microorganismos) e catalíticos (usam catalisadores) para aumentar a eficiência, segurança e produtividade do processo, reduzir o consumo de recursos naturais como a água ou matérias-primas, energia e insumos químicos de origem renovável ou não, que sejam de baixa emissão de carbono e menos poluentes.



**Evanildo: O interesse pelas áreas de pesquisa em química verde é maior nas instituições de pesquisa, nas universidades, nas fundações de apoio como a FAPESP ou nas empresas?**

**Brito:** Na verdade, o tema tem sido tratado há algum tempo por empresas e o melhor exemplo disso é a Braskem. A empresa tem uma tecnologia que já produz milhares de toneladas por ano de plástico verde, o qual é destinado principalmente para a indústria automobilística e para a exportação para diversos países.

**Evanildo: Qual é o nível de desenvolvimento da química verde no Brasil em relação ao mundo?**

**Brito:** O Brasil nesse assunto está em boa posição pois existem pesquisas muito competitivas e aplicações desenvolvidas há muito tempo que

já estão em uso. O Bioen, por exemplo, surgiu em 2008, desde então vários projetos germinaram da parceria Braskem/FAPESP entre 2009-2010 e a Oxiteno também vêm atuando durante um período considerável em pesquisas de química verde.

**Evanildo: Quais projetos ou resultados são destaques da atuação da FAPESP nessa área?**

**Brito:** Existem resultados importantes na área de fabricação de plásticos a partir do etanol. Alguns destes projetos são liderados na Unicamp pelo Prof. Rubens Maciel. Há também processos biotecnológicos desenvolvidos pela Braskem em colaboração com o Prof. Gonçalo Amarante da UNICAMP, como o projeto chamado rotas verdes para o propeno. Produção de plásticos biodegradáveis coordenados pelo Prof. João

Nascontiero da UNESP. Aquisição de rotas biotecnológicas para transformar o glicerol, pelo prof. Carlos Menck da USP em parceria com a Braskem. Produção de ácido acrílico e propriônico a partir do açúcar por processos fermentativos, pela FAPESP com a Braskem. E desde o ano passado, a UFSCar, a FAPESP e a GSK uniram-se para lecionar e financiar um grande centro de pesquisa em engenharia e química verde, o qual é liderado pela Professora Arlene na Universidade Federal de São Carlos e tem como intuito fabricar insumos para a indústria farmacêutica de maneira sustentável. O valor do investimento foi de 31 milhões de reais e o contrato é válido pelos próximos 10 anos.

**Nota da redação:**

Agradecemos a Adriana Goulart pela revisão do texto.

## QUÍMICA VERDE nas Empresas

### Química Verde na indústria têxtil em partículas nas fibras e acabamentos (tingimento, funcionalização)

A indústria têxtil por anos foi conhecida como um setor de baixa demanda tecnológica, principalmente pelo fato da necessidade de se produzir em larga escala materiais de baixo valor agregado. No entanto no cenário atual a crescente sofisticação dos equipamentos de produção e o uso de novas tecnologias em processos e insumos refletem a competitividade pelo comércio de produtos de alto valor agregado. Em consonância com as novas políticas ambientais, a utilização de processos “verdes” tem mostrado grandes avanços, como por exemplo a substituição da água por líquidos supercríticos nos processos de tingimento iniciado comercialmente na Alemanha.

A biotecnologia também tem tido um impacto significativo nas indústrias de tingimento têxtil e acabamento, as enzimas outrora utilizadas apenas na desengomagem de tecidos ganham notoriedade nos chamados bioacabamentos, os quais fornecem toque e aspecto diferenciado no artigo têxtil, outra possibilidade é a substituição de agentes redutores por enzimas catalíticas na neutralização de resíduos de peróxido de hidrogênio após o alvejamento químico.

Ainda no setor de química e acabamento têxtil,

alguns biopolímeros têm sido utilizados para o aumento da fixação de corantes e pigmentos nos processos de estamparia, substituindo alguns dos auxiliares de origem fóssil utilizados para este fim. No campo das fibras têxteis constata-se ao longo dos últimos 20 anos um crescimento quase exponencial das fibras sintéticas no mercado, apesar das fibras celulósicas fornecerem propriedades únicas no que diz respeito a conforto e toque.

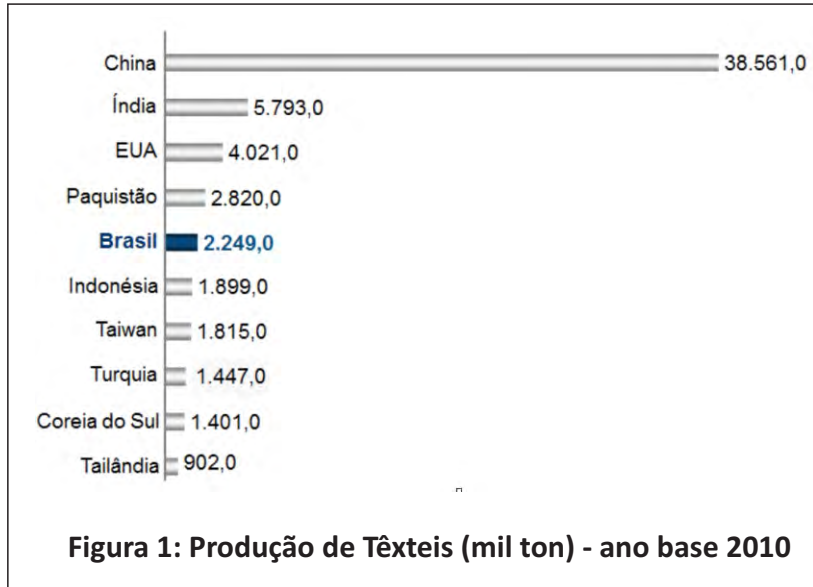
As fibras de Poliéster já apresentam em determinadas áreas um consumo mais elevado em relação as fibras de algodão, apesar do custo elevado as fibras biodegradáveis já começaram a ser introduzidas no mercado.

Entre os biopolímeros base de tais fibras, o mais promissor talvez seja o PLA, a fibra de soja, possui características de maciez e toque sedoso, começou a ser amplamente utilizada na China, pois além de todos estes fatores ligados ao conforto, seu custo é relativamente baixo, no entanto as Fibras de PLA fornecem melhores propriedades de resistência a tração. Diante do contexto verifica-se que as necessidades da sociedade moderna podem ser aliadas ao uso de artigos têxteis menos agressores ao meio ambiente, e que produtos ecológicos, mais do que um conceito ou produto de marketing, é um importante agente agregador ao comportamento do consumidor.

# A Indústria Têxtil e de Confecção

Adriana Goulart, Ana Karolina Muniz Figueiredo e Peter Rudolf Seidl  
Escola de Química - UFRJ

Existe um crescente rigor com substâncias químicas que fazem parte das cadeias de produtos distribuídos ao consumidor por grandes redes de lojas ou vendas on-line. A indústria têxtil, uma das maiores fornecedoras destes produtos, é muito sensível a tais questões e vem realizando trabalhos para identificar novas oportunidades em inovação. O presente artigo aborda as características deste importante segmento industrial e aponta o seu componente de Química Verde.

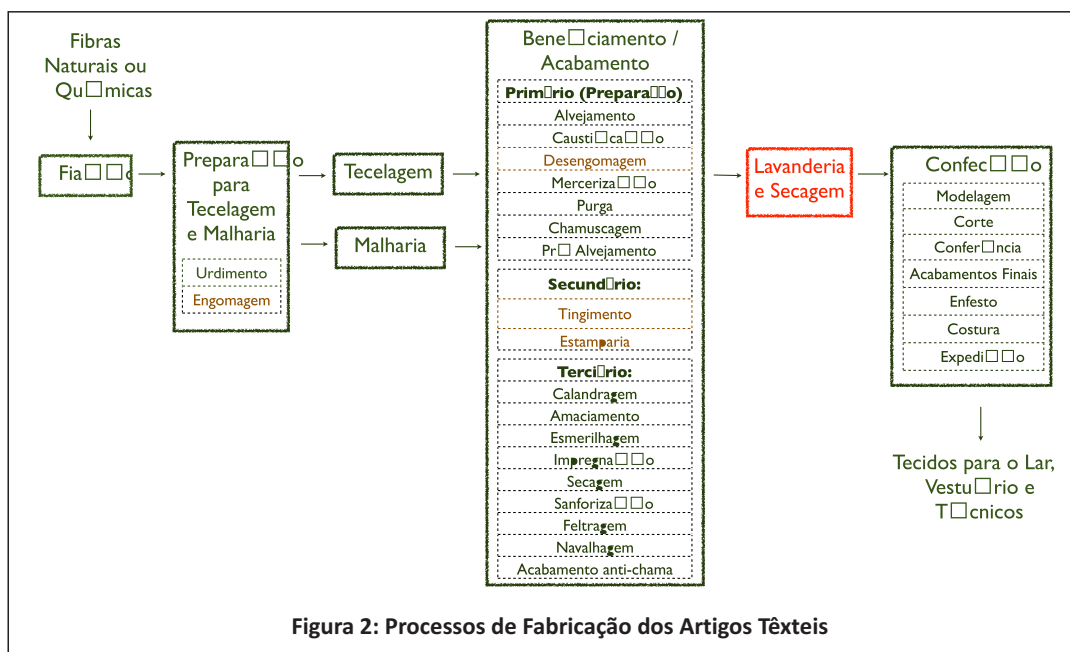


O Brasil é um dos cinco maiores produtores mundiais de manufaturas têxteis. O mapa da produção mundial da indústria têxtil, assim como a posição brasileira nessa indústria pode ser vista na Figura 1.

A elaboração de leis e normas ambientais e de segurança química cada vez mais restritivas e os mercados mais competitivos vêm exigindo

que as empresas deste setor sejam mais eficientes e limpas. O aumento da produção deve então ser aliado à economia de recursos (principalmente água e energia) e geração de menos poluentes.

A Figura 2 apresenta a estrutura diversificada da cadeia produtiva têxtil, sendo formada por etapas diferentes de acordo com o



produto que se deseja produzir. Os processos mais críticos quanto aos dois requisitos de sustentabilidade citados anteriormente também estão destacados na Figura 2 em vermelho e marrom, respectivamente. Desde a Conferência Rio+20, realizada em 2012, é crescente a aplicação dos conceitos de química verde na indústria têxtil e de confecção, pois usa cerca de 8000 tipos de produtos químicos, dentre eles compostos inorgânicos, orgânicos e polímeros, o que a torna uma das mais poluidoras do mundo.

### PRODUÇÃO DAS FIBRAS

A fibra é um dos elementos básicos dos produtos têxteis (fios, tecidos, malhas, não-tecidos). A classificação e participação destas na produção mundial em 2013 (%) estão representadas na Figura 3. As fibras naturais já se apresentam prontas na natureza necessitando de alguns processos físicos para transformá-las em fios, as artificiais são fibras naturais que necessitam de processos químicos para se tornarem utilizáveis ou sintéticos (macromoléculas sintetizadas quimicamente).

Na produção das fibras um dos conceitos de Química Verde está relacionado a substituição de matérias-primas petroquímicas e rotas catalíticas a base de metais pesados (cobalto, manganês, óxido de antimônio etc) por rotas químicas e bioquímicas menos poluentes a partir de glicerol, milho, melação

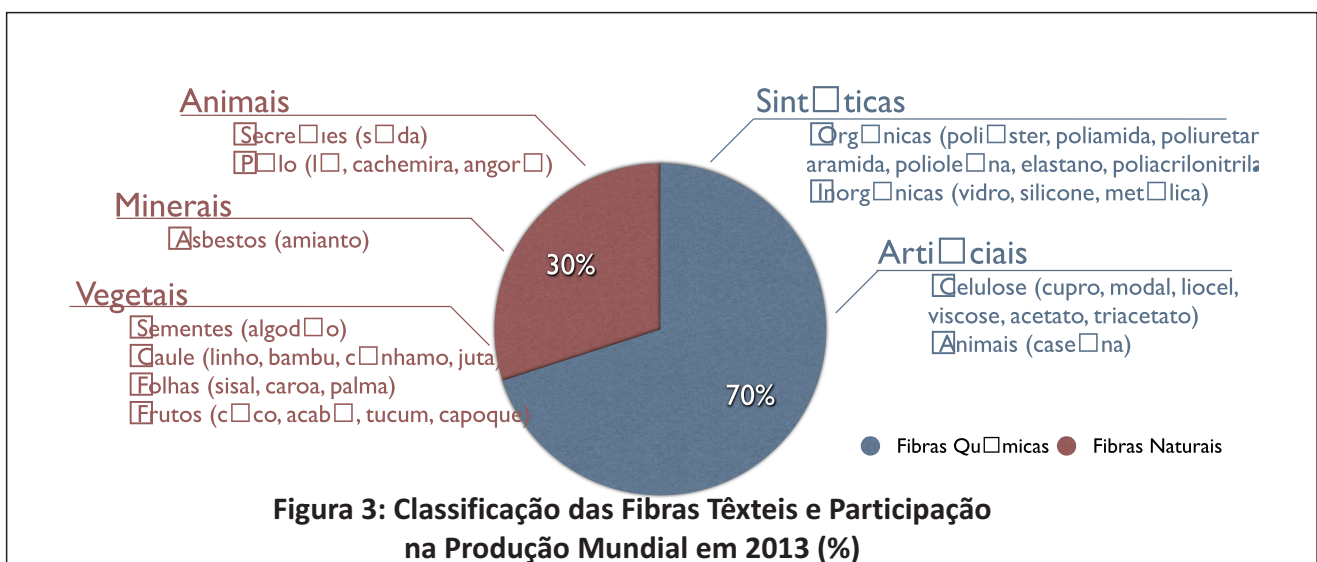
e biomassas (palha e bagaço de cana-de-açúcar; palha, sabugo e talos de milho e linter da semente ou a casca do algodão), contribuindo para o aproveitamento de rejeitos agrícolas, a diminuição da dependência do petróleo, a diversificação de fornecedores e a redução de materiais perigosos.

Para reduzir as pegadas de carbono e eliminar a incidência de corrosão em equipamentos e tubulações, por exemplo, uma das propostas consiste na substituição do H<sub>2</sub>SO<sub>4</sub> usado na neutralização do efluente industrial pelo CO<sub>2</sub> produzido nas caldeiras, deixando de emitir mil toneladas de CO<sub>2</sub> por ano.

### FIBRAS ARTIFICIAIS

Na produção de fibras artificiais o processo viscoso é o mais viável economicamente e gera um tecido com propriedades semelhantes ao linho e algodão. Porém, nesses processos são adicionados compostos de metais pesados para a precipitação da fibra e dissulfeto de carbono (CS<sub>2</sub>) para a dissolução da celulose, que é responsável pela formação de gases tóxicos como o trióxido de enxofre (So<sub>3</sub>), dissulfeto de carbono (CS<sub>2</sub>) e o sulfureto de hidrogênio (SH<sub>2</sub>). Assim, é necessário um custo adicional para tratamento desses gases. Igualmente como a produção da fibra Modal com o agravante de utilizar mais sulfeto de carbono.

Os problemas apresentados pelo processo viscoso induziram o desenvolvimento de rotas





**Figura 4: Fibras Têxteis**

Os problemas apresentados pelo processo viscoso induziram o desenvolvimento de rotas alternativas mais simples e com menor/ nenhuma liberação de enxofre. Como nos processos CarbaCell e Acetato/Triacetato que substituem o sulfeto de carbono pela uréia e o anidrido + ácido acético respectivamente.

Outra opção ao processo viscoso é a fibra Tencel/ Lyocell. Ela é gerada a partir da polpa de celulose branqueada tratada com uma solução aquosa não-tóxica de óxido de amina (óxido N-metilmorfolina), que é cerca de 99,7% reutilizada.

A fibra formada apresenta menos imperfeições e irregularidades, alta resistência à abrasão, estabilidade a lavagem e suavidade, é absorvente, biodegradável e respirável e possui maior resiliência e tenacidade do que os fios de algodão.

Adicionalmente, tem-se o processo Celsol/Biocelsol, que utiliza um complexo enzimático produzido por fungos *Aspergillus ninger* e *Trichoderma reesei* para a geração verde da polpa de celulose. Da mesma maneira, a polpa de celulose tratada por bactérias *Acetobacter* contém uma série de características mecânicas, eletroacústicas e biológicas favoráveis para o uso da indústria têxtil.

O uso de enzimas elimina custos adicionais com a aquisição, recuperação e tratamento de

solventes orgânicos e derivativos aumenta a solubilidade alcalina da polpa e reduz o grau de polimerização e a cristalinidade da estrutura, favorecendo assim, sua reatividade em condições mais brandas de processamento. O uso de enzimas também favorece a redução do consumo de água, energia, corantes, entre outros químicos usados no beneficiamento da fibra, além de incorporar novas funcionalidades às fibras.

### FIBRAS SINTÉTICAS

As fibras sintéticas como Poliamida ou Náilon 66, Náilon 6, Polietileno (PE), Acrílica ou Poliacrilonitrila (PA), Modacrílica (MAC), Poliéster (PES), Polipropileno (PP) e Elastano (EL) podem ser feitas por processos verdes, como apresentado na Tabela 1 (na página seguinte), que consomem menos energia, liberam menos gases estufa e podem utilizar as mesmas tecnologias convencionais para a fiação, estiragem e texturização.

Por exemplo, o bio-PDO reduz cerca de 40% o consumo de energia e da emissão de gases em relação ao PDO petroquímico. O bio-PTT reduz 63% e 56% da emissão de gases em relação ao náilon 6 e ao náilon 66 petroquímico, respectivamente. O mercado das fibras verdes está mais voltado atualmente para a produção de tecidos técnicos.



**Figura 5: Aplicações em Vestuário**



Polímero final	Reagentes	Características da fibra	Nome comercial (Empresa)
Poli(metileno tereftalato) (PTT)	1,3-propanodiol (1,3-PDO) verde e ácido tereftálico (TPA)	Biodegradável, alta resistência a abrasão e fácil absorção do corante.	Sorona® (Dupont), Cortera (Shell Chemicals)
Poli(etileno tereftalato) (PET)	Etilenoglicol verde (EG) e ácido tereftálico (TPA)	Boa resistência à abrasão, flexibilidade e absorção de umidade, assim como o PET tradicional.	Gevo and Toray (Coca-Cola, Ford e Heinz), Braskem
Poli(etileno furanoato) (PEF)	2,5-furanodicarboxílico (2,5-FDCA) e etilenoglicol (EG), ambos de origem renovável	É biodegradável, possui menor temperatura de fusão e maior resistência à tração, deflexão e temperatura de transição vítrea que o PET.	Avantium, Coca-Cola, Danone e ALPHA. Avantium e BASF.
Poli(etileno succinato) (PES)	Ácido succínico e etilenoglicol (EG), ambos de origem renovável	Propriedades parecidas com o PBS, porém possui maior taxa de biodegradação e menor cristalinidade.	Myriant's EG-110 polyol (Myriant)
poli(butileno succinato) (PBS)	Ácido succínico e 1,4-butanodiol (BDO), ambos renováveis	Resistente à altas temperaturas de fusão e biodegradável.	GS Pla® (Mitsubishi Chemical), Bionolle® (Showa) e Lunare SE® (Nippon Shokubai)
Poli(terametileno Eter Glicol) (PTMEG)	Tetrahidrofurano (THF) verde. A reação do PTMEG com isocianatos produz poliuretano e com diácidos poliéster.	Alta elasticidade, flexibilidade em temperaturas baixas e resistência microbiológica.	Terethane (Invista) ou PolyTHF (BASF), Spandex (Elastane, Lycra), Armlite (DSM), Hytrei (DuPont) e Pibiflex (SOFTER).
Polibutileno tereftalato (PBT)	1,4-BDO (1,4-butanodiol) verde e ácido tereftálico (TPA)	Alta estabilidade térmica e resistência química, boa durabilidade e estiramento semelhante a Lycra®.	Arnite® (DSM), Crasim® (DuPont), Ultradur® (BASF), Advantite™ (SASA), Celanex® (Ticona), Toraycom® (Toray), Valox® (SABIC)
Poli(ácido láctico) (PLA)	Ácido Láctico verde	Absorção e elasticidade maiores que da poliamida, do poliéster e das poliacrílicas petroquímicas. Fácil tingimento, biodegradáveis e alta resistência aos raios UV.	Ingeo (Cargill e Dow), Lacton (Kanabo Chemical), Corbion Purac, Ecodear PLA (Toray)
Poli(hidroxicarboxilatos) (PHAs), Poli(3-hidroxburirato) (PHB) e Poli(3-hidroxi propionato) (P3HP)	Sintetizados por microorganismos	São polímeros termoplásticos com propriedades semelhantes ao poliéster tradicional, porém são biodegradáveis	Newlight Technologies Meridian (Danimer), Metabolix (Antibioticos), Biomer, Bio-on, Ecomann e GreenBio
Poliuretano (PU)	Pentametileno diisocianato (PDI) verde (substituto do hexametileno diisocianato petroquímico) com: -> poli(ol) poliésteres (Poli(etileno glicol) ou PTMEG); -> dióis (1,4-butanodiol (1,4-BDO); 1,3-propanodiol (1,3-PDO); ou 1,2-propanodiol (1,2-PDO)) e ácidos orgânicos (ácido sebático; succínico 2,5-furanodicarboxílico (2,5-FDCA) ou dicarboxílico)	Maior resistência à abrasão, intemperismo e químicos e flexibilidade e menor tempo e temperatura de reação em relação aos PUs tradicionais	Desmodur® eco N 7300 (BASF), Impranti® eco (BASF); Susterra® (DuPont Tate & Lyle Bio Products Company LLC)
Náilon 6.6	Hexametilenediamina (HMDA) com o ácido adipico ou succínico, todos de origem renovável.	Força, resistente ao desgaste, alta absorção de umidade, retardante de chama e anti-estáticos.	Remilon® (Removia)
Náilon 6.10	Hexametilenediamina (HMDA) com o ácido sebático	Alta resistência química, rigidez e maior absorção de umidade do que PA 6.	Ultramid® (BASF), Technyl eXten® (Rhodia), Akromid® (Akro-Plastic GmbH, Shakespear® P6.10 (Shakespear), Verdezyn® Terra Evonik
Poli(âmida) (PA)	Cadaverina (pentametilenediamina (DN5)) e ácido adipico (5.6), sebático (PA 5.10) ou succínico (PA 5.4)	Maior recuperação elástica e absorção de umidade do que o náilon 6.6.	Terryl (Cathay Biotech)
Poli(âmida) (PA)	2,5-furanodicarboxílico (2,5-FDCA) de base biológica com p - fenilenediamina (PPD).	Alta resistência ao calor (-40°C a 130°C) e à tração semelhante a Kevlar®, fibra aramida da Dupont.	Avantium e Solvay
Náilon 4.6	Ácido adipico e putrescina (1,4-butanodiamino), ambos de origem renovável	Resistência ao calor, desgaste, abrasão e atrito e boa rigidez. Semelhante ao náilon 6.6.	Stanyl™ (DSM)
Náilon 4.10	Ácido sebático e putrescina (1,4-butanodiamino), ambos de origem renovável	Baixa absorção de umidade, maior ponto de fusão de todos os bio-plásticos, alta velocidade de cristalização (como PA 6.6 e 4.6), alto ponto de fusão, excelente resistência química e à hidrólise.	EcoPaXX (DSM)
Náilon 6	Caprolactama (ácido ε-aminohexanóico)	Alta resistência ao impacto e flexibilidade.	Akulon® (DSM)

Tabela 1: Fibras Sintéticas de base biológica

## TINGIMENTO e LAVAGEM

O processo de tingimento consiste na aplicação de cores para todo o corpo do material têxtil com algum grau de solidez, dependendo da penetração dos corantes dentro das fibras individuais. Os materiais podem ser tingidos na forma de fibra solta, de fios e de tecidos. Esse processo varia de acordo com a composição do material têxtil que se deseja tingir, já que a natureza da combinação corante-fibra que vai definir os produtos químicos necessários para garantir a fixação entre a molécula de corante e a fibra. Um banho de tingimento comum leva uma formulação de compostos químicos tais como: corantes, sequestrantes (EDTA e hexametáfosfato), fixadores, retardantes (cloreto de sódio e sulfato de sódio), carregadores (bifenilos, dimetil ésteres, ácido tereftálico e ftalamidas), etc. Devido a presença desses compostos, a etapa de tingimento é considerada uma das etapas mais poluidoras da cadeia de têxteis. Outro agravante dessa etapa ocorre devido a fácil percepção visual da presença de corantes nos cursos de água, que atrai atenção do público e de entidades de proteção ambiental, por isso o estudo dos corantes é de grande importância.

Os corantes são compostos químicos, usualmente orgânicos, que possuem a propriedade de absorver luz visível seletivamente devido à presença de grupos cromóforos tais como nitro,

nitroso, azo e carbonila. A cor desses compostos é intensificada e/ou modificada por grupos auxocromos tais como etila, nitro, amino, sulfônico, hidroxila, metóxi, etóxi, cloro e bromo. A estabilidade da molécula do corante é diretamente associada à força de ligação química dos átomos componentes dos grupos cromóforos e auxocromos. Um dos aspectos mais importantes dos corantes é a sua durabilidade ou propriedade de permanência sem alteração de cor, conhecido como resistência ou solidez à luz.

Existem várias classificações para os corantes, na Tabela 2 (na página seguinte) é possível identificar as principais classes de corantes, suas características e os poluentes associados a cada uma.

A classificação relacionada com a constituição das matérias-primas divide os corantes em naturais e sintéticos. Os corantes naturais são extraídos a partir de substâncias vegetais ou animais (como estrela do mar, ouriço do mar, algas, bactérias, fungos entre outros), com pouco ou nenhum processamento químico, já os corantes sintéticos são obtidos a partir de processamento químico. Entretanto, é importante ressaltar que a toxicologia de corantes sintéticos não difere fundamentalmente dos corantes naturais. Diferentemente dos corantes naturais, os corantes sintéticos possuem composição química definida e uniforme, propriedades amplamente conhecidas e consistentes e são submetidos a vários testes toxicológicos antes de serem lançados no mercado.

A principal utilização dos corantes naturais ocorre em tingimento do tipo mordente, ou seja, esses corantes não liberam cor nas fibras a menos que estejam na presença de certos metais. Assim, uma grande quantidade de sais minerais é necessária para efetuar o tingimento de íons metálicos, os quais são liberados durante a fase de lavagem, podendo inibir o tratamento biológico subsequente.

A indústria têxtil está entre as dez maiores



Figura 6: Produção de tecido tingido

Para garantir a textura e as cores das peças com um impacto mínimo a saúde humana e ao meio ambiente foram desenvolvidas as seguintes tecnologias: (i) a estamperia digital, que apresenta alto rendimento, não causa danos ambientais e não usa processos de vaporização e lavagens (ver Figura 7); (ii) espécies modificadas de algodão naturalmente coloridas desenvolvidas pela Embrapa em cinco cores diferentes, pois dispensam o uso de químicos no tingimento; (iii) o processo Dye Clean® (Golden Technology) utiliza corantes altamente reativos e reaproveita a água dos banhos de tintura, reduzindo assim a quantidade de água e sal (80%) e insumos químicos auxiliares (50%) adicionados no tingimento das fibras celulósicas; (iv) o processo PrimaGreen (DuPont) que utiliza enzimas para degradar o algodão preparando-o para a fabricação têxtil e para uma melhor absorção dos corantes, reduzindo, conseqüentemente, o consumo de químicos, 70% de água, 27% de energia, 33% de vapor e 27% do tempo de processamento; (v) novos detergentes concentrados compostos por mais de vinte ingredientes, a fim de remover o consumo de água e energia na etapa de lavagem.

Para otimizar as despesas energéticas também foram propostos processos capazes de recuperar o calor latente dos evaporadores na etapa de secagem para reaquecer a água usada na



Figura 7: Estamperia Digital

etapa de tecelagem dos tecidos. Assim como o consumo e a venda da energia térmica e elétrica renovável gerada a partir da incineração do lodo biológico produzido na estação de tratamento dos efluentes têxteis.

### TOXICOLOGIA NA INDÚSTRIA TÊXTIL

Na indústria têxtil, algumas ações vêm sendo tomadas visando a eliminação de componentes tóxicos ou poluentes adicionados ou formados no processo, pois seus resíduos podem permanecer nos produtos acabados e, eventualmente, serem liberados no meio ambiente ou durante o uso pelos consumidores. Em contato com a pele humana, essas substâncias podem causar inflamação na pele, dermatites, disfunções hormonais, problemas nos rins, no sistema

Classe corantes	Descrição	Tipo de fibras	Poluentes associados
Ácidos	Compostos aniônicos e solúveis em água. Alguns corantes são metalizados e altamente estáveis.	Lã e poliamida.	Cor, ácidos orgânicos e corantes não fixados.
Catiônicos ou básicos	Compostos catiônicos, solúveis em água, aplicáveis em banho fracamente ácido. Fixação quase que total na fibra. Fornecem cores bastante vivas e até mesmo fluorescentes.	Acrílico e alguns tipos de poliéster.	Sal, ácidos orgânicos, retardantes, dispersantes, etc.
Diretos	Compostos aniônicos, solúveis em água. São a maneira mais simples de colorir metais celulósicos, pois podem ser aplicados diretamente na celulose sem mordente ou metais (como cromo e cobre).	Algodão, Raion e demais fibras celulósicas.	Cor, sal, corante não fixado, fixadores, agentes catiônicos surfactantes, antiespumante, agentes retardantes e igualizantes, etc.
Dispersos ou plastosolúveis	Compostos não-iônicos, insolúveis em água e possuem afinidade com fibras hidrofóbicas.	Poliéster, acetato e outras fibras sintéticas.	Cor, ácidos orgânicos, agentes de igualização, fosfatos, antiespumantes, lubrificantes, dispersantes, etc.
Reativos	Compostos aniônicos e solúveis em água. Classe mais importante de corantes.	Algodão, lã e outras fibras celulósicas.	Cor, sal, álcalis, corantes hidrolisados, surfactantes, antiredutores orgânicos, antiespumantes, etc.
Sulfurosos (enxofre)	Mercapto corantes. Compostos orgânicos contendo enxofre e polisulfetos em sua formulação, altamente insolúveis em água. Possuem uma boa solidez à luz e à lavagem, mas resistem muito pouco ao cloro.	Algodão e outras fibras celulósicas.	Cor, sal, álcalis, agentes oxidantes, agentes redutores e corantes não fixados, etc.
Cuba ou Tina	Corantes tipo Redox, insolúveis em água. A mais nobre classe de corantes.	Algodão e outras fibras celulósicas.	Cor, álcalis, agentes oxidantes, agentes redutores, etc.
Azóicos	São sais de sódio, de ácidos sulfônicos ou carboxílicos sintetizados sobre a fibra durante o processo de tingimento. Insolúveis em água, alto padrão de fixação e de resistência contra a luz e umidade. Representam aprox. 50% dos corantes.	Fibras proteicas e poliamidas	Cor, álcalis, aminas aromáticas (tóxicas e/ou mutagênicas), etc.

Tabela 2: Características dos Corantes Utilizados nas Operações de Tingimento

nervoso, infertilidade e até câncer. Alguns exemplos de substituição são: o hipoclorito ou clorito de sódio por peróxido de hidrogênio, pois os agentes clorados, muito utilizados para alvejar as fibras, reagem com a matéria orgânica resultando em produtos tóxicos organoclorados; e o dicromato de sódio por peróxido de hidrogênio ou oxidantes à base de sais halogenados, pois contém em sua composição cromo hexavalente, que é carcinogênico.

Um dos principais regulamentos que afetam o setor têxtil e de confecções é o Reach (Regulamento nº 1907/2006 do Parlamento Europeu e do Conselho). Trata-se de um regulamento relativo ao registro, à avaliação, à autorização e à restrição das substâncias e misturas químicas comercializadas na União Européia. O Reach atribui à indústria a responsabilidade de controlar os riscos associados às substâncias químicas e misturas que produz, garantindo o uso seguro destas. Recentemente, a Comissão Europeia publicou um documento anunciando a intenção de restringir 286 substâncias carcinogênicas, mutagênicas ou tóxicas para o aparelho reprodutor potencialmente presentes em produtos têxteis. A primeira fase de implementação contemplará as substâncias presentes em vestuários, sapatos e roupas de cama. Na Segunda fase serão incluídos carpetes, tapetes, acessórios presentes nas roupas e artigos de couro.

A Associação Americana de Vestuários e Calçados (AAFA) criou uma lista (RSL - Restrictec Substances List) com as regulações e as substâncias químicas restritas e banidas em produtos da indústria têxtil e de vestuário pelo mundo. de forma que os processos de produção não estão incluídos. É importante ressaltar que a lista não inclui regulações que restringem o uso de substâncias nos processos de produção, preocupando-se apenas se a substância está presente em artigos de vestuário, roupas de cama e

calçados. No Brasil, desde 2013 a indústria têxtil brasileira trabalha para a elaboração de normas para limitar a presença de substâncias tóxicas em peças de vestuário, que podem estar presentes nos tecidos em razão do uso de corantes e até de pesticidas, herbicidas, desfoliantes e adubos sintéticos na produção de fibras naturais. Somente o cultivo do algodão, por exemplo, utiliza cerca de 11% dos pesticidas e 25% dos fertilizantes produzidos no mundo, alguns são cancerígenos e tóxicos.

Atualmente, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT) e a Associação Brasileira da Indústria Química (ABIQUIM) elaboraram em parceria 9 normas técnicas traduzidas de normas ISO, DIN e EM e compatíveis com o REACH e CPSIA para coibir 9 substâncias químicas: formaldeído, fenóis (pentaclorofenol e tetraclorofenol), corantes dispersos alergênicos, metais pesados, corantes azoicos, fluocarbonos (PFOS e PFOA), organo estanosos, ftalatos, alquil fenol e nonil fenol. Já foram finalizados os textos relacionados aos formaldeídos (ABNT NBR ISO 14184-1:2014 e ABNT NBR ISO 17226:2014) e aos fenóis (ABNT NBR ISSO 17070:2006) e as outras estão em fases de correção, avaliação ou em consulta pública. Futuramente será elaborada uma norma para pesticidas. É importante destacar que essas normas serão voluntárias e até o momento não houve manifestação governamental para torná-las obrigatórias. Porém, há interesse das empresas têxteis em atender a estas restrições internacionais, tanto que muitas delas participaram do processo de tradução do conteúdo e algumas até já limitaram o uso dessas substâncias. Por exemplo, desde 2003 as empresas de corantes ligadas à ABIQUIM se comprometeram, através de documento oficial dirigido a ABIT, a não produzir ou importar corantes azóicos que produzem aminas aromáticas cancerígenas.

**AGRADECIMENTOS**

Agradecimento ao Senai Cetiqt pela consultoria técnica e pelo fornecimento das imagens usadas nesta edição e a Luiza de Figueiredo P. Lorenzetti da Associação Brasileira da Indústria Têxtil (ABIT).

**BIBLIOGRAFIA**

BASTIAN, Elza Y. Onishi Guia técnico ambiental da indústria têxtil / Elaboração Elza Y. Onishi Bastian, Jorge Luiz Silva Rocco ; colaboração Eduardo San Martin ... [et al.]. - São Paulo : C E T E S B : S I N D I T Ê X T I L , 2 0 0 9 . (http://www.sinditextilsp.org.br/guia\_p%2Bl.pdf.pdf) (acessado em 03/09/2016).

BLACKBURN, Richard S. Biodegradable and sustainable fibres. Taylor & Francis US, 2005.

CHOI, Sol et al. Biorefineries for the production of top building block chemicals and their derivatives. Metabolic engineering, v. 28, p. 223-239, 2015.

Confederação Nacional da Indústria. Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção. Têxtil e Confecção: Inovar, Desenvolver e Sustentar – Brasília : CNI/ABIT, 2012. 74 p.

Confederação Nacional da Indústria. Água, Indústria e sustentabilidade. Gerência Executiva de Meio Ambiente e Sustentabilidade – GEMAS – Brasília : CNI/ABIT, 2013. 232p.

EMSLEY, John. A healthy, wealthy, sustainable world. Royal Society of Chemistry, 2010.

FLETCHER, Kate. Sustainable fashion and textiles: design journeys. Routledge, 2013.

GOLDEN, Jay S. et al. An economic impact analysis of the US biobased products industry- A report to the congress of the United States of America. Industrial Biotechnology, v. 11, n. 4, p. 201-209, 2015.

GLOBO (2014). Substâncias tóxicas presentes em roupas serão controladas. (http://oglobo.globo.com/economia/defesa-do-consumidor/substancias-toxicas-presentes-em-roupas-serao-controladas-13739937) (acesso em 27/08/2016).

ISIKGOR, Furkan H.; BECER, C. Remzi. Lignocellulosic biomass: a sustainable platform for the production of bio-based chemicals and polymers. Polymer Chemistry, v. 6, n. 25, p. 4497-4559, 2015.

KLEMM, Dieter et al. Cellulose: fascinating biopolymer and sustainable raw material. Angewandte Chemie International Edition, v. 44, n. 22, p. 3358-3393, 2005.

KOUTINAS, Apostolis A. et al. Valorization of industrial waste and by-product streams via fermentation for the production of chemicals and biopolymers. Chemical Society Reviews, v. 43, n. 8, p. 2587-2627, 2014.

LADCHUMANANANDASIVAM, R. Processos Químicos Têxteis. Tingimento Têxtil – Volume III. Apostila do curso de Engenharia Têxtil da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2008.

PERUZZO, L. C. Influência de agentes auxiliares na adsorção de corantes de efluentes da indústria têxtil em colunas de leito fixo. Dissertação de mestrado (Engenharia Química). Universidade Federal de Santa Catarina. 2003.

SENGUPTA, S. Singh, B. R. Natural, “Green” Dyes for the Textile Industry. Technical Report No. 57. University os Massachusetts. 2003.

SILVA, M. A. C. Avaliação Experimental e modelagem do processo contínuo de adsorção do preto remazol B em coluna de leito fixo de carvão ativado. Dissertação mestrado (Engenharia Química). Universidade Federal de Pernambuco. 2006.

**Perspectivas de Inovação em Química Verde na Indústria Têxtil**

**Rafael Araujo - SENAI CETIQT**

A indústria têxtil por anos foi conhecida como um setor de baixa demanda tecnológica, principalmente pelo fato da necessidade de se produzir em larga escala materiais de baixo valor agregado. No entanto no cenário atual a crescente sofisticação dos equipamentos de produção e o uso de novas tecnologias em processos e insumos refletem a competitividade pela produção e comercialização de produtos mais nobres. Em consonância com as novas políticas ambientais, a utilização de processos “ verdes “ tem mostrado grandes avanços, como por exemplo a substituição da água por líquidos supercríticos nos processos de tingimento iniciado comercialmente na Alemanha.

A biotecnologia também tem tido um impacto significativo nas indústrias de tingimento têxtil e acabamento, as enzimas outrora utilizadas apenas na desengomagem de tecidos ganharam notoriedade nos chamados bioacabamentos, os quais fornecem toque e aspecto diferenciado no artigo têxtil. Outra possibilidade é a substituição de agentes redutores por enzimas catalíticas na neutralização de resíduos de peróxido de hidrogênio após o alvejamento químico. Ainda no setor de química e acabamento têxtil observa-se que alguns biopolímeros têm sido utilizados para o aumento da fixação de corantes e pigmentos nos processos de estamperia, como é o caso dos alginatos que podem substituir alguns auxiliares têxteis de origem fóssil.

No campo das fibras têxteis constata-se ao longo dos últimos 20 anos um crescimento quase exponencial das fibras sintéticas no mercado, apesar das fibras celulósicas fornecerem propriedades únicas no que diz respeito a conforto e toque. As fibras sintéticas de Poliéster já apresentam em determinadas áreas um consumo mais elevado em relação as fibras de algodão, apesar do custo elevado as fibras biodegradáveis já começaram a ser introduzidas no mercado. Entre os biopolímeros base de tais fibras, o mais promissor talvez seja o PLA, a fibra de soja começou a ser amplamente utilizada na China, possui características de maciez e toque sedoso, além de todos estes fatores ligados ao conforto, seu custo é relativamente baixo, no entanto as fibras de PLA ainda fornecem melhores propriedades de resistência a tração. Diante do contexto verifica-se que as necessidades da sociedade moderna podem ser aliadas ao uso de artigos têxteis menos agressores ao meio ambiente, e que produtos ecológicos, mais do que um conceito ou produto de marketing, é um importante agente agregador ao comportamento do consumidor.

**Agradecimento:** *O autor agradece aos colegas do projeto de pós-doutorado no CEFET-MG e do IMA na área de biocompósitos preparados a partir de resíduo têxtil.*

# QUÍMICA VERDE em Cápsulas

◆ Tudo indica que a Olimpíada do Rio de Janeiro foi a mais verde que já foi realizada. No entanto, em determinadas ocasiões o verde não era muito bem-vindo, especialmente nas piscinas onde foram realizadas as competições de saltos e nado sincronizado. A enorme economia em água e energia obtida através da recirculação (com a adição controlada de produtos químicos para eliminar os micróbios e controlar o pH a água das piscinas só precisa ser renovada a cada cem dias) foi contrabalanceada pela

necessidade de adição de outros produtos químicos. As suspeitas recaíram sobre produtos secundários formados a partir das reações entre os constituintes da urina, suor e produtos de uso pessoal como cremes, desodorantes, umectantes, shampoos, etc., introduzidos pelos atletas e aqueles usados no tratamento da água.



◆ Um dos principais problemas na obtenção de etanol a partir de material lignocelulósico é a formação de produtos formados durante as

etapas de pré-tratamento, que inibem a ação das enzimas responsáveis pela decomposição das macromoléculas nos processos subsequentes. Uma abordagem promissora para a remoção destas substâncias das soluções de açúcares é a adição de estruturas metal-orgânicas que complexam com furanos, podendo extraí-los seletivamente. Em testes de laboratório uma dessas estruturas foi capaz de remover 80% do DMF de uma solução de glicose.

## QUÍMICA VERDE Eventos

### Destaques do VI Encontro da Escola Brasileira de Química Verde

Há um ditado que se pode fazer qualquer coisa com a lignina, menos ganhar dinheiro. Roberto Rinaldi, da Imperial College de Londres, UK, tem outra opinião. Utilizando uma conversão catalítica para remover e despolimerizar a lignina ele obtem uma polpa de celulose e fenóis monocíclicos em altos rendimentos. Os fenóis podem representar uma matéria prima promissora para a preparação de fibras de carbono e há empresas interessadas em testar as polpas como fonte de celulose para fins industriais..

A atual tecnologia para produzir etanol a partir de biomassa lignocelulósica ainda não se mostrou competitiva em termos de preços. Lee Lynd, do Dartmouth College, New H, EUA, Tem uma sugestão alternativa ao pré-tratamento termoquímico. Usando combinações de bactérias anaeróbicas, específicas para celulose e hemicelulose ele está avaliando os investimentos necessários para produção em escala industrial.

### 2016 Global Innovation Imperative: Demonstrações de Química Verde para Locais Remotos

A Escola Brasileira de Química Verde, criada em 2010 e hospedada na Escola de Química da UFRJ, promove o ensino de Química Verde em todos os níveis

Como parte de suas atividades de informar a sociedade sobre questões relacionadas à sustentabilidade em processos químicos. Recentemente, na condução destes trabalhos junto aos professores do ensino médio, foi identificada uma tendência extremamente perigosa – várias escolas estão fechando seus laboratórios e abandonando trabalhos práticos por causa dos custos crescentes e limitações no acesso a instalações apropriadas. Este é um problema muito sério, pois o trabalho experimental foi o ponto de partida para a indústria de química orgânica com base tecnológica e representa um componente essencial do ensino de química. Assim, em colaboração com o Brazil International Chapter da American Chemical Society, será realizado o **2016 Global Innovation Imperative (Gii)** que reunirá especialistas em práticas de Química Verde tanto ao nível nacional quanto internacional em Belém, Pará, no dia 4 de novembro deste ano para discutir e disseminar experimentos simples, seguros e de baixo custo que são capazes de engajar alunos de todos os níveis e garantam que a próxima geração de químicos não percam algumas das mentes mais promissoras. Caso tenha interesse em participar do evento ou dos trabalhos que serão propostos entre em contato conosco em [quimicaverde@eq.ufrj.br](mailto:quimicaverde@eq.ufrj.br).

### Expediente

O Caderno de Química Verde é uma publicação da Escola Brasileira de Química Verde. Tem por objetivo divulgar fatos, entrevistas, notícias ligadas ao setor.

**Editor Responsável:**  
Peter Rudolf Seidl.

#### Conselho de Redação:

Adriana Karla Goulart, Evanildo da Silveira, Julio Carlos Afonso, Roberio Fernandes Alves de Oliveira.

#### Consultor Senior:

Celso Augusto Caldas Fernandes.

#### Diagramação e arte:

Adriana dos Santos Lopes.

#### Contato:

[quimicaverde@eq.ufrj.br](mailto:quimicaverde@eq.ufrj.br)

É permitida a reprodução de matérias desde que citada a fonte.

Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores.

# Produtos da Amazônia em exposição na Europa

## No início do século XX

**Júlio Carlos Afonso**  
*Editor da RQI*

O tema do 56º Congresso Brasileiro de Química e a sua realização na capital paraense nos remete à enorme variedade de produtos oriundos da região Amazônica, sempre motivo de curiosidade e de interesse econômico. O que será apresentado adiante nos mostra que desde há muito tempo atrás esses produtos já atraíam a atenção do mundo inteiro, particularmente na Europa. Mais precisamente, desde as monumentais Exposições Universais do século XIX, o Brasil participava com o que lhe era de mais característico: os produtos de origem mineral, vegetal e animal, geralmente oriundos de atividades de extrativismo, acrescidos de alguns produtos manufaturados. Era uma época em que nosso país era olhado sob o viés de um lugar de natureza exuberante e misteriosa, rica em lendas e costumes, e produtos incomuns aos habitantes do (hemisfério) norte.

Além das exposições de cunho mais generalista (como as Exposições Universais), havia também as exposições temáticas. Uma delas foi a “Exposition Internationale du Caoutchouc e des Autres Produits Tropicaux” (Exposição Internacional da Borracha e de

Outros Produtos Tropicais). A Sociedade Nacional de Agricultura, grande artífice na organização e realização do 1º Congresso Brasileiro de Química em 1922, que culminou na fundação da Sociedade Brasileira de Química, base sobre a qual se assenta a nossa atual Associação Brasileira de Química, participou da VI e VII edições dessa Exposição Internacional: em 1924, em Bruxelas (1º a 16 de abril), e em 1927 no Grand Palais de Paris (24 de janeiro a 6 de fevereiro). Em ambos os eventos, produtos de várias regiões do Brasil, juntamente com fotos e descrições, foram expostos em estandes.

A Sociedade Nacional de Agricultura registrou toda a sua participação em seu periódico *A Lavoura*, da qual extraímos algumas das imagens mais representativas que mostram a força dos produtos amazônicos no cenário de divulgação do Brasil mundo afora. Cabe ainda destacar que o termo “amazônico” incluía ainda os estados do Maranhão e do Piauí, que na época eram conhecidos como o “meio-norte” brasileiro, região de transição entre a região amazônica propriamente dita e o sertão nordestino.

### VI EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DA BORRACHA E DE OUTROS PRODUTOS TROPICAIS (Bruxelas, abril de 1924)

Coleta do guaraná em Maués,  
Estado do Amazonas

Reproduzido sob permissão da  
Sociedade Nacional de Agricultura,  
copyright©1924



Ilha montada para exposição de miscelânea de produtos amazônicos, incluindo os do “meio-norte” brasileiro

Reproduzido sob permissão da Sociedade Nacional de Agricultura, copyright®1924



À esquerda: Galpão que abrigou os estandes do Brasil. Destaque para as chamadas para degustação de café e da erva-mate

Reproduzido sob permissão da Sociedade Nacional de Agricultura, copyright®1924



Expositor de madeiras do Estado do Pará.  
Nome do fotógrafo ilegível

Reproduzido sob permissão da Sociedade Nacional de Agricultura, copyright®1924





## VII EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DA BORRACHA E DE OUTROS PRODUTOS TROPICAIS

(Paris, janeiro e fevereiro de 1927)



Um castanheiro coletando castanhas-do-Pará. Foto de J. G. Araujo

Reproduzido sob permissão da Sociedade Nacional de Agricultura, *copyright*®1927



Pesca do pirarucu, no Alto Amazonas. Foto de J. G. Araujo  
Reproduzido sob permissão da Sociedade Nacional de Agricultura, *copyright*®1927

Estande de produtos do Estado do Amazonas  
Reproduzido sob permissão da Sociedade Nacional de Agricultura, *copyright*®1927

Estande dos produtos do Estado do Maranhão. Em destaque, aqueles obtidos do babaçu  
Reproduzido sob permissão da Sociedade Nacional de Agricultura, *copyright*®1927



Estas imagens e registros nos mostram que a Amazônia é um patrimônio nacional, parte de nossa identidade como nação brasileira. Tal patrimônio deve ser conhecido, pesquisado, defendido e explorado com sustentabilidade para assegurar às nossas futuras gerações o acesso e o usufruto dessa maravilhosa biodiversidade de nosso país.

### Referências

A Lavoura, ano XXVIII, número 5, maio de 1924.  
A Lavoura, ano XXXI, número 3, março de 1927.



A Lavoura é uma publicação da Sociedade Nacional de Agricultura ([www.sna.agr.br](http://www.sna.agr.br)).

As edições eletrônicas de A Lavoura (a partir do n. 687, dezembro de 2011) podem ser acessadas pelo portal <https://issuu.com/sociedadenedacionaldeagricultura/stack/s/795d0755124e496aa033ceeab9d5bc67>.

### Nota do Editor

A Associação Brasileira de Química recebe as edições impressas dos periódicos da Sociedade Nacional de Agricultura A Lavoura e Animal Business Brasil desde março de 2016, as quais estão disponíveis na sede de nossa Associação.

# Congresso Brasileiro de Química



Hangar Centro de Eventos e Feiras da Amazônia

## Após 11 anos o maior evento da Química no Brasil em 2016 retorna ao Pará

Belém, capital do Pará, receberá de 7 a 11 de novembro de 2016, no Hangar Centro de Convenções da Amazônia, o 56º Congresso Brasileiro de Química e seus eventos paralelos **XXIX Jornada Brasileira de Iniciação Científica em Química, XVII Feira de Projetos de Química – FEPROQUIM, XXIX Maratona de Química e Expoquímica'2016**.

Patrícia Teresa Souza da Luz, Presidente da Regional Pará da ABQ e do 56º CBQ, dá as boas vindas aos participantes afirmando *“o CBQ será realizado num espaço estruturado com logística para eventos nacionais e internacionais, que possui grandes auditórios e salões que permitem a realização de um evento confortável e agradável. Quem vier à Belém poderá se deliciar com os sabores marcantes da culinária mais exótica do Brasil, variada biodiversidade, ritmos quentes. Você é convidado a conhecer os encantos dessa metrópole amazônica”*.

A programação científica do congresso conta com 12 palestras internacionais e nacionais, 5 palestras

técnicas, 3 mesas redondas, 8 encontros temáticos, 12 cursos com 8 e 9 horas, apresentação de trabalhos e 3 momentos com autores que apresentarão suas obras. Na FEPROQUIM 19 projetos selecionados disputarão o prêmio ao 1º colocado de R\$ 1.000,00. Na Jornada de Iniciação Científica foram selecionados 108 trabalhos que disputarão o Prêmio Arikerne Sucupira de Incentivo à Química no valor de R\$ 5.000,00, entregue ao 1º colocado. Na Maratona de Química, alunos de ensino médio ou técnico, dividirão R\$ 1.050,00 em prêmios entre os 3 primeiros colocados.

A Presidente, à frente de uma Comissão de cerca de 20 professores e pesquisadores locais, se entusiasma ao atestar que *“o CBQ em Belém será um evento inter e transdisciplinar onde os profissionais e estudantes da área da Química, se reunirão para discutirem as principais novidades do setor, novas descobertas científicas além de assuntos relacionados à sustentabilidade, tecnologias e principalmente aos desafios de fazer pesquisa na região*

Norte". E Patrícia conclui "o evento é o cenário ideal para divulgação de estudos e pesquisas no âmbito da Química. É através da exposição, que a comunidade científica local e nacional tem a oportunidade para apresentar os

resultados de suas pesquisas, e desta forma, contribuir para o avanço da ciência e para o desenvolvimento tecnológico específicos da região Norte às comunidades das outras regiões do país".

# A Amazônia e a Química

Alcy Favacho Ribeiro

Professor do Campus Universitário de Ananindeua - UFPA

Depois de mais de uma década e no ano em que Belém completa 400 anos, o Pará volta a sediar uma versão do Congresso Brasileiro de Química. Desta vez o local do evento será o Hangar Centro de Convenções e Feiras da Amazônia, maior espaço de convenções da região, demonstrando, assim, sua robustez e importância para a região.

A Amazônia, e especialmente as terras do Pará, ainda é vista por uma grande parcela de brasileiros como um almoxarifado de recursos naturais, que a limita, muitas das vezes, apenas para contribuir com a melhoria do saldo comercial e PIB do país. Projetos de grande envergadura como Carajás, para exploração do minério de ferro, e as usinas hidroelétricas de Tucuruí, na região Tocantina, e Belo Monte, na região do Xingu, traduzem uma parte desse sentimento. Com a implantação desses programas fica evidenciado que a sociedade paraense pouco se beneficiou, em termos relativos, com a melhoria de vida, pois esses projetos afetam diretamente os povos tradicionais da floresta e, comprovadamente, com muitos prejuízos nas questões sócio-ambientais.

O CBQ, que tem por objetivo maior congrega a comunidade química, incentivando o estudo, a difusão e o conhecimento da Química entre profissionais e estudantes, definiu o tema "Química: tecnologias, desafios e perspectivas na Amazônia", para a versão 56 do CBQ. O tema visou justamente destacar a produção dos diversos grupos de pesquisas sediados em universidades e centros de pesquisa da região

que vêm estudando os recursos naturais da Amazônia e buscando desenvolver inovações tecnológicas para a exploração sustentável desses recursos.

A comunidade acadêmica de nossa região se sente protagonista do 56º CBQ, pois terá participação destacada no evento. A interação de pesquisadores e professores ligados à região, como Universidade Federal do Pará (UFPA), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Universidade do Estado do Pará (UEPA), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Conselho Regional de Química-VI Região, Museu Paraense Emílio Goeldi e Instituto Evandro Chagas revelam a importância do evento para nossa região. Além disso, teremos participação de pesquisadores de instituições de fundamental importância para a Amazônia como UFAM, UNIFAP e INPA.

Sentimo-nos, portanto, privilegiados e honrados em participar das discussões de temas atuais da área, tanto aqueles relacionados aos avanços de pesquisas químicas em si, quanto às estratégias políticas para o avanço e crescimento da ciência química e fortalecimento da categoria profissional, o que foi muitas das vezes propagado pelo pioneirismo de pesquisadores, como o Professor Waterloo Napoleão de Lima, Presidente de Honra *in memoriam* do Congresso. Portanto, a vinda do 56º CBQ para Belém traz o sentimento de reconhecimento da parte intelectual brasileira, que vê com outros olhos a capital do Pará como importante centro de pesquisas na Amazônia.

Nos cinco dias do evento a Comissão espera reunir em torno de 1500 participantes. Até a data de fechamento desta matéria haviam 1284 congressistas confirmados. Deverão ser apresentados 953 trabalhos que foram aprovados para apresentações em pôster e de forma oral.



**Internacionais: Da esquerda, Herminio Sousa, Judith Hoelzemann, Ramiro Neves**

Palestrantes internacionais falarão sobre “o desenvolvimento de produtos e nanomateriais para usos farmacêuticos e engenharia biomédica”, “a Química da atmosfera”, “simulação ambiental e recursos hídricos”. Estarão em Belém Hermínio José Cipriano de Sousa, da Faculdade de Engenharia Química da Universidade de Coimbra em Portugal, Judith Johanna Hoelzemann, do Centro de Ciências e da Terra da UFRN, Ramiro Neves, do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa de Portugal.

Entre os palestrantes nacionais estarão Alberto Cardoso Arruda, Diretor Científico na Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA), que fará a abertura do evento falando sobre “Estratégias tecnológicas para os recursos naturais no desenvolvimento da Amazônia”. Ainda entre os convidados nacionais Orlando Fatibello Filho, da UFSCar (“Procedimentos analíticos ambientalmente sustentáveis”), Diego Stéfani Teodoro Martinez, do Laboratório Nacional de Nanotecnologia da CNPEM (“Desenvolvimento da nanotecnologia: Conceitos, aplicações e riscos ambientais”), Valdir Florencio da Veiga Junior, da UFAM (“Padronização e aproveitamento biotecnológico de recursos naturais amazônicos”), Ana Flavia Nogueira, do Instituto de Química da UNICAMP (“Energias renováveis: Quais e como produzi-las”), Joyce Kelly do Rosário Silva, do Instituto de Ciências Biológicas da UFPA (“Óleos da Amazônia e usos medicinais”), Cláudia Christina Bravo e Sá Carneiro, da UFC (“A dimensão ambiental no ensino de Química: Um compromisso necessário à formação cidadã”), Ivano Gebhardt Rolf Gutz, do Instituto de Química da USP (“Análises químicas na

*Amazônia: Avanços, desafios e perspectivas para sensores e sistemas eletroquímicos”).*

Nos cursos, aqueles que vierem a se inscrever, terão como opções: *Aplicações da simulação matemática em problemas ambientais* (curso internacional), com Ramiro Neves; *Construtivismo e experimentação: Atividades para o ensino de Ciências e de Química*, com Janes Kened Rodrigues dos Santos, da UFPA; *Química Forense*, com Valter Stefani, da UFRGS; *Refino de petróleo: conceitos e aplicações*, com Alexandre de Castro Leiras Gomes, da EQ-UFRJ; *Espectrofotometria molecular nas regiões do UV-VIS*, com Hiram da Costa Araujo Filho, do IFRJ; *Escrita de artigos científicos de alto impacto: estrutura e linguagem*, com Wesley Pacheco Calixto, do IFG; *Plantas aromáticas da Amazônia: Óleos essenciais e análise química*, com Eloisa Helena de Aguiar Andrade, do Museu Paraense Emilio Goeldi; *Formação e crescimento de cristais*, com Armando Pereira do Nascimento Filho, da UFF; *Como ensinar Química Verde nas escolas*, com Rafaela da Conceição Nascimento, da EQ-UFRJ; *Cosmetologia: Linhas de pesquisas e aplicações através de ingredientes verdes e biotecnologia*, com William Arthur dos Santos de Lima, da Natura; *Química medicinal baseada em produtos naturais*, com Raphael Salles Ferreira Silva, do IFRJ; *Cristalografia e difração de raios X – Introdução ao refinamento estrutural pelo Método de Rietveld*, com Rômulo Simões Angélica, da UFPA.

Os temas das mesas redondas são: “*Como levar para as atividades escolares as inovações no ensino de Química?*”, “*A Química e a biodiversidade amazônica*” e “*Gestão de recursos hídricos*”.

# 9º

# Goiânia recebe o Encontro Nacional de Tecnologia Química

## Abordando o tema “Tecnologias Limpas”

**Estevão Freire**

*Professor da EQ-UFRJ - Diretor de Assuntos Internacionais da ABQ*

### Introdução

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) considera “tecnologias limpas” aquelas que levam a mudanças nos processos produtivos ou no ciclo de vida dos produtos, reduzindo a quantidade de resíduos [1]. De modo semelhante, “tecnologias limpas” é uma expressão utilizada para se referir a um amplo espectro de tecnologias e indústrias de geração alternativa de energia, painéis solares fotovoltaicos e equipamentos de redução da poluição [2]. De acordo com o Cebri [3], são denominadas “tecnologias limpas” as práticas que previnem ou minimizam problemas ambientais, tais como o elevado consumo de insumos, a poluição e a geração de resíduos, buscando trazer benefícios econômicos concomitantemente aos ganhos ambientais, uma vez que atuam para prevenir ou reduzir a poluição ainda na fonte geradora e concentram esforços na racionalização do uso de recursos naturais.

Segundo a OCDE [4], micro, pequena e médias empresas podem se beneficiar da adoção das tecnologias limpas, associando benefícios ambientais e ganhos de competitividade, por adotarem modelos de negócio mais flexíveis.

No Brasil, iniciativas em prol das tecnologias limpas têm sido levadas a frente, como o Centro Nacional de Tecnologias Limpas SENAI – CNTL, primeiro no gênero na América Latina, localizado na Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do

Sul (FIERGS), junto ao SENAI-RS [5].

Portanto, o Encontro Nacional de Tecnologia Química – ENTEQUI –, nesta nona edição teve como objetivo congrega pesquisadores e empresários de instituições goianas e de outros estados do Brasil para discutir aspectos relacionados aos desafios econômicos e ambientais de diversas tecnologias limpas com potencial de crescimento em nosso País.

### Sobre o Evento

O ENTEQUI é um evento anual promovido pela Associação Brasileira de Química, que nesta edição teve promoção e realização conjunta da Regional Goiás (ABQ-GO), além de patrocínio e apoio das seguintes instituições: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológica de Goiás (IFG), Instituto

### Mesa de abertura do 9º ENTEQUI



Fotos: Joema Cardoso



**Palestras de abertura: Da esquerda para a direita, Ivan Teixeira, da Genix, Albenones Mesquita, da FAPEG, apresentados por Marcos Vargas, do IFG**

Federal Goiano (IFGo), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Estadual de Goiás (UEG), Universidade de Brasília (UnB), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás) e Conselho Regional de Química da 12ª. Região.

O Encontro foi realizado nos dias 19, 20 e 21 de setembro de 2016 no Centro de Eventos do Hotel Blue Tree Premium Goiânia, na cidade de Goiânia e foi composto de sete palestras, duas mesas redondas, duas sessões de pôster e duas sessões de comunicações orais, que abordaram o tema “Tecnologias Limpas: um Desafio Econômico e Ambiental”. A Comissão Científica foi presidida pelo Prof. Sergio Botelho de Oliveira, do IFG e ABQ-GO e a Comissão Organizadora pelo Prof. Danni Pereira Barbosa, da PUC-Goiás e ABQ-GO.

**Seus Destaques**

O evento teve um total de 108 participantes e 27 apresentações de trabalhos, divididos em sessões oral e de pôster.

No dia 19, após a abertura oficial pelo Presidente da ABQ, professor Robério Fernandes Alves de Oliveira, teve início a palestra de abertura, que foi proferida por Albenones José de Mesquita, Diretor Científico da FAPEG, e por Ivan da Glória Teixeira, da empresa Genix. Albenones apresentou dados que mostram o esforço em pesquisa que a FAPEG tem envidado nos últimos anos, apoiando projetos de pesquisa e bolsas de mestrado e doutorado -

nos últimos 15 anos, foram despendidos cerca de R\$ 200 milhões para financiar pesquisas, eventos e bolsas. Ivan apresentou os processos produtivos da empresa Genix – Qualicaps Brasil, uma dos maiores fabricantes mundiais de cápsulas de gelatina duras vazias, instalada em Anápolis (GO), cidade que concentra o principal polo farmacêutico do Brasil. Ivan destacou também o processo de moagem e embo das aparas moídas que é destinado a indústrias do ramo veterinário e de fabricação de cola, projeto de pesquisa em

conjunto com a UEG, de otimização do sistema de tratamento de efluentes e o projeto Equilibra, de desenvolvimento de programa nutricional para melhoria da saúde do trabalhador por meio de adição de alimento funcional à dieta, em parceria com o Sesi/Senai com o apoio do CNPq, que resultou em melhoria da qualidade de vida, da produtividade e redução do absenteísmo dos trabalhadores da empresa.

No dia 20 ocorreram as apresentações orais dos trabalhos selecionados e das sessões de pôster, além de três palestras.

Na primeira palestra, intitulada “Applied Bioeconomy: agricultural residues for improved biomass production”, a Dra. Silvia Schrey, do Centro de Pesquisa Julich (Alemanha) além de apresentar o Centro de Pesquisa, apresentou alguns projetos em colaboração com o Brasil.

O projeto ASHES – *Recycling of nutrients from residues of thermo-chemical processing of bagasse/straw*, em parceria com o IFG, CNPEM (Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais), UFG e LANAGRO (Laboratório Nacional Agropecuário) visa utilizar o bagaço como fonte alternativa de nutriente para plantas e o projeto PURESBio: *Process understanding and usage of residues for sustainable plant biomass production*, em parceria com a Embrapa, IFG e CTBE (Laboratório Nacional de Ciência e Tecnologia do Bioetanol) tem como objetivo estudar o uso de resíduos biogênicos a partir da indústria do açúcar e do álcool como fertilizantes e condicionadores de solo.



**Giovanni Nunes, da Sanitty, a esquerda, apresentado por Ítalo Fernandes, do IFGoiano**

Na segunda palestra, “Momento com o autor”, o Engenheiro Giovanni Barbara Nunes, da Sanitty Química apresentou o livro escrito por ele em coautoria com Paula Regina Lessa, intitulado “Análise e Tratamento de Água e Efluentes: Teoria e Prática no Laboratório de Análise de Água e Efluentes”, que tem como proposta ajudar a compreender como funciona um laboratório em termos de procedimentos de execução contínua de análises de água e efluentes. O livro contempla conteúdo prático focado em análise de água e efluentes, onde são descritos 225 procedimentos de preparo de soluções.

A terceira palestra do dia, ministrada pelo Prof. Estevão Freire, da UFRJ, intitulada “Ferramentas de prospecção tecnológica para tomada de decisão”, abordou conceitos e alguns métodos de prospecção tecnológica, com foco em patentes.

As atividades do dia se encerraram com um Painel de Empresas, intitulado “Como conseguir o desenvolvimento tecnológico da empresa em época de

crise econômica?”, composta pelos profissionais Melchiades da Cunha Neto, da Scitech, localizada na cidade de Aparecida de Goiânia (GO), que atua na área de medicina intervencionista produzindo *stents* coronários, Marcelo Xavier de Oliveira, da Globaltec, que atua no ramo de software de automação e gestão na área de construção civil e Aline Alves de Oliveira, da Biocap, empresa localizada na cidade de Goiânia, que produz diversos produtos na área de cosméticos, tais como hidratantes e produtos para o cabelo.

No último dia do evento ocorreram sessões orais e de pôster, além de 3 palestras e uma mesa redonda.



A primeira palestra foi apresentada pelo professor Joachim Werner Zang, do IFG, que abordou o tema “Produção de biogás no Brasil”. Joachim apresentou as principais tecnologias de produção de biogás e a situação da produção de biogás no Brasil, concluindo que a tecnologia de biogás permite o aproveitamento energético de resíduos orgânicos úmidos e os subprodutos gerados podem ser usados como biofertilizante e condicionador de solo.

A segunda palestra do dia 21 abordou o tema “Incentivos fiscais para o desenvolvimento tecnológico”, ministrada pelo professor Aristeu Gomes Tininis, do IF-SP. O professor apresentou um histórico de projetos desenvolvidos no



**Painel de empresas: da esquerda para a direita, Melchiades Cunha Neto, da Scitech, Roberio Oliveira, moderador, Aline Oliveira, da Biocap, Marcelo Xavier, da Globaltec**

âmbito do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTIC), tais como o Marco Legal da Ciência Tecnologia e Inovação (Lei nº 13.243/2016), que alterou diversas leis, dentre elas a Lei da Inovação (Lei nº 10.973/2004), o Programa INOVAR-AUTO, que diz respeito à Incentivo à Inovação Tecnológica e Adensamento da Cadeia Produtiva de Veículos Automotores, a Plataforma ITEC, que aproxima os desafios tecnológicos das empresas das soluções tecnológicas propostas por institutos de pesquisa e universidades e finalmente a chamada Lei do Bem (Lei nº 11.196/05), que estimula empresas a realizarem atividades de P, D & I.

A terceira palestra, intitulada “Tecnologias de produção de biomassa”, foi apresentada pela professora Sarah Silva Brum, da Universidade de Brasília, que discorreu sobre a produção de energia e produtos a partir de biomassa lignocelulósica, tais como hidrogéis renováveis como condicionadores de solo e para uso em liberação controlada de fármacos.



Sarah Brum, da UnB

O evento terminou com a mesa redonda intitulada “Economia e mercado energético”, que contou com a presença da Dra. Raquel Martins Henriques, da Empresa de Pesquisas Energéticas (EPE) e os mestres Wagner Alves Vilela Júnior e João Caetano Neto, ambos da CELG (companhia de distribuição de eletricidade do estado de Goiás). A Dra. Raquel apresentou diversos dados de oferta, demanda e consumo energético, por fonte de energia, disponíveis no Balanço Energético Nacional (BEN).

Wagner comentou sobre o mercado de distribuição de energia altamente regulado e que a

Rachel Henriques da EPE



privatização do setor energético não favoreceu o consumidor. Por último, João chamou a atenção dos pesquisadores da possibilidade de submeter projetos para as concessionárias de distribuição de energia, já que elas são obrigadas a investir um percentual da receita operacional líquida em P&D.

### Concluindo

O evento mostrou a potencialidade do Brasil para o uso de energias limpas e processos sustentáveis, como biogás e produtos a partir de biomassa lignocelulósica. Pode-se destacar também os projetos desenvolvidos em parceria entre o Centro de Pesquisa Julich com instituições de pesquisa brasileira para uso de tecnologias do biogás, e as oportunidades de pesquisa existentes na área de tecnologias limpas.

### Algumas Referências de Interesse

1. Working party on SME and entrepreneurship. Final Report “green entrepreneurship, eco-innovation and SMEs”. Paris: OCDE, 2013. Disponível em: [http://www.oecd.org/officialdocuments/publicdisplaydocumentpdf/?cote=CFE/SME\(2011\)9/FINAL&docLanguage=En](http://www.oecd.org/officialdocuments/publicdisplaydocumentpdf/?cote=CFE/SME(2011)9/FINAL&docLanguage=En), acesso em 24/09/2016.
2. Cleantech Growth & Go-to-Market Report, Ontario, Canadá, 2009.
3. SEBRAE, Tecnologias Limpas, Estudo de Benchmarking Internacional Micro e Pequenas Empresas, Centro Brasileiro de Relações Internacionais – CEBRI, Rio de Janeiro, agosto, 2013.
4. OCDE, Sustainable Manufacturing Toolkit- seven steps to environmental excellence. Paris, 2011.
5. Centro Nacional de Tecnologias Limpas, disponível em <http://www.senairs.org.br/pt-br/cntl>, acesso em 23/09/2016.



# Aconteceu na RQI ...

Há 75 anos atrás (Ano 10, número 113, setembro de 1941)

## Uma nova, imponente palmeira brasileira

*Cocos getuliana Bondar, n. sp.*

(por Gregório Bobdar, consultor técnico do I.C.F.E.B. - Bahia)

Sua aplicação: pode ser cultivada para a produção de fibra, que é flexível, resistente, inquebrantável, imputrescível.

Seu caule é alto e linear, liso; cicatrizes foliares visíveis, planas, formando anéis espaçados de 15-20 cm. A altura atinge a 20 m e mais, com 15 a 20 cm de diâmetro.



## Aspectos da Tecnologia do Petróleo

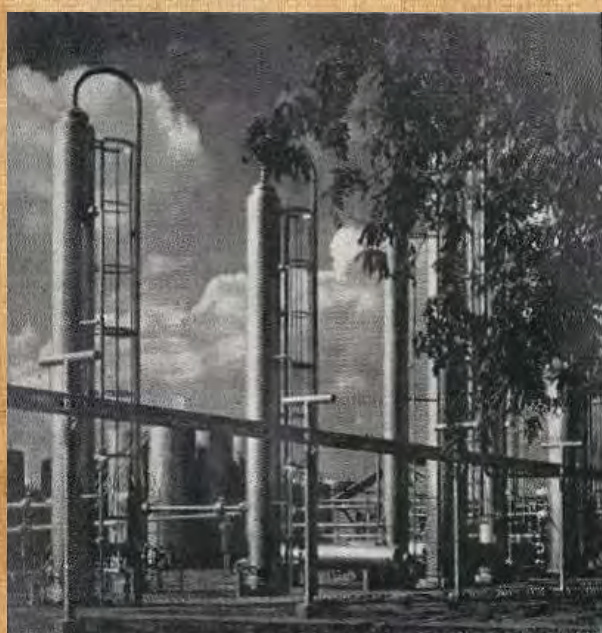
(por Carlos Eduardo Nabuco de Araújo Júnior)

O leigo que vê passar um automóvel pelas ruas ou estradas, que vê a movimentação de um trator nos campos, o vôo de um avião, a explosão de um canhão e inúmeros outros aspectos de uso corrente e diário, não pôde imaginar que tudo aquilo que extasia os seus olhos se acha direta ou indiretamente ligado à indústria do petróleo.

Petróleo, palavra que exprime terror e admiração, é hoje uma das mais importantes matérias-primas para a indústria.

Quando Drake, há cerca de 82 anos, em busca de água encontrou nos campos da Pennsylvania um líquido oleoso e negro, estava muito longe de avaliar a importância que o seu achado representaria na vida moderna; nem ele nem muitos outros da mesma época poderia imaginar o que representaria no futuro aquele líquido fétido e viscoso, encontrado por acaso.

E, a final, o que era aquela negra camada que aflorava sem parar no poço de 21 metros perfurado por Drake? Era aquele mesmo produto incendiado por supersticiosos caucasianos e persas, e denominados como a tribu dos Adoradores de Fogo; era aquela mesma substância com que cimentaram as paredes da Torre de Babel e com que foram juntadas muitas lajes dos sarcófagos dos faraós egípcios; era, enfim, o resultado de um cataclismo ocorrido há milhões de anos atrás. (...) Em 1861 a humanidade, se interessando por aquela fascinante maravilha oleosa e negra, começou uma longa série de derivados e sub-produtos do petróleo. (...)



# Aconteceu na RQI ...

Há 50 anos atrás (Ano 35, número 413, junho de 1966)

## O Instituto Nacional de Tecnologia

(Fatos, Episódios, Lutas e Realizações)

(por Heraldo de Souza Mattos, Vice-Diretor do INT)

Um dos grandes e inestimáveis serviços prestados pelo Instituto foi a organização da legislação metrológica brasileira (...). A única lei de pesos e medidas existente no Brasil era a Lei Imperial 1.157, de 26 de junho de 1862, ainda dos gloriosos tempos do nosso grande imperador D. Pedro II. Mandava ela adotar no país o sistema métrico decimal, e foi regulamentada a 11 de dezembro de 1872. (...) Depois de inúmeras lutas, foi aprovado pelo Decreto 4.257, de 15 de junho de 1939, a Lei Metrológica Brasileira. (...) É difícil fazer entender por aqui que o progresso e o bem-estar de um país dependem,



## Flúor no tratamento de águas

(por Amaury Fonseca, diretor técnico da D'Água Química Industrial Ltda)

Já vem de longa data as pesquisas concernentes ao emprego de flúor no tratamento da água. No entanto, somente há cerca de vinte anos é que seu emprego tomou mais definidas formas: isto deu-se em 1944 quando o Departamento de Saúde de Nova Iorque, em cooperação com técnicos de Newburgh, começaram a medir a incidência de cáries dentárias nas crianças em idade escolar ali residentes. Este registro de dados foi executado antes de dar início à fluoretação das águas destinadas ao abastecimento público naquela cidade. (...) Os estudos iniciais tiveram a duração de aproximadamente seis anos (1951); (...) os resultados obtidos indicaram uma redução de aproximadamente sessenta por cento na taxa de incidência de cáries dentárias nas crianças que bebiam da água fluoretada em relação àquelas que não tinham acesso a ela. (...)

## I Seminário Latino-Americano de Química

Por intermédio de seu departamento de assuntos científicos, a Organização dos Estados Americanos (OEA) está programando um Seminário Latino-Americano de Química (SELAQ) (...). Espera-se que este I SELAQ seja a base de um programa continuado, a ser efetuado a cada dois anos ou mesmo anualmente, caso haja interesse e recursos financeiros para tanto. A sede dessas reuniões será variável, nos diferentes países latino-americanos. O local proposto para o I SELAQ foi a cidade de São Paulo, no Conjunto das Químicas da Cidade Universitária de São Paulo. A data escolhida foi de 3 a 28 de outubro, no corrente ano [1966], isto é, o Seminário terá a duração de quatro semanas. O tema proposto foi: MACROMOLÉCULAS, e o programa-tentativa inclui aspectos estruturais, físico-químicos, tecnológicos e bioquímicos em nível de pós-graduação. (...) O I SELAQ contará com o patrocínio de entidades culturais nacionais e internacionais, bem como de indústrias químicas no país. (...)

Há 25 anos atrás (Ano 59, número 685, outubro de 1991)

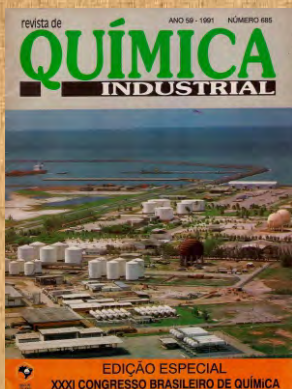
## MESA-REDONDA: O Estado da Arte do Ensino da Química - É hora de refletir e mudar

Esta mesa-redonda foi organizada com o intuito de levantar ideias e questões atuais sobre o ensino da Química. Algumas questões essenciais foram formuladas aos participantes. Acreditamos que as respostas poderão servir de eixo para discussões mais profundas e como base de reflexão e de ação para nós, profissionais da área. Estão na mesa: que tipo de ensino devemos ministrar; qual deve ser o enfoque (o conteúdo ou o cidadão?); o que pensam os jovens sobre a química; como melhorar a bagagem de conhecimentos que recebem sobre uma área tão importante e abrangente.

Com certeza, ao optar por transcrever apenas os pontos cruciais do debate, deixamos de apresentar outros tantos pontos relevantes que poderão vir à luz em próximos números da Revista. (...) A mesa-redonda foi promovida pela ABQ na Escola Técnica Federal de Química, em 10 de junho de 1991, discutindo o ensino da Química nos diversos segmentos da educação em nosso país.

# Aconteceu na RQI ...

Há 25 anos atrás (Ano 59, número 685, outubro de 1991)



*O Congresso Nacional deverá votar até 31 de outubro o projeto de Código de Propriedade Industrial submetido pelo Governo Federal. Segundo o consenso dos empresários nacionais e associações de classe do setor químico e de Química Fina, o projeto em sua versão original é danoso aos interesses do país, como amplamente discutido na edição no. 682/683 desta Revista. Caso aprovado, seu efeito será perverso e oposto ao propalado pelo Governo: ao invés de fortalecer setores como o de Química Fina mormente o segmento farmacêutico, mais importante e mais afetado, promoverá a importação maciça de fármacos e tornará ainda menos competitivas as empresas nacionais do setor. Pior, não trará para o país os esperados centros de pesquisa e desenvolvimento, que as multas preferirão obviamente manter em outros países, onde há massa crítica de pesquisadores na ativa, verbas e amparo para P&D. Pesa sobre o Congresso a responsabilidade de votar e vetar, aprovando substitutivos ao projeto que corrijam onde possível seus desacertos.*

*Nesse sentido, um diálogo sério a nível técnico e político, vem sendo mantido entre os setores envolvidos e os congressistas. Em seminário promovido em Brasília pela bancada de diversos partidos, em 26 de setembro, o representante da Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais — ALANAC fez pronunciamento bastante elucidativo, que a RQI transcreve na íntegra.*

Há 1 ano atrás (Ano 83, número 748, 3º trimestre de 2015)

## Recursos Renováveis: Inovação e Tecnologia

O desenvolvimento das chamadas “tecnologias verdes” (ou sustentáveis) será essencial para catalisar e facilitar a revolução da sustentabilidade no século XXI. A consultoria Cleantech e o grupo ambientalista WWF avaliaram 40 países a partir de indicadores relacionados ao desenvolvimento de empresas voltadas às soluções ambientais, a políticas públicas e regulações (como o MDL - Mecanismo de Desenvolvimento Limpo), estímulos acadêmicos, investimentos privados no setor, número de patentes ambientais registradas, entre outros. O levantamento considera fatores como as fontes renováveis (eólica, solar e biomassa), soluções de eficiência energética, tratamento de lixo e sistemas de reuso de água. Mas, quais países têm o maior potencial para produzir e comercializar esse futuro limpo? Segundo o The Global Cleantech Innovation Index 2014, o Brasil aparece apenas na 25ª colocação. O líder desse ranking é Israel, seguido por Finlândia, Estados Unidos, Suécia, Dinamarca, Reino Unido, Canadá, Suíça, Alemanha e Irlanda. (...)

O setor de tecnologias verdes já responde por 3,5% do produto interno bruto da Suíça e emprega 4,5% da população ativa. A Alemanha é a segunda nação mais solar do planeta (atrás apenas da China), respondendo por 35% de toda energia produzida a partir dessa fonte no mundo. Hoje, chegam de diferentes partes do mundo sinais cada vez mais evidentes de que os investimentos em fontes limpas e renováveis vão modificando com rapidez surpreendente a configuração da matriz energética no mundo. (...) Em termos de Brasil, avança-se na expansão da energia eólica em nossa matriz energética e no crescimento dos coletores solares para aquecer a água do banho. Mas não há ainda política clara para a produção de energia elétrica a partir do sol. Fala-se abertamente no governo na inclusão das térmicas a óleo, carvão e gás (hoje acionadas em períodos de forte estiagem) na matriz energética. Também se discute a construção de novas usinas nucleares, a exploração do gás de xisto e, por fim, a construção de novas hidrelétricas em áreas de floresta na Amazônia.

## 14º SIMPEQUI

(Fortaleza confirma a força do SIMPEQUI como evento de Educação Química de repercussão nacional)

A Associação Brasileira de Química e sua Regional Ceará realizaram nos dias 5 a 7 de agosto de 2015, no Centro de Eventos do Hotel Ponta Mar, em Fortaleza, capital do Estado do Ceará, a 13ª edição do Simpósio Brasileiro de Educação Química, SIMPEQUI, cujo tema central foi Novas Tecnologias no Ensino de Química. (...) Mais uma vez ficou comprovado que o SIMPEQUI é um evento diferenciado dentre os que a ABQ promove anualmente. A despeito das dificuldades político-econômicas por que o país atravessa, ele manteve a sua curva ascendente desde a primeira edição. (...) Representantes de todos os 27 estados da federação estavam presentes em Fortaleza. Eles participaram intensamente de toda a programação, numa demonstração de que o SIMPEQUI é um evento consolidado na área de Ensino e Educação em Química, difundindo informações e ideias renovadoras para todos os cantos deste país.



# AGENDA

## Eventos Nacionais

### **XXIV Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP**

Campinas, SP, 19 a 21 de outubro de 2016

Info: [www.unicamp.br/unicamp/eventos/2016](http://www.unicamp.br/unicamp/eventos/2016)

### **XXV Congresso Brasileiro de Ciência e Tecnologia de Alimentos**

Gramado, RS, 24 a 27 de outubro de 2016

Info: [www.ufrgs.br/sbctars-eventos/xxvcbcta/](http://www.ufrgs.br/sbctars-eventos/xxvcbcta/)

### **56º Congresso Brasileiro de Química - CBQ**

Belém, PA, 7 a 11 de novembro de 2016

Info: [www.abq.org.br/cbq](http://www.abq.org.br/cbq)

### **II Simpósio de Ciência e Tecnologia Ambiental**

Itajaí, SC, 5 e 6 de dezembro de 2016

Info: [www.univali.br/imprensa/eventos/meio-ambiente](http://www.univali.br/imprensa/eventos/meio-ambiente)

### **XI Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação**

Maceió, AL, 6 a 9 de dezembro de 2016

Info: [www.http://connepi.ifal.edu.br/2016/](http://www.http://connepi.ifal.edu.br/2016/)

### **1ª Escola de Modelagem Molecular da Unesp Araraquara**

Araraquara, SP, 9 a 13 de janeiro de 2017

Info: [facte.com.br/escola-de-modelagem-molecular-da-unesp-araraquara-1a-emmaunesp/](http://facte.com.br/escola-de-modelagem-molecular-da-unesp-araraquara-1a-emmaunesp/)

## Eventos Internacionais

### **XXXI Congreso Argentino de Química 2016**

Buenos Aires, Argentina, 25 a 28 de outubro de 2016

info: [www.aqa.org.ar](http://www.aqa.org.ar)

### **36 Australasian Polymer Symposium**

Lorne, Australia, 20 a 23 de novembro de 2016

info: [www.36aps.org.au](http://www.36aps.org.au)

### **XLII Congreso de Químicos Teóricos de Expresión Latina**

Montevideo, Uruguai, 20 a 25 de novembro de 2016

info: [www.quitel2016.org.br](http://www.quitel2016.org.br)

### **21 IUPAC Conferência Internacional sobre Síntese Orgânica (ICOS 21)**

Mumbai, Índia, 11 a 16 de dezembro de 2016

Info: [www.chem.iitb.ac.in/icos21/](http://www.chem.iitb.ac.in/icos21/)

### **14ª UNESCO / IUPAC Oficina e Conferência sobre Macromoléculas & Materials**

Stellenbosch, África do Sul, 10 a 13 de abril de 2017

info: <http://academic.sun.ac.za/unesco/>

### **25º Encontro de croatas químicos e engenheiros químicos (25HSKIKI)**

Porec, Croácia, 19 a 22 de abril de 2017

info: <http://25hskiki.org/en/homepage/>



## Associação Brasileira de Química

Utilidade Pública Federal: Decreto nº 33.254 de 08/07/1953

Tel/fax: 21 2224-4480 - e-mail: [secretaria@abq.org.br](mailto:secretaria@abq.org.br)

[www.abq.org.br](http://www.abq.org.br)



ISSN: 2358-1697

Revista de Química Industrial

Ano 84 Nº 752 3º trimestre de 2016

Edição Eletrônica 10

## ÍNDICE

- 32** **Estudo da Qualidade e da Fotodegradação dos Óleos Essenciais Comerciais de Capim Limão (*Cymbopogon citratus*)**  
*Quality and photodegradation study of commercial essential oils from lemongrass (*Cymbopogon citratus*)*
- 49** **Efeito do aquecimento em micro-ondas no índice de acidez do biodiesel durante a reação de transesterificação**  
*The effect of microwave heating on the acid value of the biodiesel produced by transesterification reaction*
- 57** **Otimização do processo de recuperação de lubrificante usado por extração com solventes polares**  
*Optimization of spent lubricant recovery process by extraction using polar solvents*
- 67** **Bioprospecção em algumas espécies de microalgas do Nordeste do Brasil em relação ao seu uso potencial para produção de biodiesel**  
*Bioprospecting in some species of microalgae from the Northeast of Brazil in regarding to its potential use for biodiesel production*

# Estudo da Qualidade e da Fotodegradação dos Óleos Essenciais Comerciais de Capim Limão (*Cymbopogon citratus*)

Quality and photodegradation study of commercial essential oils from lemongrass (*Cymbopogon citratus*)

<sup>1</sup>Andrey Lopes\*; <sup>2</sup>Carla M. Fernandez; <sup>3</sup>José E. Gonçalves; <sup>1</sup>Leticia Fernanda Bastian; <sup>2</sup>Mauricio Ferreira da Rosa; <sup>1</sup>Paula C. Frohlich; <sup>1</sup>Sabryna I. G. Costa; <sup>1</sup>Viviane da Silva Lobo.

<sup>1</sup> Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Toledo

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus Toledo

<sup>3</sup> UNICESUMAR, Centro Universitário Cesumar

\*andrey\_lopes23@hotmail.com

Trabalho apresentado por ocasião do 55º Congresso Brasileiro de Química, realizado em Goiânia  
Submetido em 19/05/2016; Versão revisada em 25/08/2016; Aceito em 02/09/2016

## Resumo

No intuito de avaliar a qualidade dos óleos essenciais de Capim Limão (*Cymbopogon citratus*) disponíveis no comércio nacional, determinaram-se as suas propriedades principais. Os óleos essenciais são misturas de substâncias, que, em presença de luz e temperatura, degradam-se. Seis amostras foram submetidas a testes de caracterização, assim como a amostragem padrão. Foi possível observar uma grande discrepância na composição química das amostras 2, 3, 4, 5 e 6, apresentando baixos índices de refração e elevada densidade. A amostra 1 e a amostra padrão, se mostraram conformes a literatura, próximas da indicação de pureza. Para os constituintes majoritários verificou-se 39,42% de Neral e 50,49% de Geranial, para a amostra 1 e 32,93% de Neral e 43,94% de Geranial para a amostra padrão. Ficou demonstrada a diversidade na composição do óleo essencial, assim como sua instabilidade à luz, sendo necessária uma forma de acondicionamento adequada.

**Palavras-chave:** Óleo Essencial, Capim Limão, Fotodegradação.

## Abstract

In order to evaluate the quality of Lemongrass (*Cymbopogon citratus*) essential oils available in the national market, their main properties were checked. Essential oils are mixtures of light- and temperature-sensitive substances which decompose in the presence of light and temperature. Six samples were subjected to characterization tests as well as a standard sampling. A great discrepancy in the chemical composition of the samples 2, 3, 4, 5 and 6 was observed, presenting low refractive index and high density. The sample 1 and the standard sample, proved their indication of purity, also in accordance with literature. The major constituents were Neral and Geranial in sample 1 (39,42 wt% and 50,49 wt%, respectively) and the standard sample (32,93 wt% and 43,94 wt%, respectively). It was demonstrated the diversity of chemical composition of the essential oil, as well as its instability under light, requiring an appropriate packing procedure.

**Keywords:** Essential Oil, Lemongrass, photodegradation.

## INTRODUÇÃO

Segundo a Resolução - RDC nº 2, de 15 de janeiro de 2007 (BRASIL, 2007), Óleos Essenciais (OEs) são produtos voláteis de origem vegetal obtidos por processo físico (destilação por arraste com vapor de água, destilação a pressão reduzida ou outro método adequado). Podem se apresentar isoladamente ou misturados entre si, retificados, desterpenados ou concentrados. Entende-se por retificados, os produtos que tenham sido submetidos a um processo de destilação fracionada para concentrar determinados componentes; por concentrados, os que tenham sido parcialmente desterpenados; por desterpenados, aqueles dos quais tenha sido retirada a quase totalidade dos terpenos.

Na indústria alimentícia podem atuar como antioxidantes e antibacterianos, além de reproduzir o sabor e odor da planta utilizada. Cerca de 300 diferentes tipos de óleos essenciais são comercializados, apesar de serem conhecidos aproximadamente 3.000 tipos de óleos essenciais (BUSATTA, 2006).

O emprego de essências começou nas antigas civilizações, quando o homem descobriu o fogo e percebeu que ao queimar determinados arbustos e resinas, estas exalavam um aroma intenso. Na Idade Média, a busca pela pedra filosofal levou os alquimistas a realizarem inúmeras experiências, que contribuíram no desenvolvimento de processos para a extração dessas essências (JAKIEMIU, 2008).

Os alquimistas perceberam que podiam sentir a presença das plantas aromáticas mesmo quando estas já haviam sido retiradas do recinto, devido ao aroma liberado. Isso os levou a buscar a quinta essência da matéria. Paracelsus, alquimista do século XVI, usou vapor para conseguir isolar o que ele chamou de “a alma da planta” ou a quinta essência daquele ser. Portanto, ele conseguiu isolar substâncias que continham o aroma. Essas substâncias, tal qual o óleo, não se misturavam com

a água, de onde surgiu o nome óleo essencial. Hoje em dia, mesmo não havendo óleo ou lipídeos, nem sendo essencial, o termo óleo essencial ou essência é utilizado no mundo todo (BLANCO *et al.*, 2013).

As primeiras referências históricas importantes provêm do Oriente, especialmente do Egito, onde os óleos essenciais eram usados para embalsamar múmias e para fazer oferendas nas cerimônias religiosas e, muitas vezes, eram colocados em recipientes com detalhes em ouro que seguiam juntos para os túmulos dos grandes faraós. Na tumba de Tutancâmon, por exemplo, foram encontrados óleos aromáticos de cedro, mirra e zimbro. Os gregos adquiriram conhecimentos dos egípcios e o transmitiram aos romanos que, a partir de 45 a.C., adotaram o uso dos óleos essenciais para rituais religiosos e funerários, perfumando não somente o corpo, mas também a mobília da casa (BIOMIST, 2013).

Os óleos essenciais são o conjunto de substâncias químicas produzidas pelas plantas com a função na maioria das vezes de autodefesa ou de atração de animais polinizadores. A planta produz óleos essenciais nas seguintes partes: flores, cascas de frutos (denominados cítricos), folhas e pequenos grãos (“*petitgrain*”), raízes, cascas de árvores, resinas da casca e sementes (WOLFFENBUTTEL, 2007).

Denominam-se tricomas, as “bolsas” onde ficam encapsulados os OEs na planta. Estes tricomas são rompidos naturalmente pela espécie vegetal, liberando o OE, que forma uma espécie de “nuvem aromática” ao seu redor. Por isto, são denominados como sendo “A alma da planta” ou “A energia vital da planta”. São compostos secundários produzidos pela planta assim como os alcaloides, flavonoides e saponinas (WOLFFENBUTTEL, 2007). São encontrados em estruturas especiais de secreção, como cavidades, canais esquizógenos ou lisígenos, canais oleíferos, pelos glandulares e células parenquimáticas diferenciadas presentes nos órgãos vegetais: embriões, flores, casca, folhas,

talos, frutas, sementes, lenho e raízes. Cujos quais, na maioria das plantas, apenas um será o responsável pela produção dos óleos essenciais (CRAVEIRO; QUEIROZ, 1993).

Os tricomas também são rompidos durante os processos intencionais de extração do óleo essencial. Existem inúmeros processos industriais e artesanais de extração, alguns deles são: Extração a vapor (mais conhecido e comum); Extração por hidrodestilação (bastante utilizado em bancadas de laboratórios); Extração supercrítica (utilizado principalmente em pesquisas de universidades); Extração subcrítica; Extração por gás refrigerante; Extração por extrusão ou prensagem (utilizado por indústrias de sucos cítricos); Extração a vácuo; Extração enfleurage (tradicional e ainda utilizado); Extração por solvente; Extração por óleo (para fins culinários e de massagem) (WOLFFENBUTTEL, 2007).

Quando extraídos por processos físicos, dão origem a extratos líquidos à temperatura ambiente, de elevada à média viscosidade (oleoso), hidrofóbico e que reproduz o odor e o sabor da fonte vegetal utilizada (SANTOS, 2002). Óleos essenciais são misturas complexas de substâncias voláteis, lipofílicas, com baixo peso molecular, geralmente odoríferas e líquidas. Frequentemente apresentam odor agradável e marcante. São frequentemente extraídos das partes vegetais através de arraste a vapor d'água, hidrodestilação ou expressão de pericarpo de frutos cítricos, porém há outros métodos de extração como a enfleurage ou enfloração, extração por CO<sub>2</sub> supercrítico (muito utilizado na indústria) e por solventes orgânicos apolares (não apresentam valor comercial) (MORAIS, 2009).

As características físico-químicas dos óleos essenciais são comuns, apesar de apresentarem composições químicas diferentes, são geralmente insolúveis, ou pouco solúveis em água, solubilizando-se em álcool, éter e em muitos solventes orgânicos. Apresentam alto índice de

refração e são opticamente ativos (ROBBERS; SPEEDIE; TYLERI, 1997).

Os OEs possuem grande aplicação na perfumaria, produtos de higiene e limpeza, cosmética, alimentos e como coadjuvantes em medicamentos. São empregados principalmente como aromas, fragrâncias, fixadores de fragrâncias, em composições farmacêuticas e orais e comercializados na sua forma bruta ou beneficiada, fornecendo substâncias purificadas como o limoneno, citral, citronelal, eugenol, mentol e safrol (BIZZO, 2009).

Eles possuem uma grande rede de aplicações em diversos setores, um ponto ainda pouco estudado é área da homeopatia, ou ainda o desenvolvimento para a utilização dos óleos na área da saúde. De acordo com Wolffebutt (2007) óleos essenciais específicos estão sendo utilizados no tratamento de pacientes com problemas na área da memória e mesmo em casos de amnésia total, mal de Alzheimer e demência vascular.

Quanto à citronela por exemplo, foram exportados US\$ 89,7 mil relativos a 5,7 t (15US\$/kg), oriundos principalmente dos estados do Rio Grande do Sul e São Paulo. Em relação ao capim-limão, foram exportados US\$ 150,5 mil relativos a 9,6 t, oriundos principalmente do estado de São Paulo e para a UE (Alemanha, Reino Unido e Espanha). A importação foi de US\$ 150 mil correspondentes a 6,8 t (BIZZO, 2009).

No Estado do Paraná, as espécies mais importantes são a camomila e o gengibre, porém outras espécies como o capim limão e eucalipto vêm sendo exploradas. O Estado é responsável por 10% das importações de óleos essenciais de diversas plantas. Estes dados revelam a necessidade de expansão desse mercado, tanto no Paraná como no Brasil (BARATA; VILHA; CARVALHO, 2005).

Embora sejam registradas movimentações comerciais de diferentes tipos de óleo de menta no sistema ALICE-Web (Sistema de Análise das



Informações de Comércio Exterior da Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento e Indústria e Comércio Exterior), a mais significativa em volume e valor está associada ao óleo essencial de *Mentha arvensis* (menta japonesa). Esta cultura foi introduzida no Brasil por imigrantes japoneses e se estabeleceu em São Paulo e no Paraná, ainda nos anos 30. Com a Segunda Guerra Mundial e a interrupção no fornecimento de mentol da Ásia, parte da demanda passou a ser suprida pelo Brasil. No período de 2005 a outubro de 2008, as importações de óleo essencial de mentas contabilizaram US\$ 52.718 mil relativos a 3.391 t, sendo 76% de OE de *M. arvensis*, contra uma exportação de 305 t (BIZZO, 2009).

Os óleos obtidos diretamente das plantas concorrem diretamente com produtos sintéticos, tendo como principal diferencial o custo. A indústria alimentícia tem se voltado para a utilização de produtos cada vez mais naturais e está preferindo utilizar aromatizantes extraídos de plantas, porém a falta de pesquisa das composições, princípios ativos e toxicidade dos componentes ainda impede que estes sejam utilizados em escala industrial (JAKIEMIU, 2008).

Apesar de suas características benéficas, não se pode descartar os efeitos tóxicos destas substâncias, as quais podem provocar desde uma simples reação cutânea a efeitos convulsivantes e psicotrópicos (FABROWSKI; BAKER, 2002).

*Cymbopogon citratus* é conhecido popularmente no Brasil como capim-limão, capim-cidrô, capim-cheiroso, capim-cidreira, capim-cidrão e citronela-de-java. Pertence à família das Gramíneas, subfamília *Panicoideae*. É uma planta aromática cultivada para produção comercial de óleo essencial, conhecido internacionalmente como óleo de *Lemongrass*, do inglês, *Lemon-Limão* e *Grass-Grama/Capim* (GUIMARÃES, 2008).

*Cymbopogon citratus* é uma espécie originária da Índia e largamente distribuída por vários países tropicais, entre eles o Brasil, onde

assume diferentes sinônimos conforme a região onde se encontra. Constitui-se de uma erva perene, que forma touceiras compactas e robustas de até 1,2 m de altura, com rizoma semi-subterrâneo. O chá das folhas da espécie tem larga utilização popular para nervosismo, febre, tosse, dores diversas (dor de cabeça, abdominais, reumáticas) e alterações digestivas como dispepsia e flatulência. Também é aproveitada com finalidades agrônômicas para composição de cercas-vivas e na contenção de encostas para evitar a erosão, mas a sua maior importância econômica reside na produção do seu óleo essencial, rico em citral e largamente utilizado na indústria de alimentos e cosméticos.

Este óleo essencial possui forte odor de limão e é largamente empregado como aromatizante em perfumaria e cosmética, na preparação de colônias, sabonetes e desodorantes, porém, seu maior emprego tem sido na indústria farmacêutica, servindo de material de partida para síntese de importantes compostos, como iononas, metil-iononas e vitamina A (CARVALHO et al, 2003).

Em geral, os óleos essenciais na presença de oxigênio, luz, calor, umidade e metais são muito instáveis, sofrendo inúmeras reações de degradação, o que dificulta a sua conservação, fazendo com que o seu processo de armazenamento seja fundamental para a manutenção de sua qualidade. Guimarães (2008) conclui ainda em seus estudos com relação ao óleo essencial de *Cymbopogon citratus* (Capim Limão), que, para fins de comercialização, deve ser estocado ao abrigo da luz, não necessitando de temperaturas muito baixas para seu armazenamento.

A maioria dos óleos voláteis possui alto índice de refração e são opticamente ativos, sendo que essas propriedades são utilizadas na sua identificação e no controle de qualidade. Os óleos voláteis também podem ser avaliados através de ensaios como: miscibilidade com o etanol, índice de

refração, poder rotatório, densidade, determinação dos índices de acidez, de ésteres, de carbonilas, além de análises cromatográficas (CCD cromatografia de camada delgada, CG cromatografia gasosa, CLAE cromatografia líquida de alta eficiência) (SIMÕES *et al.*, 2004).

Assim, um dos problemas dos óleos essenciais é a fotossensibilidade, que caracteriza a estabilidade do óleo frente à luz, seja solar ou artificial. Este é um dos fatores que determina a validade de um produto, sendo necessário encontrar uma metodologia e procedimentos que determinem a real influência da luz nas propriedades dos óleos essenciais e que aumentem seu tempo de vida (VIEIRA, 2010).

A temperatura e a luminosidade apresentam papel relevante na fotossíntese, pois a interação destes fatores garante um ambiente ideal para o processo fisiológico. Apesar de as espécies terem se adaptado ao seu *habitat natural*, os vegetais são capazes de resistir a variações de temperatura. Estas variações são responsáveis pelas alterações na produção de metabólitos secundários. Os óleos essenciais, na maioria das vezes, apresentam um aumento em seu teor quando as plantas produtoras se encontram em ambientes com temperatura elevada, porém, em dias muito quentes, pode-se observar perda excessiva dos mesmos. A intensidade luminosa é um fator que influencia a concentração bem como a composição dos óleos essenciais. Como exemplo, o desenvolvimento dos tricomas glandulares (estruturas vegetais que biossintetizam e armazenam o óleo essencial) de *O. basilicum* e *T. vulgaris* são processos dependentes de luz. A radiação solar intervém diretamente sobre o crescimento e o desenvolvimento da planta, e indiretamente, pelos efeitos no regime térmico, sendo fundamental à produção de fitomassa (MORAIS, 2009).

Após a colheita, inicia-se um processo de degradação nas plantas, devido ao aumento da

atividade enzimática, levando também à degradação dos princípios ativos presentes nas mesmas. Para minimizar esses efeitos, as plantas medicinais devem ser consumidas ou secas (REIS; MARIOT; STEENBOCK, 2003). A secagem deve ser realizada corretamente para preservar as características de cor, aroma e sabor do material colhido e deve ser iniciada o mais rápido possível (MAPA, 2006).

Devido à ampla área empregada dos óleos essenciais, como homeopatia, farmacêutica, alimentícia e outras, o estudo da degradação e do comportamento qualitativo dos óleos em função do tempo se torna extremamente necessário para avaliação da qualidade destes óleos dispostos comercialmente para venda, propiciando um avanço nos cuidados de processamento e distribuição destes produtos.

No intuito de avaliar a qualidade intrínseca nos óleos essenciais comerciais de *Cymbopogon citratus*, de diferentes fabricantes nacionais, o presente trabalho teve como objetivo a realização de testes laboratoriais, que visam a caracterização dos OEs, bem como sua comparação com amostras padronizadas e com as respectivas literaturas. Com isso, possibilitando a comprovação científica adequada da necessidade de melhores cuidados de processamento e armazenamento dos óleos essenciais, bem como sua respectiva fotossensibilidade perante a luz. Muitas vezes estes óleos são adquiridos informando serem puros e com determinada concentração, porém com o modo de processamento e de armazenagem, estes óleos acabam não seguindo as informações rotuladas, principalmente com o passar do tempo sob uma forma de armazenamento incorreta.

O presente estudo torna-se de grande relevância, em nível de caracterização destes óleos e para o desenvolvimento de novas tecnologias em várias áreas, desde o desenvolvimento de métodos para melhoramento da qualidade ou de aumento do tempo de vida útil, assim como novos métodos de

aplicabilidade em relação à forma de consumo e desenvolvimentos de novos produtos e novas aplicações. Durante o desenvolvimento e a utilização destes óleos, suas respectivas fotossensibilidades devem ser consideradas, evitando-se uma má eficácia do produto e uma melhor qualidade.

## PROCEDIMENTO EXPERIMENTAL

### Amostragem

Foram utilizadas seis amostras de seis diferentes fabricantes nacionais de óleos essenciais de Capim Limão obtidas em diferentes regiões do país, não específicas e aleatoriamente, mantidas à temperatura ambiente, do mesmo modo que os locais de comercialização e estocagem. As amostras foram relacionadas de acordo com o tipo de embalagem e sua coloração conforme Tabela 1.

Tabela 1: Relação de amostras utilizadas.

Identificação	Detalhamento
Amostra 1	Fabricante 1 - Frasco Âmbar + caixa de papelão
Amostra 2	Fabricante 2 - Frasco plástico fosco branco
Amostra 3	Fabricante 3 - Frasco plástico transparente
Amostra 4	Fabricante 4 - Frasco Âmbar
Amostra 5	Fabricante 5 - Frasco Âmbar
Amostra 6	Fabricante 6 - Frasco plástico transparente escuro
Amostra P	Padrão Extraído - Ependorf plástico + papel alumínio + refrigerador

A amostra 6 foi adquirida comercialmente, como sendo de Capim Limão (*Cymbopogon citratus*), informação afirmada pelo comerciante, porém avaliando-se tecnicamente, foi possível verificar que se tratava de OE de Erva Cidreira, uma planta herbácea da família da menta e da hortelã, utilizada como especiaria, tendo seu aroma muito parecido com o Capim Limão, que usualmente também é chamado de Capim Cidreira, ocasionando este tipo de confusão. Devido a tal problema de igualdade, achou-se conveniente avaliá-la, denotando assim suas possíveis semelhanças e diferenças.

Para efeito comparativo, foi utilizada uma amostra de óleo essencial extraído através de

hidrodestilação pelo método de Clevenger, de plantas cultivadas na região de Toledo-PR. As plantas foram colhidas em meados do mês de Julho ao final da tarde, não sendo o melhor horário para esta prática conforme afirma Moraes (2009), onde o melhor horário para a colheita em termos de rendimento e de maior concentração de componentes majoritários seria no início da manhã, próximo do meio dia ou 13 h. Logo após a colheita procedeu-se com a limpeza com água corrente e em seguida com a extração do OE. O OE foi armazenado em frasco Ependorf, envolto por papel alumínio, em refrigerador com temperatura aproximada de 5 °C.

Os métodos de hidrodestilação e arraste à vapor são os mais utilizados para plantas de ervas condimentares, devido a sua grande eficácia e facilidade em termos de aparelhagem e processo. Segundo SIMÕES *et al.* (2004), o método de arraste à vapor consiste no contato da planta com o vapor d'água, abrindo as cavidades celulares e interagindo com os óleos essenciais e estes são levados pelo vapor d'água devido as interações intermoleculares de grande diluição da água e sua evaporação à temperatura utilizada. A solução de água e óleo essencial é condensada em um condensador e naturalmente são separados devido a diferença de densidade e a hidrofobicidade do óleo.

O aparelho de extração de Clevenger consiste em um sistema de extração por arraste à vapor ou por hidrodestilação que após a condensação da solução de água o óleo essencial é separado em um sistema onde o óleo é automaticamente separado da água por decantação em um tubo que pode ser graduado ou não e que possui um retorno da água ao sistema de extração que depende da densidade específica do óleo essencial extraído para seu formato.

O alto teor de água presente nas células e tecidos das plantas, em torno de 60% a 80%, faz com que a secagem tenha importância fundamental para evitar a fermentação ou degradação dos

princípios ativos. A secagem deve ser realizada corretamente para preservar as características de cor, aroma e sabor do material colhido e deve ser iniciada o mais rápido possível (MAPA, 2006). O excesso da umidade pode ocasionar a ação de enzimas e acarretar na degradação de constituintes químicos, além de possibilitar o desenvolvimento de fungos e bactérias.

Na extração do OE das plantas, foi utilizado um aparelho em Inox modelo FL76/I da FORLAB através do método de Clevenger. O óleo se separa da água e fica retido no sistema por decantação, este óleo foi retirado com o auxílio de uma pipeta de Pasteur. Não se fez necessário a utilização de sulfato de magnésio anidro para a absorção da água contida no óleo, pois foi possível coletar somente o OE sem a presença de água, devido à grande quantidade de planta utilizada e OE obtido



**Figura 1: Aparelhagem utilizada para extração do OE**

### **Densidade relativa $D_{20}^{20}$**

Uma das análises de caracterização que pode ser empregada é a determinação da densidade relativa ( $D_{20}^{20}$ ) que pode ser obtida por meio da relação massa/volume utilizando-se o auxílio de um picnômetro ou uma micropipeta. As utilizações destes aparelhos são as mais indicadas devido à quantidade de amostra necessária para as análises, pois os óleos essenciais são produtos de baixo rendimento por massa de matéria vegetal utilizada.

Primeiramente é realizada a calibração do instrumento com água destilada, e comparando-se com os valores obtidos no mesmo procedimento realizado com óleo essencial.

As amostras, comerciais e padrão, foram pesadas em uma balança analítica e medidas utilizando-se uma micropipeta DIGIPET, calibrada com faixa de atuação de 10 a 1000  $\mu\text{L}$  adaptada da FARMACOPEIA (1988). Através do princípio de densidade (massa/volume), obtiveram-se as densidades específicas de cada OE, mesmo princípio utilizado por Santos (2014). A relação entre a massa da amostra e a massa da água (substância padrão), ambas à mesma temperatura, representa a densidade relativa da amostra ensaiada (ANVISA, 2007).

### **Índice de refração**

De acordo com VIEIRA (2010), basicamente o índice de refração de uma substância é a relação entre a velocidade da luz no ar e sua velocidade nesta substância. Com a presença ou falta de compostos na composição dos óleos essenciais o índice de refração se alterará, pois devido às características de cada fórmula química destes compostos, estes iram refletir a luz emitida de diferentes formas alterando o índice analisado.

O índice de refração das amostras foi determinado utilizando-se um aparelho refratômetro de Abbe (marca DIGIT) de acordo com a metodologia descrita pela norma NBR 5785 – Óleos essenciais – determinação do índice de refração (ABNT, 1985). Calibrou-se o refratômetro com água destilada.

### **Obtenção dos Espectros UV-VIS**

Segundo HOLLER, SKOOG e CROUCH (2009), a espectrometria de absorção molecular nas regiões espectrais do ultravioleta e do visível é largamente utilizada para a determinação quantitativa de um grande número de espécies inorgânicas, orgânicas e biológicas.

A espectrometria de absorção é baseada na medida de transmitância ou de absorbância de soluções contidas em suportes transparentes com caminho óptico conhecido, e a concentração de um analito está relacionada linearmente com a absorbância conforme a lei de Beer-Lambert.

As amostras de OE foram analisadas em espectrofotômetro UV-VIS (PG INSTRUMENTS T80+), utilizando-se cubetas de quartzo a fim de se obter os espectros de absorção dos componentes presentes. Verificando-se os mesmos valores de comprimento de onda em comparação entre os espectros obtidos dos diferentes OEs é possível relacioná-los para avaliação qualitativa dos OEs. As amostras foram diluídas com etanol PA 95% de acordo com a curva de calibração adequada para a concentração ideal de análise, adequadas também as quantidades de amostra e solvente disponíveis. Utilizou-se etanol como solvente devido à ótima solubilização com o OE segundo Santos (2014).

As alterações nos pontos de máximo visualizados nos espectros poderão definir o aparecimento ou desaparecimento de compostos presentes nos OEs.

### **Determinação dos constituintes por CG/MS**

Recentemente a identificação de terpenos e de extratos vem sendo realizada através da utilização da cromatografia gasosa acoplada à espectrometria de massas (CG/MS), aplicada à extratos de baixa e média polaridade (PATITUCCI, 1995). Patitucci (1995) ainda observa que nestas análises cromatográficas observou-se que quando se usa fases estacionárias apolares ou pouco polares nas mesmas condições de temperatura e vazão, sesqui, di e triterpenos eluem em regiões específicas do cromatograma.

De acordo com SIMÕES *et al.* (2004), o espectrômetro ioniza as moléculas do óleo essencial, separando íons de acordo com a razão  $m/z$  (massa/carga) e fornece um histograma de íons individuais com diferentes razões massas/carga,

porém os dados de retenção linear devem ser considerados para aumentar a segurança na identificação dos compostos presentes.

As amostras foram submetidas à avaliação cromatográfica utilizando um cromatógrafo CG/MS (modelo Cg 7890B), acoplado a um espectrômetro de massa MS 597<sup>a</sup> (ambos da marca Agilent Technologies), na faculdade UNICESUMAR/PR, para identificação e quantificação dos componentes presentes nas amostras, caracterizando e qualificando as amostras de OEs avaliadas.

Assim como nos espectros UV-VIS, é possível verificar a formação ou o desaparecimento de compostos presentes nos OEs que caracterizaram as reações de degradação, assim como adulterantes, solventes, entre outros.

As análises foram realizadas nas seguintes condições: coluna HP 5MS preenchida com coluna capilar de sílica, com fragmentação entre 40-500  $\mu$ , a razão de 0,5 scan/s; gás carreador: He (1 mL/minuto); injetor e temperatura de interface a 220 °C e 240 °C, respectivamente, com razão de fluxo 1:20. Com um aumento de 3 °C/min, após 10 °C/minuto para 270 °C, mantendo a temperatura final por 5 min. Os componentes foram identificados por comparação com dados de espectro de massa da literatura e por base de dados computadorizada usando biblioteca NIST (1998). As concentrações dos compostos foram calculadas a partir das áreas dos picos e expressos com valores aferidos em três análises.

### **Degradação do OE Extraído**

O OE extraído foi submetido à degradação luminosa utilizando-se lâmpada de Hg (iluminação pública) sem o bulbo protetor, como fonte de emissão da luz em um foto reato. A lâmpada de Hg fornece irradiação tanto na região do UV quanto na região do visível conforme VIEIRA (2010). Com relação a lâmpada de vapor de mercúrio, a variação do comprimento de onda emitido abrange uma faixa de 404,7 nm a 623,4 nm, na faixa do visível, e tem

uma emissão otimizada em 365 nm, essa no UV (ITA, 2008). A degradação luminosa ocorreu durante intervalos de 15, 30, 45, 60, 90 e 120 min., e a degradabilidade foi acompanhada através do método de espectrometria UV-VIS.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As propriedades bioativas dos OEs podem ser comprometidas de acordo com o método de extração utilizado, modificando sua composição química, assim como seus efeitos e características organolépticas e físico-químicas.

Alguns métodos físico-químicos são utilizados na caracterização de óleos essenciais no objetivo de definir índices de pureza e qualidade, porém, não dão uma ideia de composição química específica, mas permitem estabelecer os limites mínimos e máximos das características da essência, permitindo identificá-lo e estabelecer sua qualidade (ATTI-SANTOS *et al.*, 2004).

Diversos fatores influenciam na qualidade e na composição química de um OE, incluindo a composição do solo, temperatura e clima de cultivo, presença de agrotóxico, época de colheita, partes utilizadas da planta, a espécie botânica, exposição ao sol, ventos entre outros (LÁSZLO, 2008).

Dados de literatura indicam que altas temperaturas, como as utilizadas na extração dos OEs por hidrodestilação, podem levar à degradação do germacreno D ou induzir um rearranjo molecular, originando outros compostos de natureza sesquiterpenoídica, considerados artefatos (MURARI; CARVALHO; HEINZMANN, 2008).

Os OEs obtidos comercialmente foram submetidos a análises de caracterização, assim como a amostra padrão extraída em laboratório, tida como base para comparação.

### Refratometria e Densidade Relativa

As sete amostras foram submetidas à análise de refração, obtendo as medições conforme demonstrado na TABELA 2, assim como suas

respectivas densidades relativas, estas comparadas a densidade da água a uma temperatura de 25 °C, obtendo-se uma variação proveniente dos aparelhos e metodologia empregada, de 0,025 conforme indicado.

Tabela 2: Índices Físico-químicos das amostras de OE de Capim Limão.

	Índice de Refração (nD)	Densidade	Coefficiente de Variação - Densidade
Amostra 1	1,488 ± 0,0002	0,929 ± 0,025	2,774%
Amostra 2	1,446 ± 0,0002	1,209 ± 0,025	7,871%
Amostra 3	1,467 ± 0,0002	1,001 ± 0,025	3,609%
Amostra 4	1,455 ± 0,0002	1,065 ± 0,025	6,627%
Amostra 5	1,485 ± 0,0002	0,937 ± 0,025	2,029%
Amostra 6	1,490 ± 0,0002	1,346 ± 0,025	2,889%
Amostra P	1,487 ± 0,0002	0,922 ± 0,025	1,713%

As análises de Índice de refração foram realizadas utilizando somente uma única amostragem, entretanto as análises de densidade foram obtidas através de 5 repetições de cada amostra, denotando-se um máximo de 7,87% de coeficiente de variação na amostra 2, tornando-se valores confiáveis de acordo com os erros provindos de aparelhos e metodologia, em termos de impacto nos valores.

É possível visualizar a diferença entre as amostras 2, 3 e 4, comparando-as com as amostras 1, 5, 6 e P e com os valores literais de  $0,9257 \pm 0,02$  para a densidade relativa e 1,4813 para o Índice de refração, conforme afirma Santos (2014). Com esta diferença, denotam-se divergências entre suas respectivas tonalidades e concentrações de seus compostos imersos.

Com estudos mais aprofundados é possível obter-se padrões fixos de comparação para os índices de refração, quanto à concentração de compostos nos OEs e quanto a possíveis discrepâncias no sentido de degradação ou de adulterações, visando um controle de qualidade e de processo. É possível reparar que essas amostras mantem os mesmos níveis de divergência em relação às suas respectivas densidades relativas.

Com os valores de densidade obtidos, é possível compará-los em termos de viscosidade,

aspecto e concentração. Muito claramente é possível perceber através da análise de densidade, possíveis adulterações, ou seja, adição de solventes ou até mesmos compostos mais estáveis e de massa molecular maior, formados por uma degradação ou outra espécie de reação.

## Espectros UV-VIS

A Figura 2 mostra a quantidade de radiação absorvida pelo OE da Amostra P em relação ao comprimento de onda. Denotando-se as formas dos espectros de absorção característicos do OE de Capim Limão.

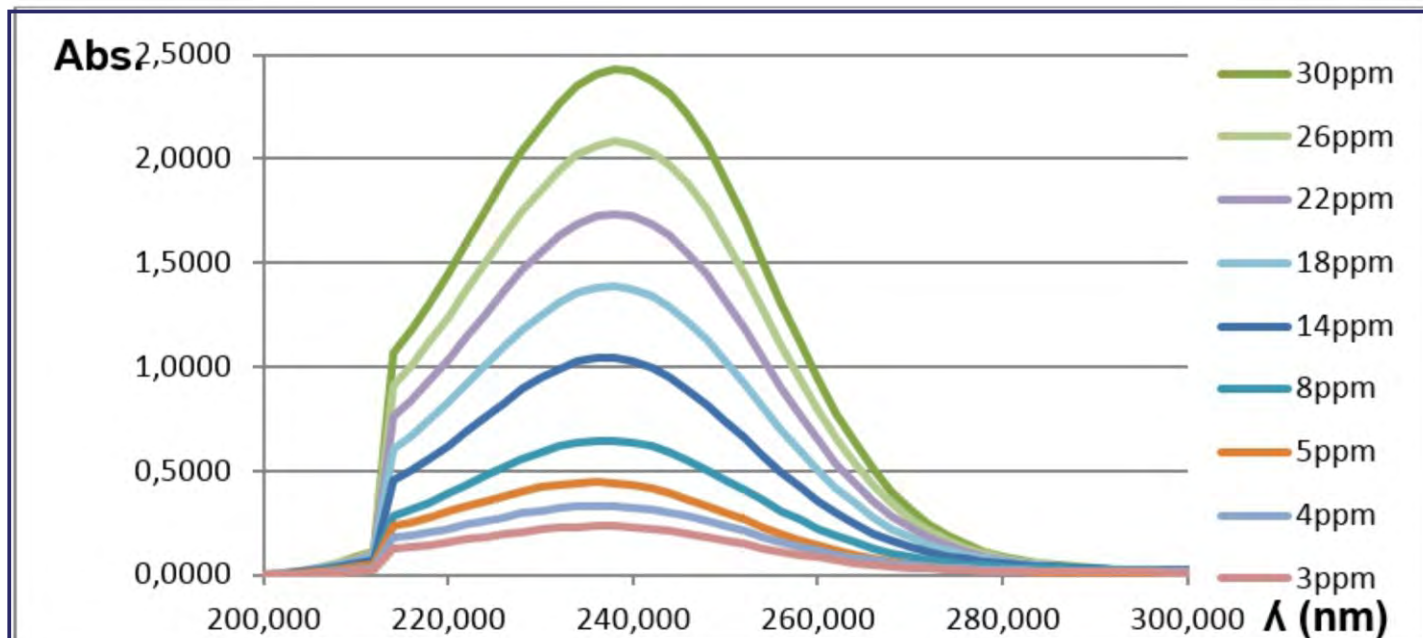


Figura 2: Espectros de absorção do OE em diferentes concentrações.

Com base nos espectros acima, observa-se que o pico máximo deu-se em torno de 238 nm.

Na finalidade de comprovar uma boa correlação entre os dados da Figura 3, apresentou-se na Figura 3 contendo a curva de calibração do OE, com base nos valores máximos de absorbância para cada concentração no comprimento de onda máximo de 238 nm.

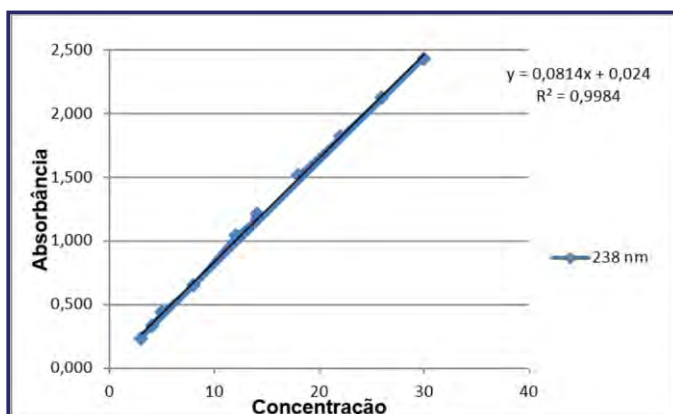


Figura 3: Curva de calibração do OE de Capim Limão  $\lambda_{\text{máx}} = 238 \text{ nm}$

A concordância entre os dados da Figura 4 foi ótima, afinal, o coeficiente de correlação foi muito próximo ao valor unitário. A equação da reta é essencial para determinar a concentração do OE a ser estudado, no entanto, na calibração a equação (1) de Beer-Lambert não é uma relação linear em concentrações com absorbância acima de 1, ou seja, para a curva de calibração é interessante denotar leituras em baixas concentrações (FERNANDEZ, 2010). Contudo, mesmo utilizando uma concentração de 30 ppm, onde a absorbância foi maior do que o mencionado, devido ao baixo volume disponível de amostragem e de solvente, além do método mais preciso enquadrado a estas condições, obteve-se um resultado satisfatório entre os dados, com um ponto dentro da reta e um  $R^2$  muito elevado.

$$A = \epsilon \cdot b \cdot c \quad (1)$$

Assim como Finco (2014), a escolha da solução foi para demonstrar eficácia do processo, sabe-se que a equação de Beer-Lambert tem desvios quando se trata a valores superiores a 1, na absorbância, porém, como trata-se de degradação, esse é um parâmetro independente para tal, assim, fez-se os testes em concentrações maiores para comprovar eficiência no método, mesmo nessas concentrações.

### Fotodegradação

De acordo com Solomons, Fryhle e Johnson (2006), em presença de luz, compostos orgânicos podem gerar radicais devido à quebra homolítica de reações químicas, que podem reagir com outras moléculas, gerando novos radicais, bem como com o oxigênio atmosférico, gerando peróxidos, hiperperóxidos, que são compostos instáveis capazes de serem transformados em novos radicais ainda mais reativo. A degradação luminosa foi realizada na região do UV, mantendo-se a Amostra P em 30 ppm para obtenção de espectros mais claros sob a incidência de luz, provida de uma lâmpada de vapor de mercúrio de (125 W), sem o bulbo protetor, nos intervalos de tempo citados anteriormente.

A Figura 4 apresenta os dados obtidos, denotando-se uma diminuição na concentração dos compostos absorventes na região de 238 nm.

Estes compostos possivelmente reagiram gerando radicais. Segundo Guimarães (2008), a exposição deste OE a luz, acarreta na diminuição de componentes majoritários como o Mirceno e o Citral, além de originarem novos compostos como radicais. Compostos carbonílicos podem sofrer reações de fotólise quando expostos a luz, dando origem a vários produtos, inclusive radicais livres.

As amostras comerciais testadas foram submetidas à avaliação espectral, utilizando-se a mesma concentração e o mesmo espectrofotômetro conforme Figura 5.

É possível visualizar as grandes discrepâncias entre as amostras avaliadas.

Conforme já foi possível identificar nas análises de densidade e refração, pode-se afirmar que as amostras 2, 3 e 4, possuem o mesmo comportamento espectral que as amostras 1, 5 e P, porém com níveis mais baixos de concentração. Pode-se ainda denotar que a amostra 6 possui uma característica espectral diferenciada, com uma elevação na faixa de 280 nm, caracterizando um outro produto, ou conjunto de produtos em sua composição.

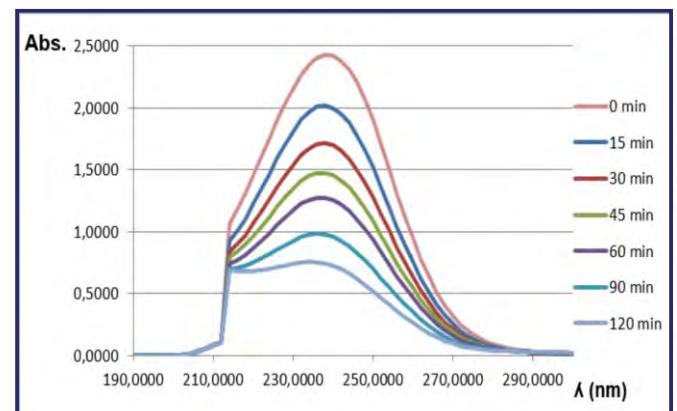


Figura 4: Fotodegradação de OE de Capim Limão.

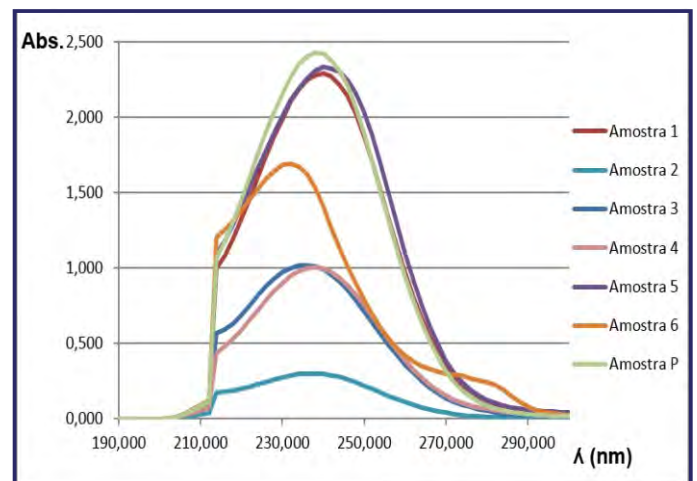


Figura 5: Espectros das amostras comerciais.

Plotando-se as Figuras 4 e 5, como visto na Figura 6, Comerciais versus Degradados, pode-se comparar os níveis de degradação luminosa das amostras comerciais, e os níveis de concentração dos compostos, avaliando suas divergências.



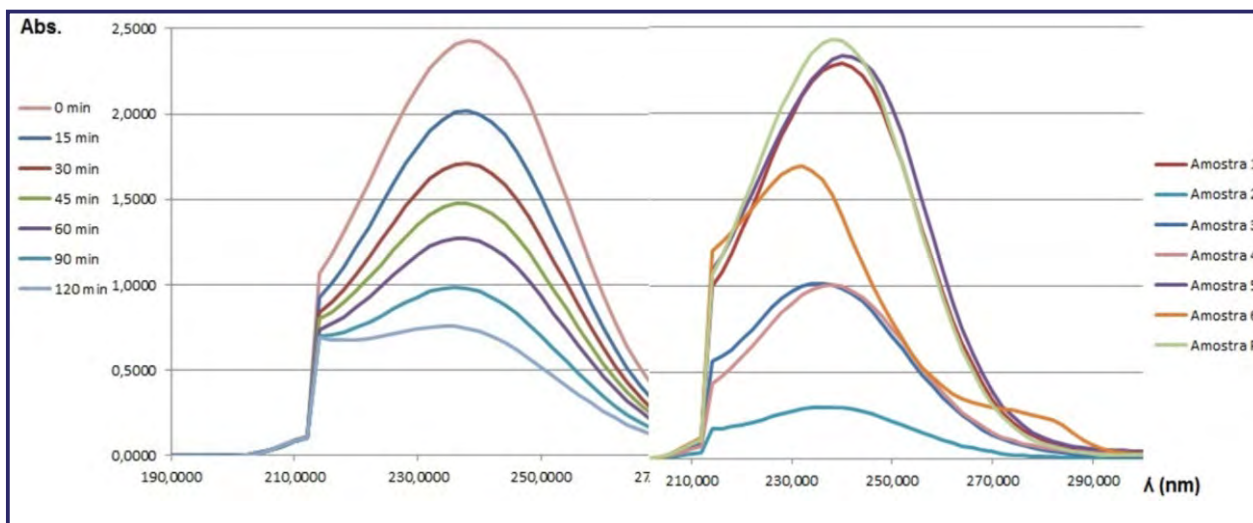


Figura 6: Espectros Comerciais vs Degradados

### Análise de CG/MS

Todas as sete amostras foram analisadas em um cromatógrafo gasoso, com detecção por espectrometria de massa, onde foi possível

visualizar os principais constituintes de cada amostra. Comparando-se os resultados, conforme Tabela 3, podem-se identificar possíveis contaminantes, adulterantes e diluentes utilizados.

Tabela 3: Constituintes majoritários dos OEs detectados por CG/MS.

Constituintes	Amostra 1	Amostra 2	Amostra 3	Amostra 4	Amostra 5	Amostra 6	Amostra P
β-Citral (Neral)	39,42%	14,05%	16,85%	--	14,31%	--	32,93%
α-Citral (Geranial)	50,49%	--	18,26%	24,69%	20,62%	4,93%	43,94%
Canfeno	1,80%	--	--	--	--	--	--
cis-Geraniol (Nerol)	4,77%	--	--	--	2,06%	--	1,21%
(-)-β-Pinene	2,04%	--	--	--	0,69%	--	--
(+/-)-β-Pinene	--	--	--	--	--	--	18,90%
Cariofileno	1,45%	--	--	--	0,32%	--	--
Verbenol	--	--	--	--	--	--	1,09%
Acido Ftalico	--	--	--	--	--	--	1,90%
Dipropilenoglicol	--	76,88%	7,43%	46,14%	--	--	--
Mentol	--	--	3,79%	--	--	--	--
D-Limoneno	--	5,48%	53,63%	4,01%	6,09%	6,04%	--
m-Cimeno	--	1,99%	--	--	--	--	--
β Mirceno (β-Geraniolene)	--	1,55%	--	--	--	--	--
Carveol	--	--	--	25,12%	--	--	--
cis p Mentha 2,8 dien 1 ol	--	--	--	--	--	3,12%	--
Pulegol	--	--	--	--	0,44%	--	--
Mircenol	--	--	--	--	2,67%	3,40%	--
β-Linalool	--	--	--	--	0,54%	--	--
Vertex	--	--	--	--	0,43%	--	--
Ftalato de Dietila	--	--	--	--	50,39%	80,52%	--
Benzoato de Benzila	--	--	--	--	1,38%	1,96%	--

A maior parte dos compostos apresentados são terpenos como o Citral, Canfeno, Pineno, Cimeno, Carveol, Mirceno e Linalol, encontrados em plantas aromáticas. São encontrados naturalmente nos OEs, são metabólitos secundários, que têm sua origem explicada a partir do metabolismo da glicose. A formação dos compostos dos óleos essenciais se dá a partir da derivação química de terpenóides, originados a partir do ácido mevalônico, ou de fenilpropanóides, provindos do ácido chiquímico (GUENTHER, 1977; SIMÕES *et al.*, 2004).

A variação na composição química dos óleos essenciais pode ser facilmente explicada, pois, estes são partes do metabolismo da planta, portanto estão em constante modificação enquanto houver vida. Assim estas modificações ocasionam a transformação de uns compostos em outros, de acordo com a parte da planta, o momento de seu desenvolvimento ou crescimento, o horário do dia de sua colheita (WOLFFENBUTTEL, 2007).

Mesmo após a extração, devido à complexidade de sua composição, podem sofrer modificações físico-químicas através de reações químicas entre seus constituintes e o próprio meio, como a luz solar, enzimas, solventes e o vasilhame (WOLFFENBUTTEL, 2007).

Segundo Wolffebuttel (2007), a composição química dos óleos essenciais pode ter mais de trezentas substâncias diferentes, todos ou apenas parte destes compostos podem ser responsáveis pelo odor característico da espécie. Os componentes químicos dos óleos essenciais apresentam estruturas diversas como terpenos, sesquiterpenos, fenólicos, fenil propanoicos, alifáticos não-terpênicos, heterocíclicos, álcoois, cetonas, aldeídos, ácidos carboxílicos, ésteres e acetatos, cada qual com sua característica aromática e ação bioquímica.

Terpenóides são largamente distribuídos no reino vegetal e apresentam uma grande diversidade estrutural. A identificação destas substâncias na composição de um extrato é feita, em geral, a partir

de procedimentos exaustivos de isolamento, purificação e análises de um conjunto de métodos espectrométricos (PATITUCCI, 1995).

A composição química do Capim Limão é relatada em diversos trabalhos, sendo o citral, o mirceno seus compostos majoritários. O citral é constituído pela mistura isomérica de geranial ((2E)-3,7-dimetilocta-2,6-dienal, citral A ou isômero E) e neral ((2Z)-3,7-dimetilocta-2,6-dienal, citral B ou isômero Z). Outros aldeídos, como o citronelal, isovaleraldeído e decilaldeído, também podem ser encontrados, além de cetonas e álcoois, como geraniol, nerol, metil heptenol e farnesol (CRAVEIRO; QUEIROZ, 1993).

O Citral, constituinte majoritário do óleo de *C. citratus*, sendo cerca de 60 à 80% do óleo segundo CRAVEIRO e QUEIROZ (1993), é citado como sendo o responsável pelas atividades atribuídas ao seu óleo essencial, tais como germicidas, repelentes de insetos, aplicações na indústria farmacêutica, entre outras. Dessa maneira, há uma grande importância em avaliar o seu teor no óleo essencial, que nas plantações brasileiras varia na faixa de 75 a 86%, valor bastante satisfatório para o mercado internacional.

O mirceno, outro composto que é encontrado em teores relativamente significantes no óleo essencial do capim-limão, é um monoterpene acíclico, de nome sistemático 7-metil-3-metileno-1,6-octadieno. Em vários estudos são demonstradas as atividades biológicas desse composto, capaz de interferir na biotransformação de drogas, como ciclofosfamidas, barbituratos, bromobenzeno quando presentes no organismo de mamíferos (GUIMARÃES, 2008).

Outro constituinte majoritário é o citronelal, utilizado como material básico para a síntese de importantes compostos químicos denominados iononas e também para a síntese de vitamina A. Este composto apresenta atividade repelente a insetos e ação fungicida e bactericida (BILLERBECK *et al.*, 2001; MUMCUOGLU *et al.*, 2004; REIS *et al.*, 2006

ATrongtokit et al., 2005; Wong et al., 2005).

O Limoneno é um terpenóide monocíclico de nomenclatura 1-metil-4-isopropenilciclohex-1-eno, muito utilizado como inseticida para o controle de ectoparasitas de animais, mais apresenta atividade contra insetos, ácaros e microrganismos. Por ser um produto natural, é um dos principais constituintes de óleo essencial de Capim Limão, assim como de laranja e limão (ROSA; 2010).

Observa-se que as amostras 2, 4 e 6 são as que possuem menores teores de Citral. Por outro lado, as amostras 1 e P apresentam os maiores teores destes constituintes, próximos dos valores literais encontrados por Guimarães (2008), acima de 69% de Citral.

Nas amostras 2, 3 e 4, observa-se a presença de Dipropilenoglicol, que conforme Mapric (2014) se trata de um solvente plástico possivelmente utilizado para a diluição destes OEs e evidencia-se ainda a presença de Pulegol, cis-p-Mentha-2,8-dien-1-ol e Mentol, que segundo Brito (2007) são compostos presentes em plantas “mentoladas” como a própria menta e ocasionalmente em baixas concentrações no Capim Cidreira e pouco mais altas na Erva Cidreira.

É possível evidenciar também o Ftalato de Dietila em altos teores nas amostras 5 e 6, segundo Soares *et al.* (2014) um composto sintético, muito utilizado em fragrâncias e cosméticos.

Com base nos compostos apresentados, pode-se afirmar que as amostras 2, 4 e 6, foram diluídas, sendo que se pode visualizar que a amostra 6 não se trata de *Cymbopogon citratus*, ou ainda pode estar extremamente degradada ou alterada, devido ao baixo teor de Citral e outros terpenos mais comumente encontrados, além da sua discrepância com relação a característica do espectro UV-VIS e de seus valores de densidade e índice de refração. E também a presença de compostos oriundos de plantas da família das Mentas e Hortelãs em algumas amostras, provavelmente oriundos de residuais do processo de fabricação. Não é possível

afirmar precisamente com os resultados obtidos que a amostra 6 se trata de Erva Cidreira, devido à presença de adulterante (ftalato de dietila), porém pode comprovar a desigualdade com o padrão ideal de pureza do OE de *Cymbopogon citratus*.

Os compostos orgânicos encontrados nos OEs são muito variáveis, ou seja, não possuem um padrão fixo de seus teores, as concentrações variam de acordo com o clima, região, nutrição da terra, método de colheita, assim como as partes de onde foram extraídos, ou seja, suas estruturas secretoras (COSTA, 2005).

Óleos essenciais extraídos de diferentes partes de uma mesma planta, apesar de apresentarem cor e aspecto semelhantes, podem apresentar composição química, características físico-químicas e odores diferentes (ROBBERS *et al.*, 1997).

## CONCLUSÃO

Com as avaliações realizadas neste experimento, foi possível visualizar as discrepâncias nos OEs disponibilizados ao mercado nacional, que muitas vezes são comercializados como sendo puros ou de uma espécie, que na verdade não são, e a população, em sua maioria leiga, compra erroneamente.

Foi possível observar que a única amostragem, amostra 1, foi a que se enquadrou nos padrões literais, contendo os compostos característicos do OE de Capim Limão, assim como nenhum contaminante ou solvente, evidenciando um grande déficit nas qualidades presentes no mercado.

Foi possível destacar ainda, metodologias disponíveis e eficazes para o controle da qualidade destes produtos, visando à averiguação das características intrínsecas nos OEs, como densidade, índice de refração e espectrometria.

Com relação à estabilidade fotoquímica do OE, fica evidente sua instabilidade degradativa

perante a presença de luminosidade. Esta característica de degradabilidade pode ser mais bem avaliada em outras condições, como em presença de diferentes solventes, diferente temperaturas, valores de pH, entre outros.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **NBR 5785: Óleos essenciais: determinação do índice de refração**, 1985.

ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Gerência Geral de Cosméticos. Guia de controle de qualidade de produtos cosméticos**. Brasília, 2007.

ATTI-SANTOS, A. C. *et al.* Estudo da qualidade de amostras comerciais de óleos essenciais de Alecrim (*Rosmarinus officinalis L.*), **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, Vol. 6, No. 2, pág. 44-47, 2004

BARATA, L. E. S.; VILHA, A. M.; CARVALHO, R. **Mercado de Perfumes e cosmética no Brasil**. III Simpósio Brasileiro de Óleos Essenciais, Campinas: IAC, 2005.

BIOMIST. **Breve história das fragrâncias**. Disponível em: <<http://www.biomist.com.br>>. Acesso em 21 agosto de 2013.

BILLERBECK, V. G. *et al.* **Effects of Cymbopogon nardus (L.) W. Watson essential oil on the growth and morphogenesis of Aspergillus niger**. Canadian Journal of Microbiology, Vol. 47, No. 01, pág. 9-17, 2001.

BIZZO, H. R. Óleos essenciais no Brasil: aspectos gerais, desenvolvimento e perspectivas. **Química Nova**, Vol. 32, No. 3, pág. 588-594, 2009.

BLANCO, M. C. S. G. *et al.* **O Óleo Essencial**. Disponível em: <[http://www.cati.sp.gov.br/Cati/\\_tecnologias/plantas\\_mediciniais\\_aromaticas/oleo.php](http://www.cati.sp.gov.br/Cati/_tecnologias/plantas_mediciniais_aromaticas/oleo.php)>. Acesso em 18 agosto de 2013.

BRASIL, Agência Nacional de Vigilância Sanitária -

ANVISA. **Resolução - RDC nº 2, de 15 de janeiro de 2007**. Disponível em: <<http://www.anvisa.gov.br>>. Acesso em 20 junho de 2013.

BRITO, A. M. G.; **Avaliação da atividade antileishmanial dos óleos essenciais das plantas Cymbopogon citratus (DC.) Stapf., Eucalyptus citriodora Hook., Mentha arvensis L., e Mentha piperita L.** 2007. 75 f. Dissertação (Mestrado em Saúde e Ambiente) – Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2007.

BUSATTA, C. **Caracterização Química e Atividade Antimicrobiana in vitro e em Alimentos dos Extratos de Orégano e Manjerona**. 2006. 110 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Alimentos) – Departamento de Ciências Agrárias, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai das Missões, Erechim, 2006.

CARVALHO, A. F. U. *et al.* Larvicidal activity of the essential oil from *Lippiasidodes* Against *Aedes aegypti*, **Memórias Instituto Oswaldo Cruz**, Vol. 98, No. 4, pág. 569-571, 2003.

COSTA, L.C.B.; CORRÊA, R.M.; CARDOSO, J.C.W.; PINTO, J.E.B.P.; BERTOLUCCI, S.K.V.; FERRI, P.H. Secagem e fragmentação da matéria seca no rendimento e composição do óleo essencial de capim-limão. **Horticultura Brasileira**, Brasília, Vol.23, No.4, pág.956-959, out-dez 2005.

CRAVEIRO, A. A.; QUEIROZ, C. D. Óleos essenciais e Química Fina. Fortaleza: **Química Nova**. Vol. 16. No. 3. pág. 224-228, 1993.

FABROWSKI, F. J.; BAKER R. T. **Eucalyptus smithii. (Mytaceae) como espécie produtora de óleo essencial no sul do Brasil**. 2002. 225 f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

FARMACOPÉIA Brasileira. 4 ed. São Paulo, Atheneu, 1988.

FERNANDEZ, L. G. **Conceitos de**

**Espectrofotometria.** 2010 Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/49880295/Aula-de-Espectrofotometria>> Acesso em: 13/01/2014

FINCO, G.; **Avaliação da Cinética de Degradação e Toxicidade do Corante Violeta Cristal por Processos Oxidativos Avançados.** 2014. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Toledo, 2014.

GUENTHER, E. **Individual Essential Oils of the plant Family Myrtaceae.** In: **The Essential Oils**, 4.ed., Vol. 4, New York, Van Nostrand, 1977.

GUIMARÃES, L. G. L. Influência da luz e da temperatura sobre a oxidação do óleo essencial de Capim Limão (*Cymbopogon citratus*). **Química Nova**, Vol. 31, No. 6, pág. 1476-1480, 2008

HOLLER, F. J.; SKOOG, D. A.; CROUCH, S. R. **Princípios de análise instrumental.** 6 ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

ITA, Instituto Tecnológico de Aeronáutica. **Experiências e explicações físicas e químicas.** 2008.

Disponível em: <<http://www.fis.ita.br/labfis45/>>. Acesso em: 16 jan.2014, as 08:19;

JAKIEMIU, E. A. R. **UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DO ÓLEO ESSENCIAL E DO EXTRATO DE TOMILHO (*Thymus vulgaris* L.).** 2008. 90 f. Dissertação de Mestrado - UFPR, Tecnologia de Alimentos, Curitiba, 2008.

LÁSZLO, F. **Curso Aromatologia. Módulo I.** 2008. Disponível em < <http://laszlo.ind.br/default.asp?pagina=artigo>>. Acesso em: 10 julho 2013

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Boas Práticas Agrícolas (BPA) de plantas medicinais, aromáticas e condimentares.** Ed. preliminar Brasília: MAPA/SDC, 2006.

MAPRIC, **Dipropilenoglicol (Baixo odor),** Disponível em: <[http://www.mapric.com.br/anexos/boletim327\\_15042008\\_111515.pdf](http://www.mapric.com.br/anexos/boletim327_15042008_111515.pdf)>, Acesso em 09 de dez. de 2014.

MORAIS, L. A. S. Influência dos fatores abióticos na

composição química dos óleos essenciais. **Horticultura Brasileira**, Vol. 27, No. 22, 2009.

MURARI, A. L.; CARVALHO, F. H.; HEINZMANN, B. M. Composição e atividade antimicrobiana dos óleos essenciais de *Senecio crassiflorus*. **Química Nova**, Vol. 31, No. 5, pág. 1081-1084, 2008.

MUMCUOGLU, K. Y. et al. Repellency of citronella for head lice: double-blind randomized trial of efficacy and safety. **Israel Medical Association Journal**, Vol. 06, No. 12, pág. 756-759, 2004.

NATIONAL INSTITUTE OF STANDARDS AND TECHNOLOGY. PC version of the NIST/ EPA/NIH Mass Spectral Database. U.S. **Department of Commerce, Gaithersburg, MD**, 1998.

PATITUCCI, M. L. Utilização de Cromatografia Gasosa de Alta Resolução na Detecção de Classe de Terpenos em Extratos Brutos Vegetais, **Química Nova**, Vol. 19, No. 3, 1995.

REIS, M. S.; MARIOT, A.; STEENBOCK, W. **Diversidade e domesticação de plantas medicinais.** In: SIMÕES, C. M. O et al. **Farmacognosia: da planta ao medicamento.** Ed. 5, Porto Alegre/Florianópolis: Editora UFRGS/ Editora UFSC, pág. 43-74, 2003.

REIS, G. G. et al. Estudo do efeito da secagem em convecção natural e forçada na composição do óleo essencial da citronela (*Cymbopogon nardus*). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Vol. 08, No. 04, pág. 47-55, 2006.

ROBBERS, J. E.; SPEEDIE, M. K.; TYLER, V. E. **Farmacognosia e farmacobiotechnologia.** São Paulo: Premier, 1997.

SANTOS, A. S. **Análise técnica, econômica e de tendências da indústria brasileira de óleos essenciais.** Papel Virtual, Rio de Janeiro, 2002.

SANTOS, M.S.; et al; **Extração e Caracterização Físico-Química do Óleo Essencial de Capim-Limão (*Cymbopogon citratus*)** Disponível em: <[http://www.abq.org.br/cbq/trabalhos\\_aceitos\\_detalhes,4817.html](http://www.abq.org.br/cbq/trabalhos_aceitos_detalhes,4817.html)> CBQ – Congresso Brasileiro de Química, 2014.

- SIMÕES, C. M. O. *et al.* **Farmacognosia: da planta ao medicamento**, 5ª ed., Florianópolis: Editora UFSC, 2004.
- SOARES, L. de S. *et al.* **Determinação de Acetaldeído e Contaminantes em Embalagens de PET e Pós-Consumo Reciclado**, Disponível em: <<http://www.revistaanalytica.com.br/artigos/16.pdf>>, Revista Analytica, Editora Eskalab, São Paulo, 2014.
- SOLOMONS, T. W. G.; FRYHLE, C. B.; JOHNSON, R. G. **Química orgânica**. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Livros Técnicos e Científicos, Vol. 1, 2006.
- TRONGTOKIT, Y. *et al.* **Comparative repellency of 38 essential oils against mosquito bites**. *Phytotherapy Research*, Vol. 19, No 04, pág. 303-309, 2005.
- VIEIRA, R. **Estudo da Fotossensibilidade do Óleo Essencial de *Rosmarinus officinalis* Acompanhada por Espectroscopia UV-VIS**. 2010. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Toledo, 2010.
- WOLFFENBUTTEL, A. N. **Óleos essenciais. Informativo CRQ-V, ano XI**, No. 105, Novembro/Dezembro/2007, pág. 06-07. 2007.
- WONG, K. K. Y. *et al.* Citronella as an insect repellent in food packaging. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, Vol. 53, No. 11, pág. 4633-4636, 2005.

## **Efeito do aquecimento em micro-ondas no índice de acidez do biodiesel durante a reação de transesterificação**

*The effect of microwave heating on the acid value of the biodiesel produced by transesterification reaction*

**Dhielda Torquato dos Santos, Isabel Matos Fraga\*, Danilo Morais Itokagi, Admilson Costa da Cunha, Marli de Amorim Silva, Mikaelly Lemes de Souza, Paulina Pedraça**

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Matos Grosso - Campus Cáceres.*

*\*isabel.fraga@cas.ifmt.edu.br*

**Submetido em 06/06/2016; Versão revisada em 28/08/2016; Aceito em 02/09/2016**

### **Resumo**

A transesterificação com aquecimento em micro-ondas tem se mostrado promissora para encurtar o tempo de reação, mantendo altos níveis de rendimento na síntese de biodiesel. No entanto é possível que as micro-ondas emitidas durante o aquecimento possam promover a cisão das cadeias do óleo ou do biodiesel, aumentando a acidez. O presente estudo teve como objetivo, avaliar a influência das micro-ondas no aumento da acidez do biodiesel. Foram produzidos 18 biodieseis a partir do óleo de soja, milho e girassol por aquecimento convencional e 18 por aquecimento em micro-ondas. Os biodieseis obtidos foram avaliados quanto a seu índice de acidez. Todos os resultados de índice de acidez, foram submetidos à análise de variância (ANOVA) com 5% de nível de significância. Ao final da análise, verificou-se que o método de transesterificação em micro-ondas promove um aumento significativo na acidez dos biodieseis obtidos, que independe do tipo de óleo utilizado.

**Palavras-Chave:** Biodiesel, Micro-ondas, Acidez.

### **Abstract**

The transesterification by microwave heating has shown potential to shorten the reaction time, maintaining high performance in the biodiesel synthesis. However, it is possible that the microwaves emitted during the heating process can split the chains of oil or biodiesel, causing an increase of acidity. This study aimed to evaluate the influence of the microwave in the increase of acidity of the biodiesel. Were produced 18 biodiesels from soybean oil, corn and sunflower by conventional heating and 18 by microwave heating. The acid index of the produced biodiesels were evaluated. All acidity index results were subjected to analysis of variance (ANOVA;  $p < 0,05$ ). After analysis, it was found that the transesterification method in microwave promotes a significant increase in the acidity of the biodiesels, regardless of the type of oil used.

**Keywords:** Biodiesel, Microwave, Acidity.

## INTRODUÇÃO

Segundo Volz (2009) o biodiesel é um combustível derivado de biomassa renovável para uso em motores de combustão interna com ignição por compressão ou conforme regulamento, para outro tipo de geração de energia, que possa substituir parcial ou totalmente combustíveis de origem fóssil. Assim, existem amplas possibilidades de uso do biodiesel em transportes urbanos, rodoviários, ferroviários e aquaviários, geradores de energia, motores estacionários, etc.

No Brasil, a metodologia mais utilizada para a produção de biodiesel é a reação de transesterificação alcalina, devido ao fato de ser esta mais barata e apresentar maiores rendimentos. Na transesterificação um triacilglicerídeo reage com um álcool na presença de um catalisador, produzindo uma mistura de ésteres de ácidos graxos e como subproduto, a glicerina bruta (GERIS et al. 2007). Os períodos reacionais da transesterificação alcalina, variam de 45 minutos a 1,5 hora.

O mecanismo de transesterificação também pode ser catalisado por ácidos de Bronsted-Lowry, preferivelmente por ácidos sulfônicos e sulfúricos. Os catalisadores ácidos propiciam rendimentos elevados em ésteres, no entanto a reação é lenta, exige altas temperaturas (acima de 100°C) e o mínimo de 3 horas para completar a conversão (ZAGO, 2010).

De todas as tecnologias desenvolvidas para a síntese de biodiesel, nenhuma supera a transesterificação catalisada por bases, em especial, os alcóxidos metálicos. Essa metodologia fornece alto rendimento em ésteres e alto grau de pureza, pois a separação das fases contendo ésteres de ácidos graxos (biodiesel) e glicerina, é extremamente facilitada. A fácil separação entre o biodiesel e a glicerina se deve ao fato de a transesterificação via catálise básica requerer um menor excesso de álcool em comparação à outros processos catalíticos (MIRANDA, 2011).

Com a aprovação do projeto de lei nº

3.834/15 em março de 2016, que determina a mistura de 10% de biodiesel (B10) em todo o diesel vendido no Brasil em até 36 meses, faz-se necessário a busca por novas matérias-primas e novas tecnologias que forneçam suporte ao crescimento da produção de biodiesel na indústria brasileira (BIODIESELBR, 2016).

A fim de diminuir o tempo de reação de transesterificação, muitos pesquisadores vem investigando a reação de transesterificação com aquecimento em micro-ondas convencional ou adaptado. Essa técnica tem se mostrado promissora para encurtar o tempo de reação, mantendo os altos níveis de rendimento na síntese de biodiesel. O aquecimento em micro-ondas substitui o aquecimento convencional à altas temperaturas sob forte agitação (MOURA, MENDES e MACHADO, 2010).

As micro-ondas (MO) são radiações eletromagnéticas não ionizantes com comprimento de onda da ordem de 1 a 30 cm e com frequência no intervalo amplo de 300 MHz a 300 GHz. Nos fornos de micro-ondas domésticos e nos equipamentos para abertura de amostras, em geral é utilizada a frequência de 2,45 MHz e comprimento de onda de cerca de 12 cm (SANSEVERINO, 2002).

O aquecimento é promovido através dos mecanismos de polarização dipolar e condução iônica. Ambos os efeitos, são frutos do alinhamento de dipolos e cargas, respectivamente, de acordo com a oscilação do campo magnético. Este processo leva ao aumento de choque entre as moléculas e conseqüentemente à produção de calor (CAVALCANTE, 2011).

Algumas sínteses orgânicas envolvendo sistemas catalíticos podem ser aceleradas quando submetidas à irradiação por micro-ondas. A alteração na velocidade das reações pode ser provocada pelos efeitos térmicos e específicos geralmente associados, à interação das micro-ondas com a matéria em nível molecular (CAVALCANTE, 2011).



Na produção de biodiesel com aquecimento por micro-ondas, o meio reacional é rapidamente aquecido pelos dois mecanismos descritos anteriormente, polarização dipolar e condução iônica. Este rápido aquecimento se dá pois o meio é composto de moléculas polares (álcool e óleo) e por compostos iônicos (catalisador) (MIRANDA, 2011).

Em geral, substâncias polares absorvem bem as micro-ondas (água, acetona, etanol etc.), enquanto que substâncias menos polares (hidrocarbonetos alifáticos ou aromáticos) ou substâncias com momento de dipolo nulo absorvem as micro-ondas fracamente (MIRANDA, 2011).

Apesar de todas as vantagens em termos de encurtamento do tempo reacional da transesterificação, é possível que as micro-ondas possam ser capazes de promover a cisão das cadeias do óleo ou do biodiesel durante o processo, aumentando a acidez do produto final.

Os biodieseis com elevada acidez são indesejáveis pois são responsáveis por processos corrosivos e formação de depósitos no interior do motor. As condições em que ocorre a reação de transesterificação podem afetar a acidez final do biodiesel (DE MORAIS et al., 2013). A agência nacional de petróleo, gás natural e biocombustíveis (ANP), estabelece que para ser comercializado, o biodiesel deve apresentar uma acidez máxima de 0,5 mg KOH/g (ANP, 2014).

Dentre tantos trabalhos que investigam a utilização das micro-ondas na transesterificação, poucos estudos têm o objetivo de avaliar possíveis efeitos nocivos causados pelas micro-ondas. Portanto, torna-se necessária, uma investigação mais detalhada sobre esta propriedade tão importante quando se trata do biodiesel.

Diante do exposto, esse trabalho tem como objetivo avaliar a influência da radiação em micro-ondas liberada durante o processo de transesterificação no aumento da acidez do biodiesel.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Para realização do experimento foram utilizados como matérias-primas, três diferentes óleos: óleo de milho, óleo de soja e óleo de girassol. Todos esses óleos foram adquiridos em estabelecimentos comerciais do município de Cáceres-MT.

Inicialmente, foram retiradas amostras de cada óleo para caracterização quanto a seu índice de acidez, cada análise foi realizada em triplicata.

A análise de índice de acidez foi realizada de acordo com a metodologia descrita por Moretto e Fett (1998). O procedimento consiste em colocar dois gramas da amostra em um erlenmeyer adicionando-se em seguida 25 mL de solução de éter etílico: etanol (2:1) para esse recipiente. A mistura é então homogeneizada e agitada vigorosamente. Posteriormente, adiciona-se duas gotas de solução alcoólica de fenolftaleína a 1%. Por fim, titula-se a amostra com solução aquosa de hidróxido de sódio (NaOH) 0,1 M até viragem do indicador de incolor para uma tonalidade rósea. O cálculo da acidez é determinado pela equação 1.

$$IA = \frac{V \times 5,61 \times F}{M} \quad \text{Equação (1)}$$

Onde:

IA= Índice de acidez;

V= Volume de NaOH gasto para titular a amostra;

5,61= É o equivalente grama do Hidróxido de Potássio (KOH);

F= Fator de correção do NaOH;

M= Massa da amostra.

Após a caracterização dos óleos, os mesmos seguiram para a etapa de síntese de biodiesel. Inicialmente foram produzidos um total de 18 biodieseis a partir da transesterificação alcalina por aquecimento convencional, sendo 6 biodieseis de óleo de milho, 6 biodieseis de óleo de soja e 6 biodieseis de óleo de girassol.

As reações de transesterificação por aquecimento convencional foram realizadas com utilização de 200 mL de óleo. A razão molar álcool:óleo utilizada foi de 8:1. O álcool adotado foi o metanol e como catalisador foi utilizado o hidróxido de potássio (KOH). A reação foi realizada à uma temperatura de 60°C durante o período de 1 hora sob constante agitação (GERIS et al., 2007).

Posteriormente foram produzidos 18 biodieseis a partir da transesterificação alcalina por aquecimento em micro-ondas doméstico. Foram produzidos 6 biodieseis de óleo de milho, 6 biodieseis de óleo de soja e 6 biodieseis de óleo de girassol. As reações de transesterificação por aquecimento em micro-ondas doméstico foram realizadas com utilização de 200 mL de óleo, a razão molar álcool:óleo foi de 8:1, o álcool utilizado foi o metanol e o catalisador foi o hidróxido de potássio. Todos os reagentes foram adicionados no balão de fundo chato, agitados manualmente e conduzidos ao micro-ondas em potência máxima. A reação ocorreu durante o tempo de 1 minuto (GERIS et al., 2007; MOURA, 2010).

Após o término da reação, tanto os biodieseis produzidos por aquecimento convencional, quanto os biodieseis produzidos por aquecimento em micro-ondas doméstico, foram conduzidos separadamente à funis de separação, totalizando 36 amostras. Nos funis de separação as amostras permaneceram por 24 horas para que houvesse a completa separação entre as fases biodiesel e glicerina. Após a separação das fases, a glicerina foi recolhida em recipiente próprio e armazenada. A fase biodiesel de cada amostra foi então lavada com ácido clorídrico, cloreto de sódio e água destilada. Após lavagem, todas as amostras de biodiesel foram filtradas com sulfato de sódio anidro para remoção de umidade, de acordo com a metodologia descrita por Geris et al., (2007).

Todos os biodieseis obtidos foram caracterizados quanto ao seu índice de acidez conforme a metodologia de Moretto e Fett (1998)

anteriormente descrita. Ao final do processo, com o objetivo de avaliar a diferença estatística entre os métodos de aquecimento, os resultados de índice de acidez de cada biodiesel obtido por aquecimento convencional e por aquecimento em micro-ondas (36 amostras), foram submetidos à análise de variância (ANOVA) com 5% de nível de significância, utilizando o programa Excel 2007.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela 1 apresenta os resultados de índice de acidez (mg KOH/g) das amostras de biodiesel produzidas a partir de diferentes tipos de óleos (soja, milho e girassol) através de dois processos de aquecimento: convencional e irradiação com micro-ondas. A análise estatística destes dados visou verificar se o último método de aquecimento produz biodiesel com maiores índices de acidez.

**Tabela 1**  
**Resultados de Índices de acidez (IA) dos biodieseis obtidos pela transesterificação por aquecimento convencional e dos biodieseis obtidos por transesterificação em micro-ondas de cada tipo de óleo**

Método de Aquecimento	IA (mg KOH/ g ) para cada Tipo de Óleo		
	Soja	Milho	Girassol
Convencional	0,71	0,93	0,61
	0,44	0,77	0,72
	0,74	0,71	0,61
	0,77	0,65	0,7
	0,65	0,75	0,99
	0,72	0,65	0,53
Micro-ondas	1,06	0,96	0,93
	0,77	0,82	1,08
	0,99	1,07	0,92
	1,09	1,02	0,94
	0,93	1,02	0,99
	0,9	0,95	1,00

Para avaliar a diferença estatística entre os métodos de aquecimento, utilizou-se o programa Excel 2007. Empregou-se a análise de variância

(ANOVA) com 5% de nível de significância. Nesta análise, os diferentes tipos de óleos foram tratados como blocos e os métodos de aquecimento como fatores. Os resultados são apresentados na tabela 2.

**Tabela 2**

**Resultados da análise de variância (ANOVA) com 5% de nível de significância utilizando o programa Excel 2007.**

Fonte de Variação	SQ <sup>a</sup>	<sup>b</sup> GL	<sup>c</sup> QM	F	p-valor
(1) Método de Aquecimento	0,63734	1	0,6373	52,83	0,000001
(2) Tipo de Óleo	0,01172	2	0,0059	0,49	0,619766
Resíduos	0,38602	32	0,0121		
Total	1,03508	35			

<sup>a</sup>SQ – Soma dos Quadrados; <sup>b</sup>GL – graus de liberdade; <sup>c</sup>QM – Quadrado Médio

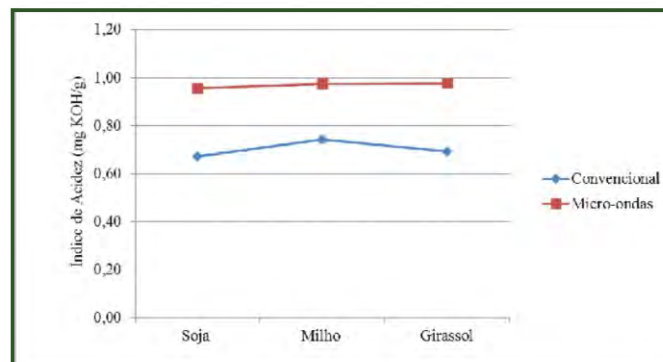
De acordo com a análise de variância acima verifica-se que o p-valor para o fator “Método de Aquecimento” apresentou-se muito menor que 0,05 (nível de significância), indicando que o método de aquecimento influencia no parâmetro índice de acidez do biodiesel. O p-valor de 0,619766 encontrado para o fator “Tipo de Óleo”, mostra que não há diferença entre os produtos da reação de transesterificação alcalina devido aos materiais de partida.

A tabela 3 apresenta os valores médios e os desvios padrões, referentes ao índice de acidez das repetições obtidas para cada condição experimental envolvendo os fatores “Método de Aquecimento” e “Tipo de óleo”. Na figura 1 há a representação gráfica destes valores.

**Tabela3**

**Valores médios e desvios padrões da variável índice de acidez em cada condição experimental**

Método de Aquecimento	IA (mg KOH/ g) médio para cada tipo de óleo		
	Soja	Milho	Girassol
Convencional	0,67 ± 0,12	0,74 ± 0,10	0,69 ± 0,16
	0,96 ± 0,12	0,97 ± 0,09	0,98 ± 0,06



**Figura 1.** Valores médios de índice de acidez das seis amostras de biodiesel obtidas em cada tratamento, combinação Método de Aquecimento e Tipo de Óleo.

Na figura 1 as linhas são paralelas, evidenciando assim a falta de interação entre Bloco e Fator (entre Tipo de Óleo e Método de Aquecimento), e horizontais, indicando que os diferentes óleos não geram biodiesel com índices de acidez diferentes quando submetidos ao mesmo processo de aquecimento. Há grande espaçamento entre as linhas, demonstrando nitidamente que a utilização de irradiação em micro-ondas gera um produto final com acidez mais elevada.

Os resultados mostram que houve de fato uma diferença significativa entre os índices de acidez apresentados pelos biodieseis obtidos pelos dois diferentes métodos. Para a transesterificação em micro-ondas todos os valores de índice de acidez foram maiores.

Essa alta acidez pode estar relacionada ao choque de temperatura sofrido pelas moléculas, devido a rapidez em que ocorre o aquecimento. De acordo com Souza, Souza e Caldeira (2015), no aquecimento por micro-ondas é produzido calor dentro dos materiais processados, ou seja, o aquecimento ocorre diretamente nas moléculas dos reagentes, tornando assim o aquecimento mais homogêneo e eficiente, acelerando a velocidade da reação. Segundo Miranda (2011), o meio reacional na produção de biodiesel é rapidamente aquecido, pois este é composto de moléculas polares (álcool e óleo) e por compostos iônicos (catalisador).

Esse rápido aquecimento pode causar rupturas nas cadeias moleculares liberando

ácidos graxos no meio, o que causa um aumento na acidez do biodiesel obtido. Esse comportamento difere do aquecimento convencional, visto que o aumento na temperatura é gradativo, e o choque é evitado. Em geral, substâncias polares absorvem bem micro-ondas, enquanto que substâncias menos polares ou substâncias com momento de dipolo nulo absorvem as micro-ondas fracamente (MIRANDA, 2011).

De acordo com Moretto e Fett, (1998), o índice de acidez é definido como o número de miligramas de hidróxido de potássio necessário para neutralizar os ácidos livres de um grama de amostra. Trata-se de um parâmetro de extrema importância quando se trata do biodiesel, uma vez que a elevada acidez indica a presença de ácidos graxos livres, e estes podem provocar corrosão do motor, ou deterioração do biocombustível (KNOTHE et al., 2006).

A determinação da acidez possui caráter fundamental para a produção de um biodiesel de qualidade. Devido à facilidade de se produzir o biodiesel, um grande problema que se enfrenta não é a sua produção mais sim a certificação de sua qualidade, uma vez, que produzir um biodiesel de modo a encaixá-lo perfeitamente em todos os parâmetros da ANP é algo mais complexo. A acidez de um óleo e do produto final é de extrema importância para se evitar problemas com relação ao processo reacional, como consumo excessivo do catalisador, ocorrência de reações paralelas ou até mesmo a não ocorrência da reação (SILVA et al., 2016).

Os biodieseis com elevada acidez são indesejáveis, pois são responsáveis por processos corrosivos e formação de depósitos dentro do motor. As condições em que ocorre a reação de transesterificação podem afetar a acidez final do biodiesel (DE MORAIS et al., 2013).

Um alto índice de acidez no combustível tem ação negativa sobre os componentes metálicos do motor aumentando a taxa de corrosão dos mesmos

(OLIVEIRA et al., 2012). O índice de acidez depende principalmente da matéria-prima utilizada. Um elevado índice de acidez pode afetar a estabilidade do biodiesel e causar corrosão e formação de depósitos nos motores. Este parâmetro de qualidade reflete o grau de degradação do biodiesel durante o armazenamento, pois aumenta gradualmente com a clivagem hidrolítica das ligações dos ésteres, ou seja, quanto maior a degradação do biodiesel maior será a acidez, principalmente quando armazenado à temperaturas elevadas (MOREIRA, 2009).

Existem inúmeras propriedades cujo controle se faz necessário no que tange ao armazenamento do biodiesel. Dentre essas propriedades, destacam-se a temperatura de armazenamento, a estabilidade oxidativa e o índice de acidez. O índice de acidez indica o grau de degradação do combustível e manifesta-se com o número elevado de ácidos graxos livres sendo liberados no meio, formando as chamadas borras. Esses ácidos graxos conferem alta acidez ao sistema (ABNT NBR 15512, 2014).

Devido à eficiência de aparelhos de micro-ondas em aquecer rapidamente meios reacionais, estes têm sido muito utilizados em diversas transformações orgânicas reduzindo seus tempos de realizações, muitas vezes de dias e horas para minutos ou segundos (SILVA, FERREIRA e SOUZA; 2006).

Segundo alguns autores, a técnica de transesterificação por micro-ondas é promissora para encurtar o tempo de reação, mantendo os altos níveis de rendimento (MOURA, MENDES e MACHADO, 2010). De acordo com Cola, Jermolovicius e Senise, (2016), a irradiação de micro-ondas acelera a reação química, elevando o rendimento dos produtos e usualmente resultando em qualidade superior dos mesmos num curto espaço de tempo.

No entanto, dentre tantos trabalhos que investigam a utilização das micro-ondas na transesterificação, poucos estudos têm sido

realizados com o objetivo de avaliar possíveis efeitos nocivos causados pelas micro-ondas. No presente estudo, foi possível observar que apesar de vantajosa, em termos de tempo reacional, as micro-ondas foram prejudiciais à estrutura molecular, sendo capaz de quebrar cadeias, conferindo uma maior formação de ácidos graxos, o que elevou a acidez do biodiesel.

## CONCLUSÃO

Os resultados mostram que houve de fato uma diferença significativa entre os índices de acidez apresentados pelos biodieseis obtidos pelos dois diferentes métodos. Para a transesterificação em micro-ondas todos os valores de índice de acidez foram maiores, independentemente do tipo de óleo. Essa alta acidez pode estar relacionada ao choque de temperatura sofrido pelas moléculas, devido a rapidez em que ocorre o aquecimento.

De acordo com a análise de variância verificou-se que o p-valor para o fator Método de Aquecimento apresentou-se muito menor que 0,05 (nível de significância), indicando que o método de aquecimento influencia no parâmetro índice de acidez do biodiesel. O p-valor de 0,619766 encontrado para tipo de óleo mostra que não há diferença entre os produtos da reação de transesterificação alcalina devido aos materiais de partida.

Apesar de vantajosa, em termos de tempo reacional, as micro-ondas foram prejudiciais a estrutura molecular, sendo capazes de quebrar cadeias, conferindo uma maior formação de ácidos graxos, o que elevou a acidez do biodiesel.

## REFERÊNCIAS

ABNT NBR 15512. Biodiesel-Armazenamento, transporte, abastecimento e controle de qualidade de biodiesel e/ou óleo diesel. IBP. Brasil. 2014.  
AGÊNCIA NACIONAL DE PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS – ANP.

**Resolução nº 45 de 2014.** Disponível em: <nxt.anp.gov.br/NXT/gateway.dll/leg/resoluções\_anp/2014/agosto/ranp> Acesso em: 25 de mar. 2015.

AGENCIA NACIONAL DO PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS – ANP. BIODIESEL – INTRODUÇÃO. Disponível em: <http://www.anp.gov.br/?pg=73292&m=&t1=&t2=&t3=&t4=&ar=&ps=&1447707153459>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

Biodiesel Br. Curitiba, 26 mar. 2016. Disponível em: <http://www.biodieselbr.com/noticias/regulacao/politica/aumento-uso-biodiesel-sancionado-dilmarousseff-230316.htm>> Acesso em: 26 abr.

CAVALCANTE, Kiany Sirley Brandão. **Produção de éteres de glicerina com aquecimento por microondas.** 2011. 121f. Tese (Doutorado em Química), Escola de Química, Universidade Federal da Paraíba, Joao Pessoa, 2011.

COLA, Priscila; JERMOLOVICIUS, Luiz Alberto; SENISE, José Thomaz. **Processo irradiado por micro-ondas para a produção de biodiesel (4º fase).** Disponível em <http://maua.br/files/032015/202840314-Processo-Irradiado-Por-Micro-Ondas-Para-A-Producao-De-Biodiesel-4%C2%AA-FASE.pdf>. Acesso: mai 2016.

DE MORAIS, V. S. et al. Cor ASTM: um método simples e rápido para determinar a qualidade do biodiesel produzido a partir de óleos residuais de fritura. **Revista Química Nova**, v. XY, n. 00, p.1-6, 2013.

GERIS, R., et al. Biodiesel de soja – Reação de transesterificação para aulas práticas de química orgânica. **Revista Química Nova**, vol. 30, n. 5, p.1369-1373, 2007.

KNOTHE, Gerhard et al.. **Manual de biodiesel.** São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

MIRANDA, Sávio Eduardo Oliveira. **Produção de biodiesel por rotas etílicas e metílicas promovidas por irradiação de micro – ondas oriundas de um forno doméstico não modificado.** 2011, 121 f. Dissertação (Mestrado em Química), Faculdade de Química,

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2011.

MOREIRA, Ana Luísa de Vasconcelos. **Produção de biodiesel a partir de gordura de frango**. 2009. 61f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Química), Faculdade de Engenharia, Universidade do porto, Lisboa, 2009.

MORETTO, Eliane.; FETT, Roseane. **Tecnologia de óleos e gorduras vegetais na indústria de alimentos**. São Paulo: Varela, 1998.

MOURA, B. S. **Transesterificação alcalina de óleos vegetais para produção de biodiesel: avaliação técnica e econômica**. 2010, 168f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Química), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Seropédica, 2010.

MOURA, B. S.; MENDES, M. F.; MACHADO J.R, H. Irradiação de microondas na transesterificação alcalina homogênea de óleo de pinhão manso (*Jatropha curcas* L.) . **Anais** do IV Congresso Brasileiro de Mamona e I Simpósio Internacional de Oleaginosas Energéticas, João Pessoa, PB – 2010.

OLIVEIRA, D. S. et al. Obtenção do biodiesel através da transesterificação do óleo de *Moringa Oleífera* Lam. **Revista Holos**, n.28, v.1, p.49-61, 2012.

SANSEVERINO, A. M.; Micro-ondas em Síntese Orgânica. **Revista Química. Nova**, v.25, n.4, p. 660-667, 2002.

SILVA, Estefânio de P. et al. Determinação do índice de acidez em óleo de milho para produção de biodiesel. Disponível em <file:///C:/Users/Philco/Downloads/1810-5964-1-PB.pdf>. Acesso em 16 de abril de 2016.

SILVA, Fernando de C.; FERREIRA, Vitor F.; SOUZA, Maria Cecília B. V. de. Adaptação de forno de micro-ondas doméstico para realização de reações de transesterificação sob refluxo e catálise por argilas. **Revista Química Nova**, v. 29, n. 2, p.376-380, 2006.

SOUZA, Márcio Cleivo de Moraes.; SOUZA, Luiz Di.; CALDEIRA, Vinicius P. S. Síntese do biodiesel de ácido oleico: efeito do tipo de catalisador e da forma de aquecimento. **Blucher Chemistry Proceedings**, v.3, n.1, 2015.

VÖLZ, Maria Dolores de Ávila. **Biodiesel a partir de óleos de alta acidez: Desenvolvimento de um processo catalítico homogêneo**. 2009. 94f. Dissertação (Mestrado em Química Tecnológica e Ambiental), Escola de Química e Alimentos, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2009.

ZAGO, Márcio Antônio. **Síntese de biodiesel em reator micro-ondas usando líquido iônico**. 2010, 88 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de processos), Faculdade de Engenharia de processos, Universidade Tiradentes, Aracajú, 2010.

# Otimização do processo de recuperação de lubrificante usado por extração com solventes polares

*Optimization of spent lubricant recovery process by extraction using polar solvents*

Anderson Eduardo Alcântara de Lima<sup>1\*</sup>, José Carlos Oliveira Santos<sup>2</sup>, Marta Maria da Conceição<sup>3</sup>, Iêda Maria Garcia dos Santos<sup>4</sup>, Antônio Gouveia de Souza<sup>4</sup>, Raul Rosenhaim<sup>5</sup>.

<sup>1</sup>Programa de Pós-graduação em Química, Departamento de Química, Universidade Federal da Paraíba, Campus I..

<sup>2</sup>Unidade Acadêmica de Biologia e Química, Centro de Educação e Saúde, Universidade Federal de Campina Grande

<sup>3</sup>Departamento de Tecnologia de Alimentos – CTDR, Universidade Federal da Paraíba,

<sup>4</sup>Departamento de Química, Universidade Federal da Paraíba, Campus I

<sup>5</sup>Departamento de Engenharia Química, Universidade Federal da Paraíba, Campus I.

\*andersonedu@gmail.com

**Submetido em 28/06/2016; Versão revisada em 31/08/2016; Aceito em 02/09/2016**

## Resumo

Várias alternativas de reciclagem têm sido utilizadas ao redor do mundo para recuperação de óleo lubrificante usado, cada uma com suas vantagens e desvantagens. O processo de extração por solvente é capaz de remover cerca de 10-14% dos contaminantes, o que corresponde aproximadamente a quantidade de aditivos e impurezas encontradas normalmente no óleo lubrificante usado. O presente estudo teve como objetivo determinar as condições ótimas de extração utilizando as variáveis independentes (temperatura e proporção de lubrificante:solvente) para cada solvente, propan-2-ol (IPP), butan-2-ona (MEC) e o butan-1-ol (BUT), além disso, caracterizar físico e quimicamente os lubrificantes novo, usado e recuperados. Os resultados permitiram concluir que as melhores faixas de extração são proporções de 1:6; 1:4,7 e 1:6 para os solventes IPP, MEC e BUT respectivamente, a uma temperatura de 30 °C. O solvente MEC teve um rendimento mais elevado de extração, seguida de BUT e IPP.

**Palavras-chaves:** rerrefino, planejamento experimental, lubrificante

## Abstract

Several recycling alternatives has been used around the world for used lubricating oil recovery, each with its advantages and disadvantages. Solvent extraction process can remove about 10-14% of its contaminants, corresponding to approximately the amount of impurities and additives typically found in used lubricating oil. This study aimed the determination of optimal conditions extraction for independent variables (temperature and lubricant: solvent ratio) for each solvent, propan-2-ol (IPP), butan-2-one (MEC) e o butan-1-ol (BUT), and the physical and chemical characterization for new, used and recovered lubricants. The results showed that the best extraction ranges are the proportions 1: 6; 1: 4.7 and 1: 6 for the IPP solvents, MEC and BUT respectively, at 30 ° C temperature. The MEC solvent had a higher yield of extraction, followed by BUT and IPP.

**Key words:** re-refining , experimental planning , lubricant

## INTRODUÇÃO

Óleos lubrificantes são derivados de petróleo largamente utilizados para fins automotivos e industriais, promovem a redução do atrito e asseguram mais eficiência em termos de consumo de combustível e potência (AL-ZAHRANI; PUTRA, 2013). Este, consiste principalmente de dois materiais, óleo base e os aditivos químicos. Estes aditivos podem ser ditiofostato de zinco, detergente, dispersantes, antioxidantes, antidesgaste, modificador de viscosidade e abaixador de ponto de fluidez. Após o período de uso recomendado pelo fabricante, o óleo lubrificante começa a perder suas propriedades iniciais não sendo mais adequado para as finalidades originais. As principais fontes de contaminação são a decomposição dos aditivos e as interações entre componentes resultantes do desgaste do motor, produzindo substâncias tóxicas e tornando-se um potencial de contaminação ambiental e de saúde (AL-GHOUTI; AL-ATOUM, 2009; SILVA et al., 2014; SILVEIRA et al., 2010; YANG et al., 2016)

Óleo lubrificante usado, quando despejados de forma indiscriminadamente, causam poluição ao meio ambiente, podendo atingir os lençóis freáticos. Já quando queimados de forma errada, gera emissões significativas de óxidos metálicos, além de gases tóxicos, como a dioxina e o enxofre (PARK et al., 2009).

Algumas opções podem ser consideradas para o descarte seguro de lubrificantes usados, como a reciclagem, craqueamento térmico e incineração. A reciclagem mostra-se como a alternativa ambientalmente e economicamente correta (USMAN; KAYODE-SOTE, 2011). Várias alternativas de reciclagem tem sido utilizadas ao redor do mundo para recuperação de óleo lubrificante usado, cada uma com suas vantagens e desvantagens (JAFARI; HASSANPOUR, 2015). Entre os processos de recuperação, o de extração de óleo base com solventes polares, mostra-se mais

atrativo, por ser um processo simples e apropriado, sendo uma forma adequada para proteção do meio ambiente (AL-ZAHRANI; PUTRA, 2013; EMAM; SHOAI, 2013; RINCÓN; CAÑIZARES; GARCÍA, 2007).

O processo de extração por solvente é capaz de remover cerca de 10-14% dos contaminantes, o que corresponde a aproximadamente a quantidade de aditivos e impurezas encontradas normalmente no óleo lubrificante usado. Neste processo, dois parâmetros são fundamentais para o sucesso da recuperação, a proporção (solvente : lubrificante usado) e a temperatura de extração, onde estes devem ser escolhidos para ser capazes de remover impurezas e aditivos e diminuir a perda de óleo base (ELBASHIR et al., 2002).

A utilização do método de planejamento experimental fatorial em estudos que abrangem muitas variáveis, vem sendo inserida tanto nas pesquisas científicas como na indústria, pois se apresenta de forma importante, tornando possível o planejamento e a realização de maneira organizada de uma quantidade mínima necessária de experimentos, economizando tempo e recursos financeiros (ARAÚJO et al., 2014).

O presente estudo tem como objetivo determinar as condições ótimas de extração utilizando as variáveis independentes (temperatura e proporção de lubrificante:solvente) para cada solvente, propan-2-ol (isopropílico), butan-2-ona (metil-etil-cetona) e butan-1-ol (1-butanol), além disso, caracterizar físico e quimicamente (densidade relativa, viscosidade cinemática a 40 e 100 °C, número de acidez total, ponto de fluidez e teor de cinzas) os óleos lubrificantes novo, usado e recuperados.

## MATERIAL E MÉTODOS

### Óleo lubrificante

O Lubrificante mineral para motor a diesel



(SAE 15W40) (LUB0), foi adicionado ao veículo ano 2010, modelo S10. Após percorrer 10 mil Km em trecho misto, a troca do óleo foi realizada numa oficina mecânica, onde o óleo foi retirado, com o motor ainda quente, para facilitar o escoamento e realizada a coleta e armazenamento do lubrificante em recipientes devidamente limpos e isentos de impurezas.

### Solventes orgânicos

Foram utilizados para o processo de extração de óleo base os solventes propano-2-ol (IPP), butan-2-ona (MEC) e o butan-1-ol (BUT), todos com grau PA da VETEC.

### Pré-tratamento da amostra do óleo lubrificante usado

O pré-tratamento foi realizado por um processo de destilação a vácuo do óleo lubrificante (LUB10) para eliminação de água e hidrocarbonetos leves. O processo foi realizado no destilador a vácuo automático, equipamento da B/R Instrument, modelo D1160, com nível de vácuo e taxa de destilação controlados e programados através de PC. As condições foram: pressão de 5 mmHg e temperatura de 220 °C.

### Delineamento Experimental Fatorial

Para avaliar o efeito dos diferentes solventes polares, propano-2-ol (IPP), butan-2-ona (MEC) e o butan-1-ol (BUT), no processo de rerrefino do LUB10, foi utilizado um delineamento fatorial completo 2<sup>2</sup> com as variáveis independentes proporção lubrificante:solvente (X<sub>1</sub>, p/p), temperatura de extração (X<sub>2</sub>, °C), tendo como respostas: rendimento de extração (RD, %), teor de cinzas (CZ, %) e número de acidez total (TAN, mg KOH/g). Os níveis codificados e não codificados das variáveis independentes estão apresentados na Tabela 1.

**Tabela 1**

Níveis codificados e não codificados das variáveis independentes.

Variáveis independentes	Níveis das variáveis codificadas				
	-α	-1	0	+1	+α
Proporção (X <sub>1</sub> )	1:1	1:1,9	1:4	1:6,1	1:7
Temperatura (X <sub>2</sub> )	20	25	40	54	60

Todos os dados experimentais foram realizados por meio de três repetições e serão testados em um modelo estatístico que melhor se adequa, utilizando a falta de ajuste da ANOVA afim de avaliar a necessidade da inclusão de termos ao modelo. O procedimento de regressão das superfícies de respostas foi realizado utilizando o software statistic7. A equação geral (Eq. 1) utilizada para descrever os modelos é:

$$Y = \beta_0 + \beta_1 X_1 + \beta_1 X_1^2 + \beta_2 X_2 + \beta_2 X_2^2 + \beta_1 \beta_2 X_1 X_2 \quad (1)$$

Em que:  $\beta_0$ ,  $\beta_1$  e  $\beta_2$  são coeficientes de regressão e  $X_1$  e  $X_2$  são os valores codificados das variáveis independentes, pressão e temperatura respectivamente.

### Obtenção do óleo lubrificante recuperado por extração do solvente polar (LUBR)

Em um elermeyer de 250 ml, colocou-se o LUB10 e o solvente nas proporções e temperatura do planejamento para cada solvente, em seguida fez-se a homogeneização da mistura em um agitador mecânico (ET-420 Incubadora), nas condições: agitação 200 RPM, tempo de agitação 30 minutos e temperatura do planejamento. O próximo passo foi a separação das fases, para tal utilizou-se uma centrífuga (HITACHI, himac CF 5RX), nas condições: 5000 RPM, tempo de 20 minutos e desaceleração superlenta, ao final observou-se nitidamente duas fases, a superior sendo solvente com óleo base e a inferior a borra (resíduo). Em seguida, transferiu-se a fase superior para o balão do destilador a vácuo para recuperação do solvente e obtenção do óleo lubrificante recuperado por

método de extração de solventes (LUBR), nas seguintes condições: temperatura 50 °C e pressão inicialmente de 100 mmHg e reduzida gradativamente até 5 mmHg. A fase inferior, borra, foi armazenado para tratamento e descarte.

## Caracterização físico química

A American Society for Testing and Materials - ASTM, sugere métodos de ensaio para a caracterização de óleos de base lubrificantes de hidrocarbonetos derivados de vários processos de refinação, incluindo a rerrefinação de óleos usados, através de um guia descrito pela norma ASTM D6074(2015). As amostras do lubrificante: novo (LUB0), usado (LUB10) e recuperado (LUBR para cada solvente) foram caracterizadas físico quimicamente em termos de viscosidade cinemática a 40 e 100 °C ASTM D445(2014), ponto de fluidez ASTM D97(2016), densidade relativa a 20 °C ASTM D4052 (2015), número total de acidez ASTM D664 (2011) e teor de cinzas ASTM D482 (2013).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Planejamento experimental - Análise dos modelos

Avaliou-se, a partir do delineamento experimental, os efeitos da proporção ( $X_1$ ) e temperatura ( $X_2$ ) de extração dos contaminantes para obtenção do óleo base rerrefinado. Utilizou-se três solventes, IPP, MEC e BUT, com objetivo de avaliar o comportamento sobre as respostas estudadas: número total de ácido (TAN), teor de cinzas (CZ) e rendimento da extração (RD). O planejamento foi individualizado para cada solvente, ou seja, foram aplicados três planejamentos experimentais. Os resultados dos ensaios estão dispostos na Tabela 2.

De acordo com a Tabela 2, para o solvente IPP, os resultados para a resposta RD variaram de

14,38 – 78,65%, TAN 2,04 – 5,47 mgKOH/g e CZ 0,03 – 0,33%. Para o solvente MEC as variações foram: RD 70,60 – 89,10 %, TAN 0,98 – 5,20 mgKOH/g e CZ 0,27 – 1,16%. Para o solvente BUT as variações foram: RD 70,95 – 86,48%, TAN 1,26 – 5,27 mg KOH/g e CZ 0,55 – 0,97%.

**Tabela 2**

Rendimento de extração (RD), número total de acidez (TAN) e teor de cinzas (CZ), obtidos do delineamento experimental para os solventes propano-2-ol (IPP), butan-2-ona (MEC) e butan-1-ol (BUT).

Ensaio	Variáveis independentes		Variáveis dependentes								
	$X_1$	$X_2$	IPP			MEC			BUT		
			RD	TAN	CZ	RD	TAN	CZ	RD	TAN	CZ
1	1,87	25	29,93	5,47	0,33	86,50	3,02	0,66	82,91	3,26	0,72
2	1,87	54	28,16	2,54	0,08	87,12	5,20	0,84	76,54	4,75	0,74
3	6,13	25	70,78	3,67	0,15	89,11	2,99	0,31	78,97	1,26	0,54
4	6,13	54	77,81	4,34	0,15	88,22	4,64	0,51	81,28	4,99	0,67
5	4	20	57,26	3,89	0,10	84,16	0,98	0,19	82,22	2,97	0,55
6	4	20	62,02	4,09	0,03	83,28	1,10	0,26	70,95	2,59	0,72
7	1	60	14,38	5,90	0,09	70,63	5,88	1,16	69,09	5,27	0,97
8	7	40	78,65	2,04	0,07	86,32	4,57	0,37	79,12	1,35	0,56
9	4	40	59,74	3,06	0,15	87,13	2,01	0,27	82,58	3,94	0,67
10	4	40	60,52	3,01	0,13	86,31	2,11	0,28	85,41	3,88	0,69
11	4	40	60,01	3,21	0,13	85,90	2,15	0,27	86,48	3,92	0,68

Os modelos lineares e quadráticos foram testados pela significância ( $p > 0,05$ ) da falta de ajuste e do coeficiente de determinação ( $R^2$ ) obtidos através da análise de variância (ANOVA) e regressão linear (Tabela 3) (BELWAL et al., 2016; SONIAVIEIRA, 2006).

Para o solvente IPP, os modelos foram significativos ( $p < 0,05$ ) na forma quadrática para a resposta RD e linear para as respostas TAN e CZ. De acordo com a Tabela 3, o valor não

significativo ( $p > 0,05$ ) para a falta de ajuste ( $F = 1,390$ ) mostrou que o modelo é adequado para previsão do RD com coeficiente de determinação satisfatório ( $R^2 = 0,999$ ). Já a falta de ajuste das respostas TAN ( $F = 883,660$ ) e CZ ( $F = 20,876$ ) foi significativo ( $p < 0,05$ ), logo os modelos não são adequados para previsões de tais respostas. As equações polinomiais (Eq. 2, Eq. 3, Eq. 4) que descrevem os modelos são:

$$RD_{IPP} = -3,633 + 20,71X_1 - 1,597X_1^2 - 0,005X_2 - 0,003X_2^2 + 0,087X_1X_2 \quad (2)$$

$$TAN_{IPP} = 11,728 - 1,122X_1 - 0,171X_2 + 0,019X_1X_2 \quad (3)$$

$$CZ_{IPP} = 0,699 - 0,091X_1 - 0,012X_2 + 0,002X_1X_2 \quad (4)$$

**Tabela 3**

Coefficiente de regressão ( $\beta$ ), o coeficiente de determinação ( $R^2$ ) e valor F - teste dos modelos polinomiais de segunda ordem e predição para as respostas rendimento de extração (RD), número de acidez total (TAN) e teor de cinzas (CZ).

Coeficientes de regressão	Respostas		
	RD	TAN	CZ
<b>IPP</b>			
Média/Interceptor			
$\beta_0$	-3,633*	11,728*	0,699*
Linear			
$\beta_1$	20,071*	-1,122*	0,091*
$\beta_2$	-0,005	-0,171*	0,012*
Quadrático			
$\beta_1^2$	-1,597*	-	-
$\beta_2^2$	-0,003	-	-
Interações			
$X_1X_2$	0,087*	0,019*	0,002*
$R^2$	0,999	0,949	0,928
F valor ( <i>Falta de ajuste</i> )	1,390	883,660*	20,876*
<b>MEC</b>			
Média/Interceptor			
$\beta_0$	83,888*	4,588*	1,442*
Linear			
$\beta_1$	0,934	-3,168*	-0,578*
$\beta_2$	0,044	0,171*	0,006*
Quadrático			
$\beta_1^2$	-	0,399*	0,059*
$\beta_2^2$	-	-0,001*	-0,00003
Interações			
$\beta_1\beta_2$	-0,013	-0,004*	0,00002
$R^2$	0,691	0,888	0,950
F valor ( <i>Falta de ajuste</i> )	7,266	409,067*	455,820*

Para o solvente MEC, os modelos foram significativos ( $p < 0,05$ ) na forma quadrática para as respostas TAN e CZ, e linear para a resposta RD. De acordo com a Tabela 3, o valor não significativo ( $p > 0,05$ ) para a falta de ajuste ( $F = 7,266$ ) mostrou que o modelo é adequado para previsão do RD com coeficiente de determinação mediano ( $R^2 = 0,691$ ). Já a falta de ajuste das respostas TAN ( $F = 409,067$ ) e CZ ( $F = 455,820$ ) foi significativa ( $p < 0,05$ ), logo os modelos não são adequados para previsões de tais respostas. As equações polinomiais (Eq. 5, Eq. 6, Eq. 7) que descrevem os modelos são:

$$RD_{MEC} = 83,888 + 0,934X_1 + 0,04X_2 - 0,013X_1X_2 \quad (5)$$

$$TAN_{MEC} = 4,588 - 3,168X_1 + 0,399X_1^2 + 0,171X_2 - 0,001X_2^2 - 0,004X_1X_2 \quad (6)$$

$$CZ_{MEC} = 1,442 - 0,578X_1 + 0,059X_1^2 + 0,006X_2 - 0,00003X_2^2 + 0,00002X_1X_2 \quad (7)$$

Para o solvente BUT, os modelos foram significativos ( $p < 0,05$ ) na forma quadrática para a resposta RD e linear para as respostas TAN e CZ. De acordo com a Tabela 3, o valor não significativo ( $p > 0,05$ ) para a falta de ajuste das respostas RD ( $F = 3,834$ ), CZ ( $F = 2,594$ ) mostrou que os modelos são adequados para suas previsões com coeficientes de determinação satisfatórios ( $R^2 = 0,824$ ,  $R^2 = 0,971$ ), respectivamente. Já a falta de ajuste da resposta TAN ( $F = 124,351$ ) foi significativa ( $p < 0,05$ ), logo o modelo não é adequado para previsão de tal resposta. As equações polinomiais (Eq. 8, Eq. 9, Eq. 10) que descrevem os modelos são:

$$RD_{BUT} = 68,795 + 0,869X_1 - 0,450X_1^2 + 0,863X_2 - 0,016X_2^2 + 0,070X_1X_2 \quad (8)$$

$$TAN_{BUT} = 3,819 - 0,924X_1 + 0,018X_2 + 0,018X_1X_2 \quad (9)$$

$$CZ_{BUT} = 0,8444 - 0,068X_1 - 0,001X_2 + 0,0009X_1X_2 \quad (10)$$

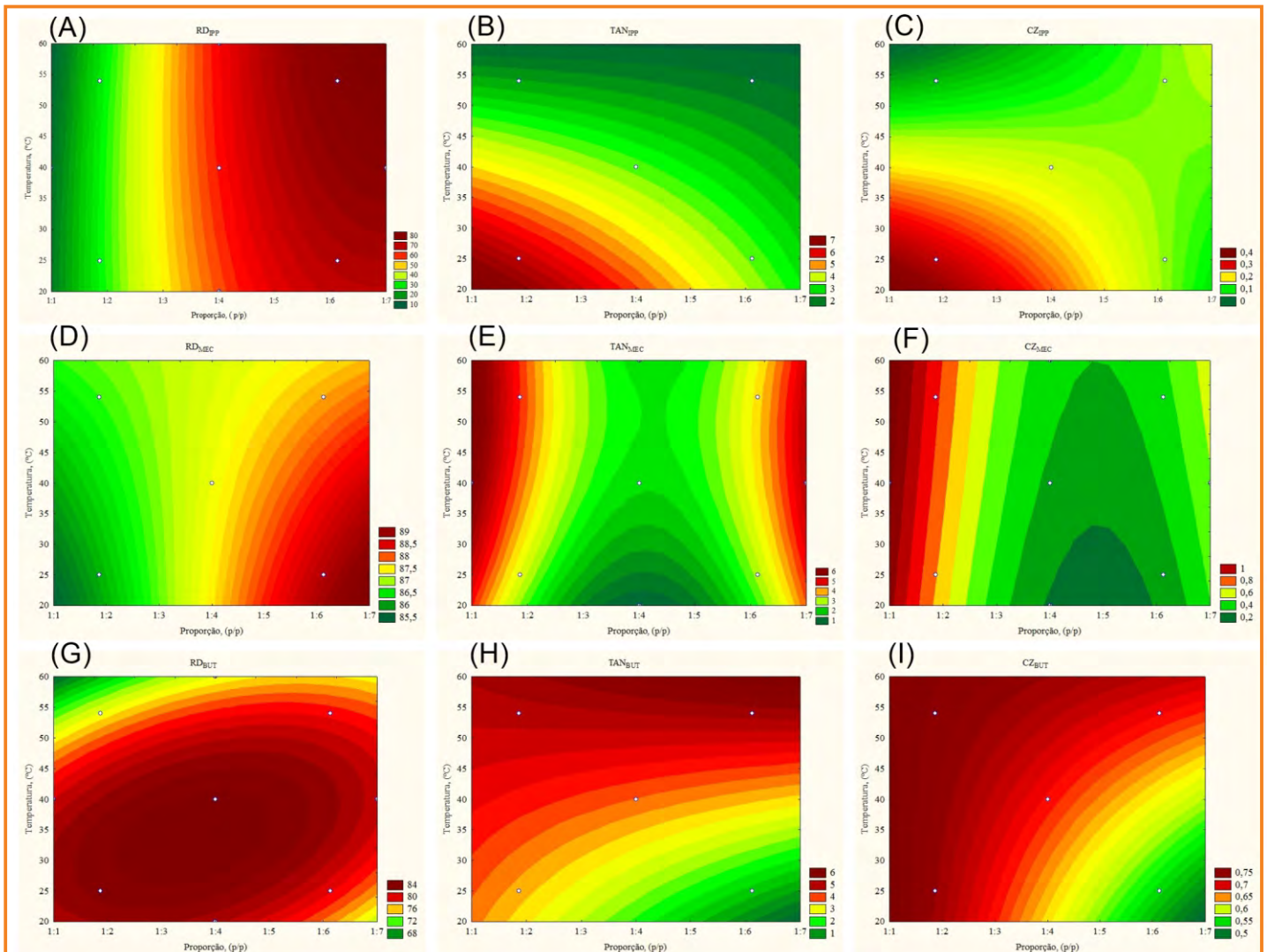
Mesmo que alguns modelos não sejam preditivos, é possível obter uma otimização analisando as curvas de contorno de cada solvente (Figura 1) para as respostas (RD, TAN, CZ).

### Influência dos solventes (IPP, MEC, BUT) e parâmetros de extração na recuperação do LUB10

Nesse estudo, foi avaliado o desempenho dos

solventes orgânicos (IPP, MEC, BUT) de acordo com os parâmetros de proporção (lubrificante:solvente) e temperatura de extração com base na capacidade de extrair óleo base e eliminar as impurezas provenientes do processo de degradação e aditivos

remanescentes do lubrificante usado (LUB10). O delineamento experimental mostrou possíveis rotas de extrações, otimizando o processo em geral, as variáveis de respostas (RD, TAN, CZ) mostraram-se de grande importância para tal avaliação.



**Figura 1** - Curvas de contorno para as respostas: rendimento de extração (RD), número de acidez total (TAN) e teor de cinzas (CZ), obtidas para cada solvente: IPP, MEC e BUT.

Pelas curvas de contorno (Figura 1A, Figura 1B e Figura 1C), para o solvente IPP, observa-se que para a resposta RD (Figura 1A) a temperatura não teve influência, onde o maior rendimento foi observado para proporções mais elevadas (1:6 a 1:7). O mesmo comportamento foi observado para TAN (Figura 1B) e CZ (Figura 1C), onde os menores valores foram obtidos entre a proporção 1:6 a 1:7 com temperatura de 30 °C.

Para o solvente MEC, a proporção também teve maior influência nas respostas RD (Figura 1D), TAN

(Figura 1E) e CZ (Figura 1F), sendo observado melhores resultados nas proporções 1:4,7-1:7, 1:2-1:7 e 1:2,5-1:6, respectivamente, a uma temperatura de 30 °C.

Já para o solvente BUT, observou-se que temperaturas elevadas, na faixa de 40 a 60 °C, obtiveram melhores resultados para RD (Figura 1G), com proporção variando de 1:1 a 1:3. Por outro lado, TAN e CZ (Figura 1H e Figura 1I) apresentaram melhores resultados em proporções acima de 1:6 e temperatura de 30 °C.

A recuperação de óleo lubrificante usado por extração de solventes é um processo simples que deve assegurar completa miscibilidade de óleo base no solvente e promover a rejeição de matérias carbonáceas e aditivos por sedimentação, estes últimos totalizam cerca de 10-14%. Outro fato importante é assegurar a recuperação máxima do solvente envolvido no processo. (HAMAD; AL-ZUBAIDY; FAYED., 2005; RINCON; CANIZARES; GARCIA, 2005). Segundo REIS e JERONIMO (1988), cetonas e álcoois com três ou mais átomos de carbono, satisfazem a propriedade de extração-floculação, sendo miscíveis ao óleo base a temperatura ambiente.

Os resultados encontrados nesse estudo seguem a mesma tendência dos descritos por (AL-ZAHRANI; PUTRA, 2013; DURRANI; PANHWAR; KAZI, 2012; ELBASHIR et al., 2002; EMAM; SHOAI, 2013) onde foi observado que a as perdas de óleo base diminuem com o aumento da temperatura de extração e com o aumento da razão de solvente, onde o MEC obteve menores perdas seguido por IPP e BUT, a temperatura de 30 °C. RINCON; CANIZARES; GARCIA (2005) observou que a proporção está relacionada com os níveis de saturação entre o solvente e o óleo, onde em proporções menores, os solventes saturam e não

fazem dissolver todo o óleo presente. ELBASHIR (2002) sugere que essas tendências podem ser explicadas pelo fato de que, quando um solvente possui diferença mínima de solubilidade de um óleo, logo terá uma maior miscibilidade neste, diminuindo assim as perdas e maximizando o rendimento de extração.

Após o processo de extração do óleo base recuperado para cada solvente (LUBR<sub>IPP</sub>, LUBR<sub>MEC</sub>, LUBR<sub>BUT</sub>) e os lubrificantes novo (LUB0) e usado (LUB10), seguiu-se para as caracterizações físico química. Os solventes foram recuperados por destilação a vácuo, com pressão e temperatura controladas, obtendo em média 95% de recuperação.

#### Caracterização físico química

A densidade é uma propriedade física fundamental que pode ser utilizado em conjunto com outras propriedades para caracterizar o óleo lubrificante (ASTM D4052, 2015). Observando a Tabela 4, verifica-se que a densidade do LUB10 foi maior quando comparada ao LUB0. Após a recuperação houve uma redução deste parâmetro, indicando uma possível eliminação de contaminantes. A amostra LUB<sub>IPP</sub> obteve melhor resultado.

**Tabela 4**  
Caracterização físico química dos lubrificantes: novo, usado e recuperados

Ensaio	Amostras				
	LUB0	LUB10	LUBR <sub>IPP</sub>	LUBR <sub>MEC</sub>	LUBR <sub>BUT</sub>
Densidade a 20 °C, (g/cm <sup>3</sup> )	0,881	0,890	0,873	0,876	0,879
Viscosidade cinemática a 40 °C, (mm <sup>2</sup> /s <sup>2</sup> )	114	124	33,64	37,14	41,27
Viscosidade cinemática a 100 °C, (mm <sup>2</sup> /s <sup>2</sup> )	15,84	17,86	6,31	6,80	7,30
Número total de acidez, (mg KOH/g)	2,01	5,74	0,48	0,83	0,91
Fluidez, (°C)	-28	-24	-8	-7	-8
Cinzas, (peso, %)	0,09	1,13	0,07	0,19	0,53
Rendimento da extração, (%)	--	--	78	84	80

A viscosidade cinemática é uma propriedade importante em óleos lubrificantes, qualquer alteração é indesejável em um motor, pois afeta a eficácia de lubrificação. O seu aumento ocorre principalmente pela formação de produtos resinosos por causa da oxidação do óleo, evaporação de frações mais leves, esgotamento de aditivos antidesgaste e contaminação por compostos insolúveis (HASANNUDDIN et al., 2016). De acordo com a Tabela 4, pode-se observar que ocorreu um aumento na viscosidade cinemática a 40 e 100 °C do LUB10 em relação ao LUB0, onde após a recuperação do LUB10 foi verificado uma redução para as amostras recuperadas. O LUBR<sub>IPP</sub> obteve melhor resultado para este parâmetro.

O ponto de fluidez é importante para o funcionamento de motores em ambientes de baixa temperatura fazendo-se necessário a adição de aditivos na formulação do óleo lubrificante (AL-GHOUTI; AL-ATOUM, 2009). Pela Tabela 4, observa-se uma pequena redução do LUB0 para o LUB10 mostrando que mesmo após uso prolongado, tal propriedade sofreu poucas alterações. Após o processo de extração verificou-se que as amostras recuperadas tiveram o ponto de fluidez reduzido, mostrando assim a eficiência do processo na remoção de aditivos. A amostra LUB<sub>MEC</sub> foi a que apresentou melhor resultado.

Lubrificantes automotivos, novos ou usados, podem conter componentes ácidos, presentes como aditivos (detergentes, inibidores), produtos de degradação formados durante o serviço (por exemplo, produtos de oxidação) e sais de metais pesados. Valores altos do índice de acidez de óleos básicos indicam que produtos de oxidação podem estar presentes, os quais devem ser neutralizados ou removidos no processo de rerrefino (ASTM D664, 2011). Os valores de TAN do LUB10 (Tabela 4) aumentou de forma considerável quando comparado ao LUB0, indicando que a amostra sofreu severa degradação química durante sua utilização. Após o processo de extração, as

amostras recuperadas obtiveram valores inferiores ao LUB0, onde a amostra LUBR<sub>IPP</sub> obteve melhor resultado.

A quantidade de materiais formadores de cinzas presentes em um produto pode fornecer informações sobre sua adequação, ou não, para uma dada aplicação. As cinzas podem provir do óleo, de compostos metálicos solúveis em água ou de sólidos estranhos, tais como impurezas ou ferrugem (ASTM D482, 2013). De acordo com a Tabela 4, o teor de cinzas das amostras recuperadas foi reduzido com eficiência, a amostra LUBR<sub>IPP</sub> mostrou-se com o melhor resultado.

O rendimento das extrações para cada solvente se encontram na Tabela 4, de uma forma geral apresentaram excelentes resultados e quando se utilizou o solvente MEC obteve-se maior rendimento (84%).

Os resultados encontrados nesse estudo estão de acordo com pesquisas realizadas sobre recuperação de lubrificante usado, mostrando a eficiência da extração com solventes polares (ALMEIDA, 2011; HAMAD; AL-ZUBAIDY; FAYED., 2005; KAMAL; KHAN, 2009; MOHAMMED et al., 2013; RINCÓN; CAÑIZARES; GARCÍA, 2007).

## CONCLUSÕES

A recuperação de óleos lubrificantes usados vêm ganhando cada vez mais espaço no contexto da conservação ambiental. Com a utilização de um planejamento experimental, foi possível sugerir uma otimização do processo, onde as melhores proporções de extração são 1:6; 1:4,7 e 1:6 para os solventes IPP, MEC e BUT respectivamente. Além do mais, permitiu a otimização da temperatura de extração em 30 °C, possibilitando uma possível redução de custos no processo, uma vez que esta pode ser considerada temperatura ambiente em diversas regiões do país.

As caracterizações físico químicas estudadas se mostram de suma importância para o controle de

qualidade de óleos lubrificantes recuperados, através destas foi possível verificar a redução das impurezas e aditivos, mostrando assim a eficiência do processo de extração por solventes polares.

## AGRADECIMENTOS

LACOM, UFPB, CAPES.

## REFERÊNCIAS

AL-GHOUTI, M. A.; AL-ATOUM, L. Virgin and recycled engine oil differentiation: A spectroscopic study. **Journal of Environmental Management**, v. 90, n. 1, p. 187–195, 2009.

ALMEIDA, R. A. DE. **Estudo da recuperação de óleos lubrificantes minerais usados utilizando solventes polares**. 2011. 83 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Engenharia Química, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011.

AL-ZAHRANI, S. M.; PUTRA, M. D. Journal of Industrial and Engineering Chemistry Used lubricating oil regeneration by various solvent extraction techniques. **Journal of Industrial and Engineering Chemistry**, v. 19, n. 2, p. 536–539, 2013.

ARAÚJO, M. D. S. et al. Aplicação da metodologia da superfície de resposta para otimização da fermentação alcoólica do soro de queijo. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, p. 190–197, 2014.

ASTM D4052. Standard Test Method for Density, Relative Density, and API Gravity of Liquids by Digital Density Meter 1. **ASTM International**, p. 1–8, 2015.

ASTM D445. Standard Test Method for Kinematic viscosity of transparent and Opaque Liquids. **ASTM International**, v. 04, n. 89, p. 3–8, 2014.

ASTM D482. Standard Test Method for Ash from Petroleum Products. **ASTM International**, p. 8–11, 2013.

ASTM D6074. Standard Guide for Characterizing

Hydrocarbon Lubricant Base Oils 1. **ASTM International**, p. 1–11, 2015.

ASTM D664. Standard Test Method for Acid Number of Petroleum Products by Potentiometric. **Annual Book of ASTM Standards**, v. 05, n. December, p. 1–7, 2011.

ASTM D97-16. Standard Test Method for Pour Point of Petroleum Products. **ASTM International**, v. 2, p. 1–5, 2016.

BELWAL, T. et al. Optimization extraction conditions for improving phenolic content and antioxidant activity in Berberis asiatica fruits using response surface methodology (RSM). **Food Chemistry**, v. 207, p. 115–124, 2016.

DURRANI, H. A. L. I.; PANHWAR, M. I.; KAZI, R. A. Determining an Efficient Solvent Extraction Parameters for Re-Refining of Waste Lubricating Oils. **Mehran University Research Journal of Engineering & Technology**, v. 31, n. 2, p. 265–270, 2012.

ELBASHIR, N. O. et al. A method of predicting effective solvent extraction parameters for recycling of used lubricating oils. **Chemical Engineering Processing**, v. 41, p. 765–769, 2002.

EMAM, E. A.; SHOAIIB, A. M. Re-refining of used lube oil, i- by solvent extraction and vacuum distillation followed by hydrotreating. **Petroleum and Coal**, v. 55, n. 3, p. 179–187, 2013.

HAMAD, A.; AL-ZUBAIDY, E.; FAYED., M. E. Used lubricating oil recycle using hydrocarbon solvents. **Journal of Environmental Management**, v. 74, p. 153–159, 2005.

HASANNUDDIN, A. K. et al. Performance, emissions and lubricant oil analysis of diesel engine running on emulsion fuel. **Energy Conversion and Management**, v. 117, p. 548–557, 2016.

JAFARI, A. J.; HASSANPOUR, M. Analysis and comparison of used lubricants, regenerative technologies in the world. **Resources, Conservation and Recycling**, v. 103, p. 179–191, 2015.

- KAMAL, A.; KHAN, F. Effect of Extraction and Adsorption on Re-refining of Used Lubricating Oil. **Oil & Gas Science and Technology - Revue de l'IFP**, v. 64, n. 2, p. 191–197, 2009.
- MOHAMMED, R. R. et al. Waste lubricating oil treatment by extraction and adsorption. **Chemical Engineering Journal**, v. 220, p. 343–351, 2013.
- PARK, S. W. et al. Electrokinetic remediation of contaminated soil with waste-lubricant oils and zinc. **Journal of Hazardous Materials**, v. 169, n. 1-3, p. 1168–1172, 2009.
- REIS, M. A.; JERNIMO, M. S. Waste Lubricating Oil Rerefining by Extraction-Flocculation . 1 . A Scientific Basis To Design Efficient Solvents. **Industrial & Engineering Research**, n. 1974, p. 1222–1228, 1988.
- RINCON, J.; CANIZARES, P.; GARCIA, M. T. Regeneration of used lubricant oil by ethane extraction. **Industrial & Engineering Chemistry Research**, v. 39, p. 315–322, 2005.
- RINCÓN, J.; CAÑIZARES, P.; GARCÍA, M. T. Regeneration of used lubricant oil by ethane extraction. **Journal of Supercritical Fluids**, v. 39, n. 3, p. 315–322, 2007.
- SILVA, M. A. DA et al. Avaliação do gerenciamento de resíduos de óleos lubrificantes e suas embalagens em oficinas mecânicas da cidade de Pombal – PB , Brasil Evaluation of the waste management of lubricating oils and their packaging in car repair stations of. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, p. 53–58, 2014.
- SILVEIRA, E. L. C. et al. Determinação de metais em óleos lubrificantes, provenientes de motores de ônibus urbano, utilizando a faas. **Química Nova**, v. 33, n. 9, p. 1863–1867, 2010.
- SONIA VIEIRA. **Análise de variância (ANOVA)**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- USMAN, M. A.; KAYODE-SOTE, O. G. Reclamation of used lubricating oils. **Petroleum and Coal**, v. 53, n. 2, p. 159–166, 2011.
- YANG, C. et al. Characterization and differentiation of chemical fingerprints of virgin and used lubricating oils for identification of contamination or adulteration sources. **Fuel**, v. 163, p. 271–281, 2016.



# Bioprospecção em algumas espécies de microalgas do Nordeste do Brasil em relação ao seu uso potencial para produção de biodiesel

*Bioprospecting in some species of microalgae from the Northeast of Brazil in regarding to its potential use for biodiesel production*

Clediana Dantas Calixto<sup>1\*</sup>, Rene Pinto da Silva<sup>1</sup>, Everton Vieira da Silva<sup>1</sup>,  
Marco Aurélio Rodrigues de Melo<sup>2</sup>, Nelson Roberto Antoniosi Filho<sup>3</sup>,  
Cristiane Francisca da Costa Sassi<sup>4</sup>, Marta Maria da Conceição<sup>5</sup>, Roberto Sassi<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Química – CCEN – Universidade Federal da Paraíba.

<sup>2</sup>Faculdade Internacional da Paraíba – FPB, João Pessoa -PB.

<sup>3</sup>Instituto de Química - Universidade Federal de Goiás, Goiânia - GO

<sup>4</sup>Departamento de Sistemática e Ecologia. – CCEN – Universidade Federal da Paraíba.

<sup>5</sup>Centro de Tecnologia e Desenvolvimento Regional – Universidade Federal da Paraíba.

\*clediana\_dantas@hotmail.com

**Submetido em 24/07/2016; Versão revisada em 25/09/2016; Aceito em 26/09/2016**

## Resumo

Este trabalho teve como objetivo avaliar diferentes espécies de microalgas isoladas de ambientes marinhos e de água doce da região nordeste do Brasil, em relação à sua capacidade de produção de biomassa e de acumulação de ésteres. A pesquisa também teve a intenção de caracterizar as mudanças no perfil de ácidos graxos de cada espécie e sua influência sobre as propriedades do biodiesel produzido. O desenvolvimento das culturas foi acompanhado por contagem celular e por fluorescência “in vivo” e a composição de ácidos graxos da biomassa foi determinada por CG-MS. Os resultados mostraram um uso potencial para a produção de biodiesel em *Pediastrum tetras*, *Scenedesmus acuminatus*, *Chlamydomonas* sp., *Lagerheimia longiseta*, *Amphora* sp., *Monoraphidium contortum*, *Chlorella* sp. e *Cosmarium* sp. Estas espécies mostraram elevada produtividade em biomassa (0,28 a 0,95 g L<sup>-1</sup> d<sup>-1</sup>) e conteúdos de ésteres mais elevados do que a soja (de 229,6 a 584,9 mg g<sup>-1</sup>).

**Palavras-chave:** Biocombustíveis, microrganismos fotossintetizantes, perfil de FAME.

## Abstract

This work aimed to evaluate different species of microalgae isolated from marine and freshwater environments from the Northeast of Brazil in regarding to its capacity of biomass production and accumulation of esters. The research also has the intention of characterize the changes in the fatty acid profile of each species and its influence on the properties of the produced biodiesel. The development of the cultures was accompanied by cell counts and by "in vivo" fluorescence analyses and the fatty acid composition of biomass were determined by GC-MS. The results showed a potential use for biodiesel production in *Pediastrum tetras*, *Scenedesmus acuminatus*, *Chlamydomonas* sp., *Lagerheimia longiseta*, *Amphora* sp., *Monoraphidium contortum*, *Chlorella* sp. and *Cosmarium* sp. These species showed high biomass productivity (0.28 – 0.95 g L<sup>-1</sup> d<sup>-1</sup>) and contents of the ester higher than the soybean (229.6- 584.9 mg g<sup>-1</sup>).

**Key words:** Biofuels, photosynthetic microorganisms, FAME profile.

## INTRODUÇÃO

O potencial e a perspectiva de desenvolvimento sustentável de fontes de energias renováveis têm recebido grande atenção nos últimos anos visando garantir combustível no futuro (SINGH, NIGAM e MURPHY, 2011). Os biocombustíveis representam uma alternativa energética promissora por serem renováveis e biodegradáveis, e emitirem menores quantidades de CO<sub>2</sub> para a atmosfera (CHISTI, 2007).

Quando derivados de microalgas, os biocombustíveis apresentam-se como líder no campo das pesquisas mundiais, uma vez que geram benefícios aos seres humanos e, principalmente, ao meio ambiente.

Uma vez processadas através de reações químicas ou biológicas, a biomassa das microalgas pode fornecer diferentes tipos de biocombustíveis: biodiesel, biohidrogênio, bioetanol, bioquerosene e biometano (DEMIRBAS, 2011). Todavia, atualmente o foco tem se concentrado na produção de biodiesel. O biohidrogênio também tem se popularizado com o seu potencial em aplicações modernas, como as células de combustível, enquanto o bioetanol e o biometano são considerados como parte de processos integrados (ONCEL, 2013).

Muitas vantagens justificam o uso das microalgas como promissoras na produção de biodiesel: a sua produção lipídica pode chegar até 70% da biomassa seca, dependendo da espécie e estado fisiológico em que esta se encontra (PRAGYA, PANDEY e SAHOO, 2013); a produtividade em lipídios por área cultivada é elevada quando comparadas com culturas oleaginosas; produzem co-produtos de alto valor agregado; para cultivo podem ser usadas fontes de nutrientes, tais como nitrogênio e fósforo, de uma variedade de águas residuais, bem como podem ser cultivadas em locais inóspitos, cujo solo não é favorável à prática agrícola convencional, através da implantação de fotobiorreatores, que possibilitam

ciclos contínuos de produção durante todo o ano (HU et al., 2008; SCOTT et al., 2010; WIJFFELS e BARBOSA, 2010). Entretanto, o biodiesel de microalgas ainda não é rentável a ponto de competir com o diesel fóssil, o que tem despertado uma gama de investigações para transformá-lo em um produto economicamente viável (BEHZADI e FARID, 2007; DEMIRBAS e DEMIRBAS, 2011).

A seleção de espécies de alto potencial biotecnológico é um aspecto importante a ser considerado, uma vez que pode levar à redução de custos no processo produtivo. Para ser competitiva como fonte de matéria-prima para produção de biocombustível, a espécie utilizada deve apresentar elevada eficiência fotossintética e produtividade lipídica acentuada, além de ter composição química adequada que proporcione um combustível de qualidade (JI et al., 2013). Tais fatores convergem para a necessidade da bioprospecção de espécies de microalgas, principalmente as regionais, já que a grande maioria destas ainda permanece química e metabolicamente inexplorada (SHEEHAN et al., 1998). O presente estudo teve o propósito de avaliar cepas de microalgas isoladas da região Nordeste do Brasil quanto ao seu potencial para produção de biodiesel, levando em consideração suas taxas de crescimento celular e sua composição de ésteres metílicos de ácidos graxos.

## MATERIAIS E MÉTODOS

### Coleta e isolamento das cepas de microalgas

Amostras de água de diferentes ambientes lacustres dos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia foram coletadas em frascos de vidro e garrafas PET e transportadas em condições herméticas ao Laboratório de Ambientes Recifais e Biotecnologia com Microalgas (LARBIM/UFPB), onde alíquotas das amostras foram transferidas para balões de 250 mL contendo os meios de cultura WC (GUILLARD e LORENZEN, 1972),

Zarrouk (ZARROUK, 1966) e Conway (WALNE, 1970) e mantidos numa câmara de cultivo a 25 °C ( $\pm 1$  °C) dotada de sistema de iluminação, com fotoperíodo de 12 horas.

A partir da observação do crescimento celular procedeu-se o isolamento em microscópio binocular usando micropipetas capilares (LOURENÇO, 2006). Quando constatada a obtenção de culturas unialgais, estas foram codificadas e incorporadas ao Banco de Cultura de Microalgas do LARBIM/UFPB.

A identificação das espécies cultivadas foi feita com base em suas características morfológicas utilizando critérios diacríticos (HINDAK, 1990), a partir de observações efetuadas em microscópio Leica em vários aumentos. Foram utilizadas chaves dicotômicas constantes em manuais tradicionais de ficologia (GEITLER, 1932; KOMARÉK e ANAGNOSTIDIS, 2005) e dados publicados em artigos científicos e em sites específicos. No processo de identificação também foram utilizados manuais tradicionais de ficologia a exemplo dos trabalhos de Bicudo e Menezes (2006); Sant'anna et al. (2006); Bellinger e Sigeo (2010); e Franceschini et al. (2009).

### **Cultivo e produção de biomassa**

As cepas oriundas do banco de cultura foram inoculadas em balões de 6L contendo 5L de meio de cultivo sintético, com densidade celular inicial entre  $5 \cdot 10^3$  células mL<sup>-1</sup> e  $10^4$  células mL<sup>-1</sup>. Os experimentos foram desenvolvidos em sala climatizada a 25 °C  $\pm 1$  °C com fotoperíodo de 12h e aeração constante fornecida por um minicompressor de membrana RESUNAO2.

Os experimentos foram acompanhados por meio de contagem celular em câmara Sedgewick-Rafter para as células filamentosas e em câmara de Fuchs-Rosenthal para as demais, e por medidas de fluorescência *in vivo* em fluorômetro Turner Design 10005R para a obtenção das curvas de crescimento, sendo interrompidos no início da fase estacionária.

A velocidade de crescimento (k), que representa o número de divisões celulares da população em estudo por unidade de tempo (dia), foi determinada através da equação citada em Fogg e Thake (1987).

A produtividade de biomassa (PB), que se refere à concentração (g L<sup>-1</sup> d<sup>-1</sup>) de biomassa microalgal acumulada no cultivo (GRIFFITS e HARRISON, 2009), foi determinada através da relação entre o rendimento de biomassa (RB) e a velocidade de crescimento (k).

Ao término de cada experimento a biomassa microalgal foi concentrada por centrifugação, em centrífuga refrigerada (NT 825) a 18°C, e 3500 r.p.m, congelada em Ultrafreezer (Terroni®) a -30 °C, seca em liofilizador (Terroni® LD1500) e mantida sob refrigeração para posteriores análises.

### **Análise cromatográfica dos ácidos graxos**

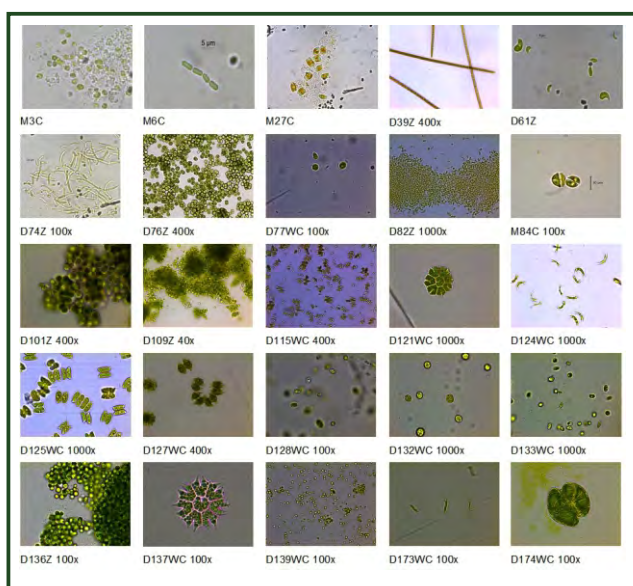
A conversão e a análise do perfil de ésteres metílicos de ácidos graxos (FAMES: Fatty Acid Methyl Esters) foram obtidos segundo o procedimento de transesterificação direta da biomassa microalgal, adaptado de Menezes et al., (2013). Os ésteres metílicos obtidos nesse processo foram identificados via cromatografia em fase gasosa usando um cromatógrafo a gás Agilent 7890, equipado com detector FID e injetor split/splitless. A coluna capilar utilizada foi a DB-WAX (30 m x 0,25 mm x 0,25  $\mu$ m); o forno operou sob temperatura inicial de 70 °C, aquecido a 10 °C min<sup>-1</sup> até 240 °C, e mantido por 13 minutos, sendo reaquecido a 5 °C min<sup>-1</sup> até 250 °C; o injetor foi mantido a temperatura de 310 °C. O volume de injeção foi de 2 $\mu$ L, no modo split, com razão de 10:1; o hidrogênio 5.0 foi utilizado como gás de arraste, à velocidade linear de 42 cm s<sup>-1</sup>, e o nitrogênio usado como gás auxiliar a 20 mL min<sup>-1</sup> (MENEZES et al., 2013). Os FAMES foram identificados pela comparação direta com amostras de oleaginosas de composição conhecida (soja), por injeção de padrões de referência de FAMES (NuCheckPrep®) e por análises via Cromatografia

Gasosa de Alta Resolução acoplada a Espectrometria de Massas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Identificação das espécies e características do cultivo

Foram isoladas 25 cepas de microalgas de distintos locais dos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia, (Figura 1). Destas, 17 cepas foram identificadas ao nível de espécie e 7 ao nível de gênero.



**Figura 1** – Microalgas isoladas de ambientes aquáticos do Nordeste brasileiro mantidas em condição de culturas uniaissais no LARBIM/UFPB. Fonte: Própria do autor.

Clones das espécies *Synechococcus nidulans* (D82Z e D109WC), *Lagerheimia longiseta* (D128WC e D133WC) e *Pediastrum tetras* (D121WC e D137WC) (Tabela 1) foram isoladas de diferentes localidades e uma diversidade de espécies compondo uma mesma região foram constatadas. O que enaltece a necessidade da bioprospecção de microalgas para produção de biocombustíveis e/ou para produção de outros compostos, visto que, cada espécie apresenta propriedades químicas e biológicas peculiares, propiciando uma variedade de aplicações.

Considerando-se os valores médios da

constante de crescimento ( $k$ ), observa-se que ocorreram diferenças acentuadas entre as espécies, com valores máximos variando entre 0,81 e 1,74  $d^{-1}$  divisões/dia para as cepas D101Z, D109WC, D121WC e D132WC. E valores mínimos de 0,11, 0,12 e 0,14  $d^{-1}$  divisões/dia para as espécies D174WC, D128WC e D136Z, respectivamente.

Quanto ao rendimento da biomassa também foram observadas distinções entre as espécies. Sendo o maior rendimento, entre as espécies marinhas, apresentado pela M3C (*Synechocystis aquatilis*), com valor de 1310  $mg L^{-1}$ . E entre as espécies dulcícolas, os maiores valores registrados foram para as cepas D39Z, D74Z, D76Z e D125WC, variando entre 630-994  $mg L^{-1}$ . Vale ressaltar que espécies marinhas sempre contêm uma quantidade significativa de sal residual, o que interfere na quantificação final, podendo superestimar esse resultado.

Clones das espécies *Synechococcus nidulans* (D82Z e D109WC), *Lagerheimia longiseta* (D128WC e D133WC) e *Pediastrum tetras* (D121WC e D137WC) mostraram variações nos valores médios do  $k$  (de 0,41-1,11  $d^{-1}$ ; 0,12-0,66  $d^{-1}$ ; 0,81-0,64  $d^{-1}$ , respectivamente) e nas quantidades totais de biomassa (de 394-552  $mg L^{-1}$ ; 270-430  $mg L^{-1}$ ; 508-166  $mg L^{-1}$ , respectivamente). Esses dados são relevantes, visto que tanto as condições do habitat natural, como as condições de cultivo refletem em distintas respostas fisiológicas e metabólicas de cada clone.

Os dados apresentados demonstram viabilidade de algumas espécies para cultivo em larga escala, por estas apresentarem valores de taxas de divisão celular superiores a de espécies que vem sendo aplicadas largamente em produção em massa. A exemplo da *Dunaliella tertiolecta* reportada por Roleda et al., (2013) e da *Chlorella vulgaris*, *Scenedesmus obliquus* e *Botryococcus braunii* cultivadas por Nascimento et al., (2013), que apresentaram valores respectivos de 0,53  $d^{-1}$ , 0,21  $d^{-1}$  e 0,14  $d^{-1}$ .

Tabela 1

Dados de procedência e parâmetros de crescimento das cepas de microalgas.

Fonte: Própria do autor

Cepa	Identificação	Procedência	k (d <sup>-1</sup> )	Rendimento biomassa (mg L <sup>-1</sup> )
M3C	<i>Synechocystis aquatilis</i>	Cabo Branco - PB	0,26±0,16	1310
M6C	<i>Romeria gracilis</i>	Cabo Branco - PB	0,36±0,17	528
M27C	<i>Aphanothece</i> sp.	Cabo Branco - PB	0,54±0,02	444
D39Z	<i>Plankthotrix isothrix</i>	Açude de Acauã - PB	0,33±0,12	630
D61Z	<i>Nephrochlamys subsolitaria</i>		0,39±0,07	594
D74Z	<i>Rhabdoderma lineare</i>	Barreiro Sacramento - PB	0,51±0,10	724
D76Z	<i>Chlorococcum cf hypnosporum</i>	Rio Quinturaré - PB	0,30±0,04	640
D77WC	Clorofíceas não identificadas	João Pessoa - PB	0,63±0,21	550
D82Z	<i>Synechococcus nidulans</i>	Açude da Quixaba, Frei Martinho - PB	0,41±0,06	394
M84C	<i>Amphora</i> sp.	Pitimbu - PB	0,48±0,23	668
D101Z	<i>Chlorella</i> sp.	ETE Mangabeira, João Pessoa - PB	1,74±0,31	545
D109WC	<i>Synechococcus nidulans</i>	Nascente Grau	1,11±0,16	552
D115WC	<i>Scenedesmus acuminatus</i>	Frei Martinho - PB	0,60±0,13	610
D121WC	<i>Pediastrum tetras</i>	Frei Martinho-PB	0,81±0,26	508
D124WC	<i>Monoraphidium contortum</i>	Frei Martinho-PB	0,43±0,17	388
D125WC	<i>Scenedesmus quadricauda</i>	Balneário Pitimbu - PB	0,31±0,09	994
D127WC	<i>Staurastrum rotula</i>	Balneário Pitimbu - PB	0,42±0,13	278
D128WC	<i>Lagerheimia longiseta</i>	Balneário Pitimbu - PB	0,12±0,05	270
D132WC	<i>Chlamydomonas</i> sp.	Cachoeira da Purificação - BA	0,95±0,27	536
D133WC	<i>Lagerheimia longiseta</i>	Açude Malhada Limpa - RN	0,66±0,15	430
D136Z	<i>Chlorococcum</i> sp.	Açude Prainha, Frei Martinho-PB	0,14±0,07	482
D137WC	<i>Pediastrum tetras</i>	Açude São Anastácio - CE	0,64±0,41	166
D139WC	<i>Synechocystis</i> sp	Lago Hotel Village - PE	0,67±0,31	110
D173WC	<i>Monoraphidium contortum</i>	Lagoa Tapada - PB	0,45±0,21	284
D174WC	<i>Cosmarium</i> sp.	Açude Itapororoca - PB	0,11±0,03	364

## Produtividade de biomassa e quantificação de ésteres

Os maiores valores de produtividade de biomassa foram obtidos para as espécies D101Z ( $0,94 \text{ g L}^{-1} \text{ d}^{-1}$ ), D109WC ( $0,61 \text{ g L}^{-1} \text{ d}^{-1}$ ) e D132WC ( $0,51 \text{ g L}^{-1} \text{ d}^{-1}$ ), Figura 2. Estas cepas não apresentaram as maiores concentrações de biomassa, mas refletem as maiores taxas de divisão celular. Por outro lado, destaca-se a D74Z ( $0,37 \text{ g L}^{-1} \text{ d}^{-1}$ ) e a D125WC ( $0,31 \text{ g L}^{-1} \text{ d}^{-1}$ ) pelo valor considerável de concentração de biomassa.

Como observado, a taxa de divisão celular e a concentração de biomassa nem sempre se relacionam, sendo necessário calcular a produtividade deste parâmetro para possibilitar a avaliação da produção de lipídeos/ésteres que serão extraídos a fim de convertê-los em biodiesel. Dessa forma, se faz necessário selecionar cepas com alta produtividade, capazes de sintetizar elevados teores lipídicos e que apresentem ainda uma parede celular pouco rígida para facilitar a extração dos biocompostos (LOURENÇO, 2006).

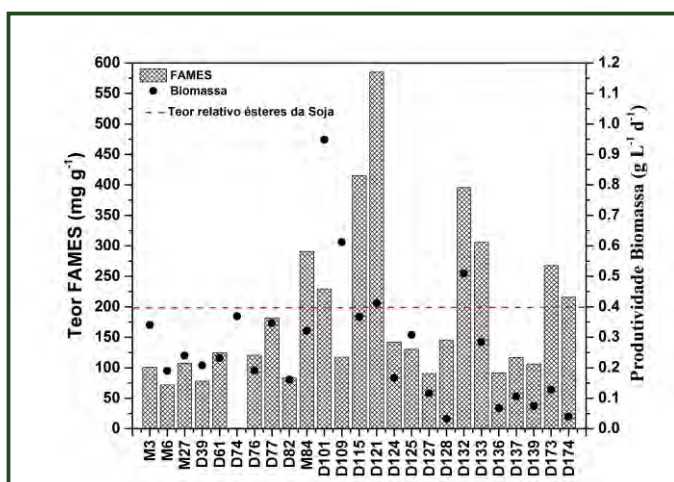


Figura 2 – Rendimento de ésteres e produtividade de biomassa das microalgas isoladas. Fonte: Própria do autor.

Elevados teores de óleos nem sempre correspondem a elevadas conversões em ésteres (YAO et al., 2015). Nessa perspectiva, a análise quantitativa de ésteres de ácidos graxos que compõem cada matriz é outro parâmetro de interesse para seleção de espécies produtoras de biodiesel. Dentre as espécies analisadas, verificou-

se que dezessete apresentaram teor de ésteres inferior à soja, que é a oleaginosa mais participativa na cadeia produtiva de biodiesel no Brasil, Figura 2. E estas espécies apresentaram ainda valores de produtividade de biomassa medianos, o que não as qualifica para propósitos de cultivo em massa.

As espécies M84C, D101Z, D115WC, D121WC, D132WC, D133WC, D173WC e D174WC, em contrapartida, se destacaram pelo teor de éster mais elevado que o quantificado para a soja ( $196,9 \text{ mg g}^{-1}$ ) (MENEZES et al., 2015). Esses valores servem como um importante indicativo, já que é este parâmetro que determinará a quantidade final do biocombustível a ser obtido.

Menezes et al., (2013) avaliaram a potencialidade de seis microalgas dulcícolas para a produção de biodiesel e constataram que destas, apenas uma apresentava teor de éster bastante elevado, cerca de 215% em relação a soja. As demais permearam entre 102% e 129%. Esses achados são inferiores aos valores obtidos em grande parte das espécies destacadas neste estudo.

Quando se faz uma análise comparativa entre o teor de ésteres e a produção de biomassa, constata-se que algumas espécies que apresentam elevados rendimentos em FAMES apresentam baixa produtividade de biomassa ou vice-versa, a exemplo principalmente da D74Z, D109WC, D173WC e D174WC. Este fato faz com que essas microalgas, na prática, não apresentem rentabilidade de ésteres ou biomassa tão elevada quando se avalia apenas o teor total de cada parâmetro, o que pode comprometer o cálculo da produtividade do biodiesel.

Em contrapartida, quando se avalia esse conjunto merecem destaque as espécies M84C, D101Z, D115WC, D121WC, D132WC e D133WC que apresentam teores de ésteres bem superiores à soja e produtividade de biomassa que varia de  $0,3$  a  $0,9 \text{ g L}^{-1} \text{ d}^{-1}$ . Tendo em vista tais parâmetros, estas seriam espécies potenciais para produção de

biodiesel de microalgas.

Os dados obtidos mostram relevância quando se faz referência aos reportados por Ahmad et al., (2011), que ao avaliarem 30 espécies de microalgas de diferentes classes, constataram que apenas a *Nannochloropsis* sp. apresentava produtividade de biomassa e quantidade de lipídeos de forma satisfatória, para categorizá-la como boa opção para produção de óleo e biodiesel.

### Perfil de ésteres metílicos de ácidos graxos

As 25 espécies analisadas apresentaram diversificações na composição de ésteres de ácidos graxos, tanto em relação às variações de comprimento das cadeias, geralmente entre quatorze e vinte quatro carbonos, quanto aos teores de insaturações (Tabela 2). Um perfil adequado de ésteres é desejável para que o biodiesel produzido alcance os padrões de qualidade exigidos internacionalmente (NASCIMENTO et al., 2013; PEREIRA et al., 2013; WIJFFELS e BARBOSA, 2010).

**Tabela 2**

Perfil de ésteres metílicos de ácidos graxos das vinte e cinco espécies de microalgas.

Fonte: Própria do autor.

FAME (%)	Cepas de Microalgas																								
	M3	M6	M27	D39	D61	D74	D76	D77	D82	M84	D101	D109	D115	D121	D124	D125	D127	D128	D132	D133	D136	D137	D139	D173	D174
C14:0	8	0,2	1,3		1	35,9	2,1	0,8	1,5	9,7	2,6	2,6	0,5	1,8	3,5	1,4	3,3	0,8	1	1,8	1,3	2,6	1,2	0,9	1,6
C16:0	35,8	47,3	30,2	34,5	17,9	10,6	15,4	21,7	40,3	40,1	16,8	23,8	31,5	29,7	29,9	21,2	23,8	43,6	29,1	47,7	34,5	31,5	36,6	20,9	37,3
C16:1	23,1	15,1	36,1	6	2,3	41,4	7,5	0,5	18,6	32,8	7,4	3	1,4	1	2,4	0,3	1,4	0,9	6,2	4,6	1,6	3,6	0,3	0,8	0,4
C16:2			1		2,5		0,4	2,6		0,7	1,4	1,5	1,7	0,3	1,1	0,6	0,7	3,4	1,5	4,1	21,3	0,4	1,8	1,5	0,6
C16:3			2,4		0,7			4,8	0,8	1,4		9,5	1,6	4,2	11,8	10	18,3	2	1,3	1,1		6,1	3,5	14,7	7,6
C17:0	0,3	1,6						5,8	0,3	1,8	3,8	7,6		1,5	0,8	2,9	2,9	0,4				0,9	0,9	2	1,5
C17:1	0,4	3,9				0,7			0,6	0,2	8,7		2,2						5,6	1,6					
C18:0	0,9	0,6	1	1,9	1,2	0,6	0,8	2,3	0,4	0,7	1	0,8	9,8	2,8	0,7	1,3	1,9	0,9	5	3,7	0,6	1,3	3,5	0,3	1,5
C18:1	7	15,1	5	7,7	26,9	2,2	22,5	36	7,5	2,8	23,1	6,8	31,9	33,9	14,8	23,6	10,5	29,5	20,1	20,4	9,6	18,3	33,5	17,3	7,4
C18:2	3,9	9,9	7,7	30,1	10		8,6	13,1	18,7	1,7	11,2	20	10,9	8,2	4,9	16,1	8,1	7,7	6,5	4,5	19,9	6	9,2	10,5	19,8
C18:3	0,2	5,3	1,4	19,8	13,5		28,3	10,9	9,3	0,5	20,6	21,5	7,3	11,7	24,5	19,5	21,4	7,5	12,6	5,9	8,2	13,7	4,8	23,9	15,7
C18:4	0,2	5,3	0,9		5,6		0,4	0,6		0,9	0,2		0,8	1,8	2,6	2,4	3,7		9,5	0,5	0,6	11,3	1	5,2	2,5
C20:4	2,9						0,5			0,8	0,3										0,6				
C20:5	14,4												0,6									0,9		0,5	2,8
C21:0			11,2		0,5																				
C24:0					4,7																				
SFA	47,8	50,3	43,7	36,4	26,5	48	18,3	31,2	43,5	54,5	25,5	37,1	42	37,7	36,7	27,5	34,3	47,6	35,9	53,8	38,4	38,6	43,9	25,2	42,7
MUFA	30,5	34,1	41,1	13,7	32,2	52	30	36,8	27,7	36,5	40,8	10,4	35,7	35,5	18,4	23,9	13,5	31,8	32,1	29,5	11,6	23	35,8	18,5	8,3
DUFA	3,9	10,1	10,5	30,1	12,5		9	15,7	18,7	2,4	12,6	21,5	12,6	8,5	6	16,7	8,8	11,1	8	8,6	41,2	6,4	11	12	20,4
TUFA	0,2	5,3	3,8	19,8	15,9		29,2	15,7	10,1	1,9	20,6	31	8,9	15,9	36,3	29,5	39,7	9,5	13,9	7	8,2	19,8	8,3	38,6	23,3
PUFA	17,3		0,9		12,8		13,6	0,6		4,7	0,5		0,8	2,4	2,6	2,4	3,7		9,5	1,1	0,6	12,2	1	5,7	5,3

Quanto à composição, a espécie D74Z destaca-se por apresentar elevado teor de ácido mirístico (C14:0), (35,9%), enquanto as demais apresentam teores que permeiam entre 0,2% a 9,7%.

O ácido palmítico (C16:0) é o ácido predominante em grande parte das espécies, com valores entre 10% e 47,3%. Esse ácido pode ser utilizado como surfactante em produtos de limpeza e na produção de cosméticos, sendo sua principal fonte atualmente a palma (dendê) que produz cerca

de 40% (ZAMBIAZI et al., 2007).

O ácido palmitoléico também merece destaque por estar presente em todas as espécies variando desde 0,3% até 41,4%. Apresentando aplicações importantes para a indústria por constituir o grupo dos ácidos graxos essenciais. A literatura afirma que a concentração desse ácido diverge bastante entre as espécies, e que esta pode ser induzida em cultivos para acréscimos no seu teor. A exemplo da espécie *Chlorella minutíssima*, que quando cultivada em condições otimizadas

(35°C, 2500 lux, fonte de carbono NaHCO<sub>3</sub> e concentração de NO<sub>3</sub><sup>-</sup> de 1,0 g L<sup>-1</sup>) propiciou um teor considerável deste ácido de 82,63% (COSTA et al., 2006).

O ácido hexadecatrienóico (C16:3) não é comumente encontrado em oleaginosas tradicionais, mas em algumas microalgas apresenta-se com valores consideráveis, a exemplo das espécies D127WC (18,3%), D173WC (14,7%), D124WC (11%) e D125WC (10%). Este ácido, em relação ao biodiesel, pode causar problemas de estabilidade, mas apresenta potencialidade em aplicações nutricionais por fazer parte do grupo dos ω-3. Fato este que demonstra a viabilidade destas espécies, já que o consumo de ω-3 obtido de microalgas é benéfico para o desenvolvimento humano, e para a prevenção de problemas coronários, câncer, diabetes, fibrose cística, artrites, asma, esquizofrenia e depressão (VON SHACKC, 2008; FERREIRA et al., 2013).

O ácido esteárico (C18:0), que tem predominância em diversas oleaginosas, é encontrado em concentrações irrisórias nas microalgas avaliadas, com exceção da espécie D115WC (9,8%). Contudo, esses valores podem ser elevados para outras cepas de microalgas, a exemplo de *Cyanobacterium aponinum* e *Phormidium* sp. analisadas por Karatay e Dönmez (2011), que apresentaram teores de 29,4% e 47,6%, respectivamente.

Os ácidos insaturados oléico, linoléico e linolênico são encontrados em elevados teores na maioria das espécies, ressaltando-se os valores para o linolênico que é encontrado em até 28% nas microalgas, o qual se mostra extremamente propenso aos processos oxidativos do óleo e, conseqüentemente, do biodiesel produzido.

A M3C (*Synechocystis aquatilis*) é uma espécie com potencialidade para indústria alimentícia e farmacêutica por conter 14% de eicosapentaenóico (EPA - C20:5), extremamente importante dentro do grupo dos ômega. O ácido

estearidônico (C18:4), também se destaca para estas aplicações, sendo encontrado com valores consideráveis nas espécies D137WC (11,3%) e D132WC (9,5%), em quantidades superiores ao obtido em óleo de peixe, por exemplo. (MOURA et al., 2006).

A cepa M27C apresentou 11,2% de C21:0 (ácido heneicosanóico) e a D61Z 4,7% de C24:0 (ácido lignocérico), ácidos de cadeia saturada longa, composição que não é comum em culturas oleaginosas terrestres, e que pode conferir problemas de fluxo ao biodiesel produzido por essas microalgas. As cadeias longas saturadas apresentam facilidade de acoplamento de suas estruturas e propensão à nucleação e cristalização a baixas temperaturas. Mas, em contrapartida estas podem propiciar índices de cetano elevados para o biocombustível produzido (KNOTHE, 2008).

Ao analisar quantitativamente as amostras quanto ao teor de saturação verifica-se que as espécies M6C, M84C e D133WC apresentam mais que 50% de ésteres saturados. Merecendo destaque ainda, a M3C, a D74Z e a D128WC que apresentam valores próximos, mas não superiores a este quantitativo. Estes elevados teores de saturação propiciam biodiesel com elevada estabilidade, mas em contrapartida pode gerar um combustível com problemas de fluidez (LÔBO et al., 2009).

Ao avaliar em conjunto os teores de ésteres saturados e monoinsaturados devem ser elencadas as espécies M3C, M6C, M27C, D74Z, D82Z, M84C, D115WC, D121WC, D132WC, D133WC e a D139WC que apresentam teores entre 70 e 85% e demonstram viabilidade para produção de biodiesel. A associação desses dois grupos confere maior estabilidade oxidativa ao combustível obtido devido a menor presença de insaturações, que são sítios de ataque do oxigênio ou de outros agentes que desencadeiam as reações radiculares que degradam o biodiesel. Além do que, a presença de uma ligação dupla propicia melhora no desempenho



das propriedades de fluxo do combustível (PARK et al., 2008)

Nascimento et al., (2013) avaliaram várias estirpes de microalgas e identificaram *Ankistrodesmus falcatus*, *Coelastrum microporum*, *Chlorella vulgaris* e *Botryococcus terribilis* com perfil de ácido graxo predominantemente saturado, e as *Desmodesmus brasiliensis*, *Pseudokirchneriella subcapitata*, e *Botryococcus braunii* majoritariamente monoinsaturado. Os mesmos autores inferiram ainda que duas espécies *Chlamydomonas* sp. e *Scenedesmus obliquus* apresentaram um total de ácidos saturados e monoinsaturados em torno de 90%, valor este superior ao encontrado para a *Chlamydomonas* sp. (D132WC) e as espécies de *Scenedesmus* (D115WC e D125WC) relatadas no presente estudo.

Quando se avalia o teor de TUFA e PUFA das microalgas constata-se teores em torno de 40% em algumas cepas, como a D76Z, D124WC, D127WC e D173WC. Esses valores são extremamente elevados para um biodiesel, visto que estas estruturas propiciam susceptibilidade à oxidação e, conseqüentemente, menor tempo de estocagem e problemas no funcionamento dos motores, fato que discriminaria estas cepas como não potenciais para produção de biodiesel.

Elevados teores de ésteres poli-insaturados também foram observados para microalgas que são relatadas na literatura como fontes de matéria-prima potencial para a produção de biodiesel, tais como *Chlorella vulgaris*, *Dunaliella tetiolecta* e *Neochloris oleabundans* (GOUVEIA e OLIVEIRA, 2009). Vale ressaltar que essas microalgas podem agregar valor ao processo produtivo do biodiesel, caso esses compostos forem destinados à indústria farmacêutica ou de alimentos.

## CONCLUSÕES

Ao analisar as vinte e cinco espécies isoladas

neste estudo, constatou-se que todas apresentam significância em algum parâmetro analisado. Contudo, para produção de biodiesel destacam-se as espécies M84C, D101Z, D115WC, D121WC, D132WC e D133WC, por reunirem elevadas taxas de crescimento celular, concentração de biomassa e teor de ésteres superior à soja, além de apresentarem uma composição de ácidos graxos favoráveis para a produção de biodiesel que se adequam às normatizações de qualidade especificadas pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

## REFERÊNCIAS

- AHMAD, A. L.; YASIN, N. H. M.; DEREK, C. J. C.; LIM, J. K. Microalgae as a sustainable energy source for biodiesel production: a review. **Renewable & Sustainable Energy Reviews**, v.15, p.584–593, 2011.
- BEHZADI, S.; FARID, M. M. Review: examining the use of different feedstock for the production of biodiesel. **Journal of Chemical & Engineering Data**, v.2, p.480–486, 2007.
- BELLINGER, E. G.; SIGEE, D. C. Algas de água doce: Identificação e uso como bioindicadores. **Journal of Applied Phycology**, v.25, n.4, p. 265-1266, 2010.
- BICUDO, C. E. M.; MENEZES, M. Gêneros de algas de águas continentais do Brasil. 2. ed. São Carlos: RiMa, 2006.
- CHISTI, Y. Biodiesel from microalgae. **Biotechnology advances**, v. 25, n. 3, p. 294-306, 2007.
- COSTA, J.A. V.; RADMANN, E. M.; CERQUEIRA, V. S. E.; SANTOS, G. C. E.; CALHEIROS, M. N. Perfil de ácidos graxos das microalgas *Chlorella vulgaris* e *Chlorella minutíssima* cultivadas em diferentes condições. **Alimentos e Nutrição**, Araraquara, v.17, n.4, p.429-436, 2006.
- DEMIRBAS, A.; DEMIRBAS, M.F. Importance of

- algae oil as a source of biodiesel. **Energy Conversion and Management**, v.52, p.163–170, 2011.
- DEMIRBAS, M. F. Biofuels from algae for sustainable development. **Applied Energy**, v.88, p.3473-3480, 2011.
- FERREIRA, S. P.; SOUZA-SOARES, L.; COSTA, J. A. V. Revisão: microalgas: uma fonte alternativa na obtenção de ácidos gordos essenciais. **Revista de Ciências Agrárias**, v. 36, n. 3, p. 275-287, 2013.
- FRANCESCHINI, I. M.; BURLIGA, A. L.; REVIERS, B.; PRADO, J. F.; REZIG, S. H. Algas: uma abordagem filogenética, taxonômica e ecológica. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOGG, G.E.; THAKE, B. Algae Cultures and Phytoplankton Ecology. third ed. The University of Wisconsin Press Ltd., London, 1987.
- GEITLER, L. Cyanophyceae. In: RABENHORST, L. **Akademische Verlags- gesellschaft**, Leipzig, v. 14, p.1196, 1932.
- GOUVEIA, L.; OLIVEIRA, A. C. Microalgae as raw material for biofuels production. **Journal of Industrial Microbiology and Biotechnology**, v. 36, p. 269-274, 2009.
- GRIFFITHS, M.J.; HARRISON, S.T.L. Lipid productivity as a key characteristic for choosing algal species for biodiesel production. **J. Appl. Phycol**, v.21, p.493-507, 2009.
- GUILLARD, R. R. L.; LORENZEN, C. J. Yellow-green algae with chlorophyllidc. **Journal of Phycology**, v.8, p.10-14, 1972.
- HINDAK, F. Studies on the Chloroccal Algae (Chlorophyceae). Bratislava: Veda Publishing House of The Slovak Academy of Sciences, p.225, 1990.
- HO, S. H.; LAI, Y. Y.; CHIANG, C. Y.; CHEN, C. N. N.; CHANG, J. S. Selection of elite microalgae for biodiesel production in tropical conditions using a standardized platform. **Bioresource Technology**, v.147, p.135–142, 2013.
- HU, Q.; SOMMERFELD, M.; JARVIS, E.; GHIRARDI, M.; POSEWITZ, M.; SEIBERT, M.; DARZINS, A. Microalgal triacylglycerols as feedstocks for biofuel production: Perspectives and advances. **Plant Journal**, v.54, p.621–639, 2008.
- JI, F.; HAO, R.; LIU, Y.; LI, G.; ZHOU, Y.; DONG, R. Isolation of a novel microalgae strain *Desmodesmus* sp. and optimization of environmental factors for its biomass production. **Bioresource Technology**, v.148, p.249–254, 2013.
- KARATAY, S. E.; DÖNMEZ, G. Microbial oil production from thermophile cyanobacteria for biodiesel production. **Applied Energy**, v.88, n.11, p.3632–3635, 2011.
- KNOTHE, G. “Designer” biodiesel: optimizing fatty ester composition to improve fuel properties. **Energy & Fuels**, v. 22, n. 2, p. 1358-1364, 2008.
- KOMARÉK, J.; ANAGNOSTIDIS, K. Cyanoprokaryota. Teil: Oscillatoriales. In : BÜDEL, B.; KRIENITZ, L.; GÄRTNER, G.; SCHAGERL, M. **Süßwasserflora von Mitteleuropa** München: Elsevier Spektrum Akademischer Verlag. p.759, 2005
- LÔBO, I. P.; FERREIRA, S. L. C.; CRUZ, R. S. Biodiesel: quality parameters and analytical methods. **Química Nova**, v.32, n.6, p. 1596-1608, 2009.
- LOURENÇO, S. O. **Cultivo de Microalgas Marinhas: Princípios e Aplicações**. 1. ed. São Paulo: Rima, 2006.
- MENEZES, R. S.; LELES, M. I. G.; SOARES, A.T.; FRANCO, P. I. M.; ANTONIOSI FILHO, N. R.; SANT’ANNA, C. L.; VIEIRA, A. A. H. Avaliação da potencialidade de microalgas dulcícolas como fonte de matéria-prima graxa para a produção de biodiesel. **Química Nova**, v.13, n.1, p.10-15, 2013.
- MENEZES, R. S.; SOARES, A. T.; LOPES, R. G.; MAGNOTTI, C.; DERNER, R. B.; MORI, C. C.; VIEIRA, A. A. H.; ANTONIOSI FILHO, N. R. Evaluation of fatty acid composition of the microalgae *Choricystis minor* var. minor according to two different nutrient feeding strategies. **Journal of Renewable and Sustainable Energy**, v. 7, p. 043117, 2015.

- MOURA, J. M. L. N.; GONÇALVES, L. A. G.; GRIMALDI, R.; SOARES, M. S.; RIBEIRO, A. P. B. Otimização das Condições de Produção de Ésteres Etilícos a partir de Óleo de Peixe com Elevado Teor de Ácidos Graxos  $\omega$ -3. **Química Nova**, v. 29, n.5, p.956-959, 2006.
- NASCIMENTO, I.; MARQUES, S.; CABANELAS, I.; PEREIRA, S.; DRUZIAN, J.; SOUZA, C.; VICH, D.; CARVALHO, G.; NASCIMENTO, M. Screening microalgae strains for biodiesel production: lipid productivity and estimation of fuel quality based on fatty acids profiles as selective criteria. **BioEnergy Research**, v.6, p.1–13, 2013.
- ONCEL, S. S. Microalgae for a macroenergy world. **Renewable and Sustainable Energy Reviews**, v.26, p.241–264, 2013.
- PARK, J. Y.; KIM, D. K.; LEE, J. P.; PARK, S. C.; KIM, Y. J.; LEE, J. S. Blending effects of biodiesels on oxidation stability and low temperature flow properties. **Bioresource technology**, v.99, n.5, p.1196-1203, 2008.
- PEREIRA, H.; BARREIRA, L.; CUSTÓDIO, L.; ALROKAYAN, S.; MOUFFOUK, F.; VARELA, J.; ABU-SALAH, K.; BEN-HAMADOU, R. Isolation and fatty acid profile of selected microalgae strains from the Red Sea for biofuel production. **Energies**, v.6, n.6, p.2773–2783, 2013.
- PRAGYA, N.; PANDEY, K. K.; SAHOO, P. A review on harvesting, oil extraction and biofuels production technologies from microalgae. **Renewable & Sustainable Energy Reviews**, v.24, p.159–71, 2013.
- ROLEDA, M. Y.; SLOCOMBE, S. P.; LEAKEY, R. J.; DAY, J. G.; BELL, E. M.; STANLEY, M. S. Effects of temperature and nutrient regimes on biomass and lipid production by six oleaginous microalgae in batch culture employing a two-phase cultivation strategy. **Bioresource Technology**, v.129, p.439–449, 2013.
- SANT'ANNA, C. L.; AZEVEDO, M. T. P.; AGUJARO, L. F.; CARVALHO, L. R.; SOUZA, R. C. R. Manual ilustrado para identificação e contagem de cianobactérias planctônicas de águas continentais brasileiras. Rio de Janeiro: Interciência. 2006.
- SCOTT, S. A.; DAVEY, M. P.; DENNIS, J. S.; HORST, I.; HOWE, C. J.; LEA-SMITH, D. J.; SMITH, A. G. Biodiesel from algae: challenge and prospects. **Current Opinion in Biotechnology**, v.21, p.277–286, 2010.
- SHEEHAN, J.; DUNAHAY, T.; BENEMANN, J.; ROESSLER, P. A look back at the U.S. Department of Energy's aquatic species program: biodiesel from algae. NREL/TP-580-24190, National Renewable Energy Laboratory, USA, 1998.
- SINGH, A.; NIGAM, P. S.; MURPHY, J. D. Mechanism and challenges in commercialisation of algal biofuels. **Bioresource Technology**, v.102, p.26–34, 2011.
- VON SHACKC, C. Omega-3 fatty acids: antiarrhythmic, proarrhythmic or both? **Current Opinion in Clinical Nutrition & Metabolic Care**, v. 11, p. 9-94, 2008.
- WALNE, P. R. Studies on the food values of nineteen genera of algae to juvenile bivalves of the genera *Ostrea*, *Crassostrea*, *Mercenaria* and *Mytilus*. **Minist. Agric. Fish. & Food**, London. v. 25, n. 5, p.62, 1970.
- WIJFFELS, R. H.; BARBOSA, M. J. An outlook on microalgal biofuels. **Science**, v.329, p.796–799, 2010.
- YAO, L.; GERDE, J. A.; LEE, S. L.; WANG, T.; HARRATA, K. A. Microalgae lipid characterization. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, v.63, p.1773-1787, 2015.
- ZAMBIAZI, R. U. I. C.; PRZYBYLSKI, R.; ZAMBIAZI, M. W.; MENDONÇA, C. B. Fatty Acid Composition Of Vegetable Oils And Fats. **Boletim CEPPA**, Curitiba, v. 25, n. 1, p. 111-120, 2007.
- Z A R R O U K , C . **C o n t r i b u t i o n a l'etuded'unecyanophycee: influence de divers facteurs physiques etchimiquessur la croissance et la photosynthese de Spirulina maxima (Setch et Gardner) Geitler**. Theises. Faculty of Science.Universite des Paris; 1966.

# NOVAS NORMAS PARA SUBMISSÃO DE ARTIGOS À REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL

(aprovadas pelo Conselho Editorial em 14 de setembro de 2014)

A Revista de Química Industrial (RQI) publica artigos técnico-científicos relacionados à área industrial e à pesquisa, desenvolvimento e inovação (P&D&I), inclusive o desenvolvimento de técnicas analíticas. Também publica resenhas de livros e outros tópicos das áreas de engenharia química e da química industrial.

Serão aceitos estudos de caso quando contribuírem para aumentar o entendimento acerca de aspectos como riscos à saúde, impactos ambientais, ecoeficiência, emprego de novos materiais etc.

São também bem-vindos artigos versando sobre Educação e História da Química que estabeleçam um elo com a área industrial.

## INSTRUÇÕES GERAIS

a) A submissão de um artigo à RQI implica que ele não foi previamente publicado, salvo na forma de resumo ou parte de um trabalho acadêmico (monografia, dissertação, tese), não está sendo submetido simultaneamente a outra revista e não será submetido futuramente, caso aceito para publicação na RQI. Subentende-se que o autor responsável pela submissão tem o consentimento dos demais coautores e das respectivas instituições a que pertençam. Os autores ficam desde já cientes de que todos os direitos autorais do artigo submetido pertencerão à Associação Brasileira de Química, caso o mesmo seja aceito para publicação.

b) Os artigos poderão ser escritos em Português ou Inglês. No caso de artigos em língua inglesa, o texto que não possuir qualidade mínima apropriada a uma publicação em periódico será devolvido aos autores.

c) Todos os artigos devem ser digitados em fonte Arial corpo 11, espaçamento 1,5 entre linhas, margens 2,5 cm e alinhamento justificado. O arquivo deve estar em um dos formatos .doc, .docx ou .rtf e não pode conter qualquer tipo de marcação.

d) A primeira página deverá conter na parte superior o título do artigo (em português e inglês), os nomes completos dos autores e suas respectivas instituições de vínculo (nome e endereço completo, incluindo cidade, estado e país). O autor responsável pelo artigo deve incluir um e-mail de contato. A seguir, deverá constar o resumo, limitado a 150 palavras, três palavras-chave (separadas por vírgulas) e a tradução de ambos para a língua inglesa (abstract, keywords). O resumo deve citar sucintamente o propósito do artigo, os resultados mais relevantes e as conclusões principais.

e) Os artigos submetidos devem enquadrar-se em uma das categorias abaixo:

**Artigo completo:** refere-se a estudos completos e inéditos. Deve ser estruturado de acordo com a ordem: Introdução - Materiais e métodos - Resultados e discussão – Conclusões – Agradecimentos - Referências.

**Comunicação:** também se refere a estudo inédito, mas com uma quantidade reduzida de dados experimentais que, contudo, possuem impacto significativo para justificar uma publicação.

**Nota técnica:** seção destinada à divulgação de métodos analíticos, técnicas laboratoriais ou industriais e aparelhagens desenvolvidas pelos autores do artigo. Deve seguir a mesma estrutura apresentada para os artigos completos.

**Revisão:** serve à divulgação do estado da arte de uma determinada área da química pertinente ao escopo da RQI.

**Opinião:** pesquisadores e profissionais renomados de uma determinada área da química abrangida pela RQI podem, a exclusivo convite do Editor, ser convidados a redigir um artigo versando sobre pontos específicos de suas áreas, tais como: política industrial, perspectivas econômicas, mercado de trabalho, investimentos em P&D&I etc.

Para a preparação de seu artigo, a íntegra das normas de submissão pode ser consultada acessando <http://www.abq.org.br/rqi/instrucoes-para-submissao-de-artigos-tecnicos-cientificos.html>.



# SINDIQUIM/RS

**Conduzindo o desenvolvimento da  
Indústria Química do Rio Grande do Sul**

**Atualmente nossas indústrias estão comprometidas com a sustentabilidade do planeta através da Química Verde que provém da natureza e de onde surge a química para o nosso cotidiano.**



SINDICATO DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
Avenida Assis Brasil, 8787 – Sistema FIERGS/CIERGS  
Fone: (51) 3347-8758 – Fax: (51) 3331-5200 – CEP 91140-001 – Porto Alegre – RS  
e-mail: [sindiquim-rs@sindiquim.org.br](mailto:sindiquim-rs@sindiquim.org.br) – site: [www.sindiquim.org.br](http://www.sindiquim.org.br)